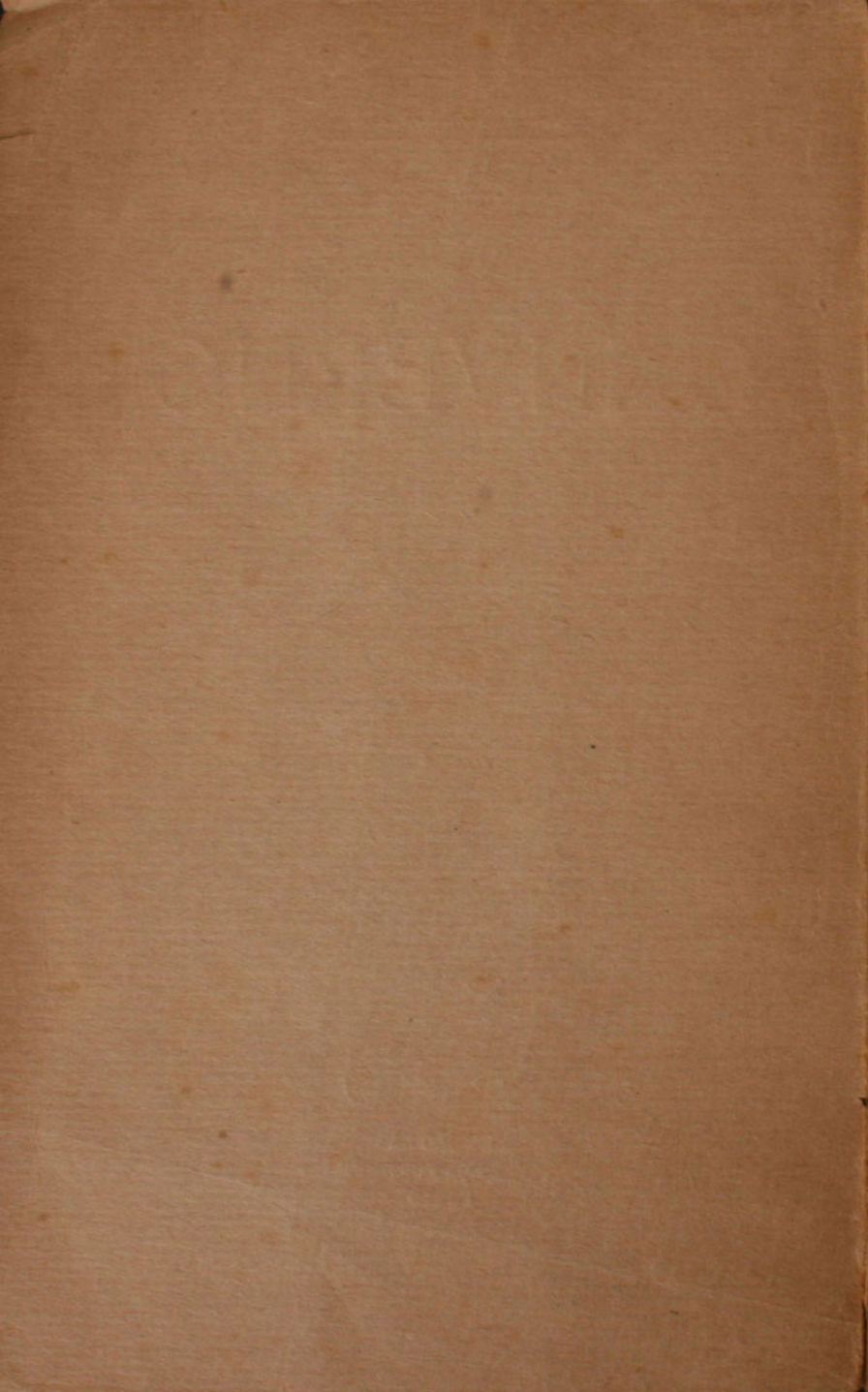


CESAR PORTO

O INVERNO

EDIÇÃO DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO





A Fernando Pessoa

como testemunho de estima,
g.^o de consid.^o e ^{de} compatibilidade
literária

of.

o autor

Lesar Porto

1.^a
24. 23. 6. 917.

Direitos reservados

O INVERNO

OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR

Versos (de Mizaldo)
Ladeira acima, — versos
Tragédia antiga, — teatro

Romances :

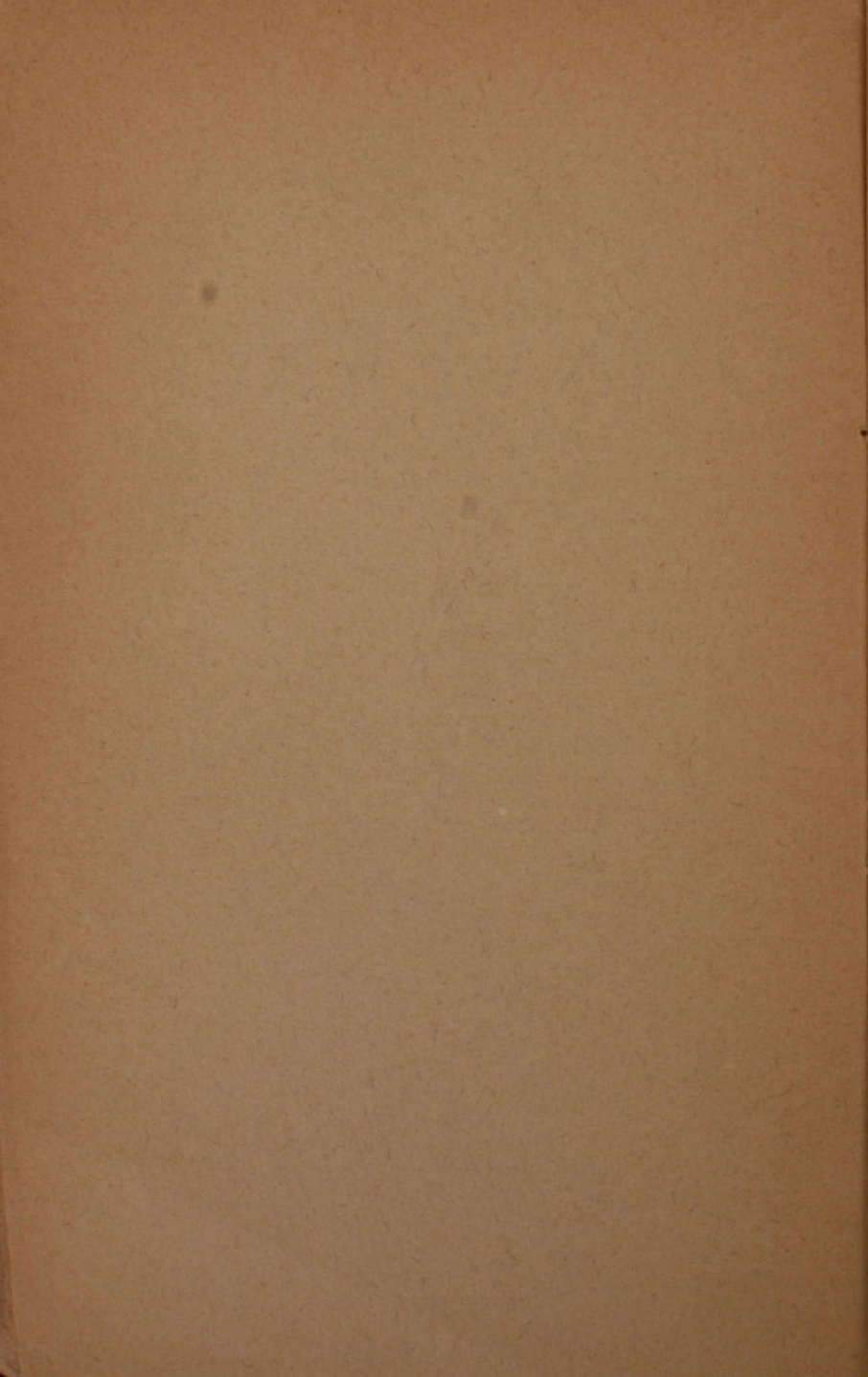
Naufrágios
O Impossível Regresso
Terra Virgem
O Refúgio.

CESAR PORTO

O INVERNO



EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO



PRIMEIRA PARTE

I

O OUTUBRO expirante coalhava de nuvens o céu. Caía sôbre os campos um moroso lusco-fusco, preparando a noite. Miúdinha relentava uma chuva, dispersa às vezes nas rajadas.

Pela vereda, encosta acima, trepava um vulto franzino, quási mirrado, fincando-se num bordão, cingido d'uma esguia saia negra, com um chale negro pela cabeça. Era um exíguo borrão nessa larga vertente, mas a única coisa animada em toda a extensão do comprido vale. Quando atingiu, a meia altura, o ponto em que o atalho cruza a estrada, fez uma paragem, com ares hesitantes. Virava a cara embiocada a um e a outro lado; depois, um instante estendeu a vista pelo caminho que acabava de vencer, em seguida pelos refegos por onde êle se escondia e meandrava; finalmente, formando pala com a mão, fixou a aldeola betuminosa, lá ao longe, apinhada num recôncavo. Como medindo a distância percorrida, olhava repetidamente desde cá bem a seus pés,

até às contorcidas azinhagas que irradiavam em tórno dos casebres, e o seu vulto alcachinado endireitava-se num vigor vitorioso. A sua estatura, acima de mediana—percebia-se agora—, ainda parecia mais alta pela acentuada delgadeza e pela queda tão vertical do vestuário; dir-se-ia neste momento senhorear toda a fúnebre paisagem que estagnava lá em baixo—carvalheiras anãs, matagais de urze, sombras de pobres hervagens. Mas essa taciturna solitária, se errava o olhar pela largueza, insistia sobretudo em fitar a isolada povoação, cujos contornos se esbatiam na flutuante névoa dos chuviscos; o firmamento crepuscular, todo aos laivos sujos, ameaçador de borrasca, cobria como uma mortalha o casario caduco, engouchido com submissão, achegado com pavor. A criatura bamboleou a cabeça num aceno aprovativo; e, como se êste demorado observar lhe houvesse dado decisão, atravessou a estrada, retomou a subida, meio curvada outra vez mas sem perder o fôlego. Próximo ao tópo do declive, a larga senda seguia de nível, e ia passar em frente a um casarão, um tanto espectral no anoitecimento. Apenas alguns salpicos caíam agora; mas evaporava-se do vale uma neblina, que engrossava a pardecência e surrava tudo. As janelas do edifício, muito espacejadas, em duas fileiras sobrepostas, estavam todas vazias, apagadas, como longas correntezas de olhos cegos; o caio escalavrado da frontaria tinha uma côr ensopada e dúbia. Ao lado especava-se um portão carcomido, entre a habitação e um muro de quinta; a caminhante levantou a grossa aldraba, e pigarreando uma tossinha em falsete vibrou três reecosas argoladas.

Uma espera, depois um batucar de tamancos,

—e o postigo de entrada, esquadrejado num dos batentes, gemebundou nos gonzos. Com indeliberança, uma camponesa, segundo o todo, estendeu para fora o rosto idoso e macilento, sombreado de desconsôlo e enfado.

—Ah! é vossemecê! exprimiu com apatia. Então porque não entrou?

Atirava a pergunta num tom agastado, antes despeditário.

—Não tenho tempo. Vem aí muita água... e é longe até casa. Esta água é um bem para as terras, mas cá para os velhos...

A outra, súbitamente, puxou para a testa o lenço que trazia na cabeça, com um gesto vivo, como afim de encobrir o cabelo grisalho sob a tafularia de viçosas côres.

—Cá para nós os velhos... repetiu a interlocutora. Hum! Morre muita gente no inverno.

A sua voz, há um instante trémula, teve umas notas firmes. Mirou o céu vagarosamente; depois, numa toada muito desfalecida:

—E eu estou velha, estou velha que nem posso mais.

Abria-se uma curiosidade no semblante da que escutava; buliu os beiços; uma frase, talvez uma interrogação, ia escapar-lhe. Mas a recém-chegada cravou na rústica um perfurante olhar, que lhe prendeu o d'ela e lhe estarreceu a lingua.

—Ainda durará *outros tantos annos*—articulou por fim, com um risinho que aspirava a ser arguto.

E a sua curiosidade renascia, mais decifrável agora mas menos impertinente. De soslaio e pestaneando, como que fazia a contagem das infinitas rugas que singularizavam a fisionomia da decrépita. Que idade teria ela? perguntava a si mesma. Concluiu com um suspiro:

— Assim eu pudesse durar!

A de preto tossiou.

— Não anda doente, pois anda? indagou numa espremida ternura.

As dôres do costume, infernais. Ora a traziam dobrada em duas, ora lhe corriam o corpo às guinadas; era ás vezes como se lhe quebrassem os ossos; — e as azias, os flatos, os vágados. Não tinha um só dia de repouso. — Num timbre dolente, enumerava, enumerava, salientava pormenores, repisava com um sensual amargor as suas misérias, e o aborrimto de a princípio ia-se desfazendo numa vaga satisfação. Sublinhava com acionados; e, baixota, porém alçando-se, tapava com a sua obesidade balofa em remexida toda a abertura do postigo.

A visitante deixou-a expandir-se, atenta mas inexpressiva e silenciosa. Depois, quando a lastimeira acabou, inquiriu com uma voz gelada, achegando a côca mais à cara:

— Mas lá dentro, todos bonzinhos, não é assim? Do snr. Constâncio, nem se fala!

E sem aguardar resposta, ajuntou:

— Esse é dos rijos, dos muito rijos.

Meneava a cabeça com um ar ponderado; uma instantânea sombra de despeito arrepanhou-lhe os beiços. Muito serena, proseguiu:

— Mas todos teem de ir, não lhe parece, snr.^a Cat'rina?

— É verdade. Todos temos de ir, ecoou a interpelada.

Fez um tregeito de amarga piedade, que a mais velha copiou fielmente.

— Com tudo isso, restringiu Catarina, assim eu chegasse àquella idade!

A de luto teve um gesto acalmador, e incli-

nando-se afávelmente, murmurou com um exagêro de confidência:

— Quem sabe lá! Pode chegar.

Fitara a mulher nas pupilas, muito mortças no iris deslavado. Aquela, perplexa um momento, sentiu-se trespassada por uma lâmina fria, e ficou mais acabrunhada. Como sem atentar nêste facto, a interlocutora recommçou o seu inquérito.

— E a menina Isilda, como está?

— Essa não há mal que lhe venha. Tambem eu em rapariga... Mas agora...

Houve uma pausa soturna. Ao longe estertorava o vento. O mole carão da velhota exprimia um desamparo grotesco. Negligente, como se pretendesse finalizar o silêncio, acrescentou:

— Sim, sim, aquela vende saúde.

Mas a de negro, com uma censura áspera, que sob os modos de austeridade ressumava rancor:

— O que perde a gente moça, é julgarem — sentenciou — que não há mais do que viver.

— E é assim mesmo a menina Isilda; pouco se lhe dá da saúde. Não tem medo de coisíssima nenhuma.

— Pois ela que tome tento — volveu a outra, ainda agreste.

Movia febrilmente os dedos recurvos e magros, apoiados ao bordão. Logo porém, reatou mais melíflua do que nunca.

— A D. Lucianinha está boa?

Catarina encolheu os ombros. Explanou:

— Bem vê que depois d'aquela desgraça... Lembra-se ainda muito do seu defunto...

— Já teem ido tantos depois d'êle...

Outra vez os seus dedos se agitaram. A interlocutora tentou justificar.

— Que quer, vossemecê?... Coitada! É tão triste a sorte das viúvas!

O rosto da visitante manteve-se rígido.

— Contudo, os achaques não a afrontam?...

— Lá vai andando como pode. É um bocado fraca, mas vai andando. E a menina Isilda distrai-a; faz-lhe companhia como uma irmã. Que se não fôsse ela...

— Muito me conta, snr.^a Catarina. Com que então a Lucianinha não tem passado bem?

— Digo-lhe que mal, mal, não tem passado.

A ventaneira zunia e arrastava as palavras. A encapuzada não aprestava o ouvido, talvez duro com a idade.

— Olhe que tenho pena, continuava; que a conheci de pequenina. Recordo-me d'ela desde a morte do pai.

Franzia a bôca num carinho adulator.

— É das da minha predilecção.

A outra não desaprovou, mas voltava a olhar de soslaio.

— Hei-de vir fazer-lhe uma visitinha. Dê-lhe parte que hei-de vir visitá-la — um dia d'êstes... em melhorando o tempo...

Um riso mudo dismantelou-lhe a queixada.

— Só o que hei-de gostar de vê-la!

Com a sua jucundidade desdentada assumia um semblante de idiotia.

— Catarina! bradou de dentro uma voz fresca.

— A menina Isilda que chama por mim, explicou a velhota assaralhopada. Vossemecê não deseja talvez entrar...

— Agradecida; não faz míngua. Mas não pude encaminhar-me por aqui sem tocar ao ferrolho, para saber como estavam. Vou satisfeita. Até à outra!

E quando a mulher já cerrava a porta:

— Diga-lhe que hei-de vir visitá-la.

Catarina resmoneou uns monossílabos; atirou com fôrça o postigo; e os seus tamancos, de novo, batucaram dentro.

Imprevistamente, a criatura de luto, com o punho fechado, traçou no espaço, em gesto colérico, uma espécie de cruz. Pôs-se a caminho arrastadamente, ladeando o edifício. Quási no ângulo, parou e virou-se um pouco. As janelas irregulares e mal alinhadas, mas architectónicas, algumas divididas por colunetas, continuavam mortas; não longe de cada parapeito, à direita e à esquerda, sobresaía um par de pequenos blocos, uns como suportes esculpidos na ponta, apresentando caramonos horríveis. A névoa e o comêço da noite diluiam tudo, mas aquela turba de más visagens careteava ainda na sombra, formadas de vapor que não de pedra, mais monstruosas se mais apagadas; agitava-as uma real vida, aérea e inverosímil porém repelente. Sem mostras de pavor, a velha contemplou-as, como quem estivesse habituado a lidar com fantasmas; pareceu mesmo comprar-se, porque ficou longamente. Mas a chuva voltou a cair mais espessa — e ela prosseguiu.

A povoação ao longe desaparecera; o vale desolado afundira-se em treva; retorcia-se entre penumbras o atalho. Nem por isso a solitária caminhava menos segura; contudo, de quando em quando, estacava; estendia o ouvido, apurava a vista, como em procura do que quer que fôsse. Nenhum indício de vida. O vácuo cinéreo que cingia a caminhante, apertava-a cada vez mais.

Alguns passos além, um choro estrépito; despenhava-se por um barranco uma pequena

torrente. A beira, um esgalgado arbusto esbraçava desesperadamente contra a ventania. A personagem estranha deteve-se palpando-o; esperou um momento, a escutar o temporal; e numa rabanada mais forte arremessou ao aflito tronco uma paulada cega, que o quebrou cerce e fez rolar no cachão.

II

QUASI ao centro da sala espaçosa e desornada, frente a frente assentados, um homem de muita idade e uma mulher ainda nova, pálida e fina, miravam-se pensativos, murmurando de espaço a espaço algumas falas curtas. Pela miúda vidraçaria das duas janelas desafogadas abrangia-se um céu de puro azul, com raras nuvens pequeninas, brancas de neve, a uma altura imensa, e defronte, assás longe, a vertente abandonada d'um vale. O sol, já inclinado, espargia ainda além uns oiros baços; não obstante, entre os dois taciturnos, uma bacia de cobre, encaixada num estrado baixinho e despolido onde poisavam os pés, continha um tremeluzente borralho.

— Conformemo-nos, conformemo-nos! exclamou o velho, depois d'uma pausa menor. Outros tempos que não tornam mais.

— É impossível acordar os mortos, respondeu a interlocutora.

— Passei há muito os oitenta, acrescentou

êle. Já posso dizer: a felicidade fica sempre para trás.

Curvou um instante a cabeça — nua até muito acima, mas a nuca um alvejante arminho. Ao fi-tar de novo a que o defrontava, viu-lhe aos can-tos dos olhos lágrimas.

— Todavia tu estás moça, corrigiu precipitado, uma criança quási; deves ter esperanças.

— Sou já viuva, meu avô.

— Cedo te experimentaram as desgraças, pobre Luciana! Mas como quer que seja, não desanimes.

Ela olhou através das vidraças. No seu rosto franzino, de feições harmoniosas, apenas dois sul-cos fortes, baixando oblíquos das asas do nariz, acentuavam a idade. Teria trinta e cinco anos. — Depois de contemplar uns momentos a paisagem, a sua mutável fisionomia, por um aspecto de abatimento espelhou a solidão. O velho não per-deu a variante; notou-lhe suavemente:

— Em te sentindo melhor de fôrças deves ir até à cidade.

Mas Luciana exprimiu logo um desespero. Sa-bia o que era tal cidade, montão de velharias em ruína, casebres a desfazerem-se, a população dizi-mada. E se a família ainda tinha um carro, a an-tiga muar morrerá outro dia. Seria, a pé, um pas-seio triste, para um logar pouco alegre.

— Porque hei-de sair d'aqui? objectou.

— Porque estás muito sòzinha.

Ela afastou por um gesto essa idea, mas não poudede impedir que o seu todo lembrasse resigna-ção. Voltou a olhar para fora; o avô seguiu-lhe as atitudes. Nada a vêr na parda colina, nos segmentos ao fundo das janelas; apenas alguns carvalhos. A vista, involuntariamente, subia ao céu deliciada. Ambos a detiveram no azul.

Dir-se-ia que na radiância e matiz d'essa aéria amplidão errava uma aguda saúde. Outras tardes como aquela, em inumeráveis outubros de anos antiquíssimos, igualmente doces, igualmente setinosas, igualmente sentimentais, deviam desfilar melancólicas nas pupilas do muito idoso; de facto, pouco a pouco virou-se, e ficando um cotovelo no braço da rústica poltrona, acabou por cair em devaneio.

— Tudo aqui me parecia tão bonito quando eu era pequenina! comentou Luciana de súbito.

As mesmas condições do ambiente ou ocultas afinidades, tinham-lhes aproximado os pensamentos. O interpelado oscilou apenas a fronte como se se escutasse a si mesmo.

— A casa estava sempre cheia de gente...

— Se eramos tantos ao tempo! redarguiu êle sem bulir.

— E ria-se muito, pois não é verdade?... ou é a memória que me engana?

— Sim, sim, replicou lentamente o avô. Ria-se muito — até certo dia, ou melhor, até certa noite... Sim, os mais moços ainda continuaram a rir.

— Pobre de meu pai! sussurrou Luciana.

O velho levantou o rosto.

— És o seu retrato, disse após uma pausa.

— Também se parecia com o avô.

— Mas eu é que já me não pareço comigo.

A neta quis de balde disfarçar um leve tremor de lábios.

— É a sorte que espera os que chegam tão longe, obtemperou êle; não vale a pena, não vale a pena. Mas para quê também afligir?

Todo o seu corpo representava agora inércia; os olhos extintos uma indiferença.

— Não faça caso de mim, remediou Luciana. Sinto-me hoje um pedaço . . . quebrada.

Ele patenteou um grave cuidado.

— Não vá essa fraqueza descambar em doença...

— Não; não se inquiete comigo.

O diálogo girava em círculo; tinham tornado aos pontos de partida. Ficaram a remirar-se com um carinho solícito; depois, um tanto mais abstractos, remoendo cada qual por seu lado as suas várias cogitações pesarasas.

De longe a longe, alguma divagação mais pungitiva forçava a língua numa frase curta, e vinha revelar mudanças de rumo, mas adentro d'um teimoso pessimismo. O presente era um deserto sem fontes, o passado um nostálgico refúgio, o futuro uma névoa negra. Os seus monólogos ou os seus silêncios equivaliam ao mesmo desalento; por instantes reatava-se a conversa, sempre lassa, repetida, sem alívio.

Ouviu-se no interior um ruído de passos rápidos; os meditabundos voltaram a cabeça para a porta aberta. Uma figura muito airosa de rapariga appareceu no limiar, sorridentes as faces coradas.

— Vem para aqui um bocadinho, Isilda!

Com uma vivacidade inesperada, fazia Luciana o convite; o velho apoiara pelo gesto; e ela avançou com graça simples.

— Que dois friorentos! exclamou. Ainda o inverno vem tão longe!

É que não tenho o teu sangue, pequena — voltou o avô de Luciana.

E afagando as compridas barbas:

— Encontra-me um só cabelo preto e dou-te licença de que me chames friorento.

O seu ar era prazenteiro. Isilda retorquiu pronta:

— Sou bem capaz de encontrar.

E como se confiasse na rebusca, curvava um pouco sôbre êle o rosto terno e expansivo.

— Tinhas de procurar há trinta annos.

— Se só tenho vinte e quatro!

— E sangue de quinze e mocidade de quinze; por isso foges de ao pé de mim.

— Isilda tornou-se muito sisuda.

— Bem sabe o teu padrinho que não há tal, observou Luciana para ella.

O velho puxou-a contra o peito e pôs-lhe um beijo na testa.

— Estão feitas as pazes, não é verdade?

A afilhada respondeu que sim.

Monótonamente ao longo das paredes, ladeando um canapé trivial e duas rijas arcas de coiro com pregaria dourada, enfileirava-se uma dúzia de cadeiras, estropiadas algumas, não muito irmanadas e incaracterísticas. Isilda foi buscar uma e assentou-se junto do braseiro. O seu vestido simples mas sôbre o claro, com um casquilho avental branco, dava ao grupo um tom esperançado; e os seus perfectos olhos castanhos lampejavam de clarões sadios, ao mirar alternadamente o quasi nonagenário e a viuva.

— Sabes que eu devia estar hoje afflita, Luciana?

— Mas pelo que se vê, não estás, interveio o padrinho.

— É que isso não serve para nada. Pois serve para alguma coisa? inquiriu a rapariga, dirigindo-se a ambos.

— Dizes bem — murmurou Luciana, ao de leve ruborizando-se. Pensas contudo que depende de nós?

— Rir ou chorar vai do costume.

— Oxalá sempre assim fales! accudiu o encanecido.

— Estendeu sôbre o borrarho as mãos encarquilhadas.

— Ri-se e chora-se quando menos se pensa, prosseguiu.

Porêm, Isilda, com veemência:

— Só não há remédio para a morte.

Ele replicou quási em segrêdo:

— E julgas que essa se faz anunciar?

Luciana desviou a cara, para não encontrar as faces do avô. Ele continuava a aquentar as mãos de esqueleto mumificado. A mais nova dos três carregava o semblante, no esforço de descobrir uma tréplica. Pairou um prolongado silêncio algum tanto oppressivo.

— Em que scismas? decidiu-se por fim Isilda.

— Nos teus desgostos, redargiu a outra a tentar sorrir.

— E quais veem a ser? indagou o velho despertando. Ainda nos não contaste...

A rapariga hesitou um momento e esclareceu com gravidade:

— Há já dias que não tenho carta *d'êlé*.

— Pois que havia de ser? comentou Luciana, maliciosa, para o avô.

— Faze troça à tua vontade mas bem sei que devia estar triste.

— Devias!?!... exclamaram os dois.

— Pode ter acontecido alguma contrariedade, a Catarina lembrou bem.

— Más ideas tem a Catarina, rabujou o velho.

— Mas não está mais no meu poder; vejo tudo pelo melhor.

Depois, muito insinuante, afagando-os com um olhar:

— Queria que fizessem como eu.

Eles não esconderam a gratidão.

— És sempre a mesma boa Isilda.

A amiga também reflexionou:

— O que será de nós quando te fôres embora!?... O teu *êle* vai ser bem feliz; mas não tem dó dos cá de casa.

— O padrinho é melhor que tu; não me manda ficar solteira.

— O teu padrinho anda muito mal; eu queria-te aqui amarrada. Era o castigo de nos seres útil— uma prisão por toda a vida.

Nenhum deixou de sorrir; mas o sorriso acabou numa sombra. A própria Isilda não encarava serena aquela separação. Luciana, em zombaria, dissera talvez verdades. Pela fronte franzida do decano, de novo revoavam os cuidados, que *êle* como que afastou com os dedos trémulos.

— Escolheste com acêrto, me parece; que mais podemos desejar?

Mas o seu tom não era menos hesitante do que os seus dedos tacteando a larga calva. Pregou os olhos nas cinzas arrefecidas, como se nelas lesse o passado e pretendesse escrutar o futuro. A rapariga, porém, tendo tomado a mão do braseiro— pequena pá com o cabo longo, semelhante a uma palmatória de ferro— revolveu lentamente o borralho e trouxe à tona a soterrada incandescência. O perfume da esteva, difundiu-se pelo aposento, enquanto os miúdinhos garavetos tremulavam scintilações. No semblante do ancião brilhou também um alívio; e a afilhada aproveitou o ensejo para encomiar o seu escolhido.

Como o sol que se vai escondendo por detrás d'um alto monte alastra a terra de negridões, assim a velhice estende as sua dúvidas, espalha

os seus desenganos, sôbre tudo que a circunda. Aquela idade era tibieza, bem o pressentia Isilda; a áspera obsessão de franzinez, com o horror do dia último, alucinava os retardatários, que só lançavam em redor quebrantos.

— Não falemos no que ainda está longe, interpôs consoladora Luciana.

Porém ela, indecisa um momento, insistiu no mesmo assunto, até fazê-los dobrar ambos às mais audazes confianças.

— Porque não hão-de vir comigo quando eu fôr, e não havemos de viver sempre juntos?

O velho, a princípio, não se atrevera a discutir; Luciana partilhava esperanças que redundariam no bem d'êle; e crentes ou procurando acreditar, tanto o avô como a neta, acabavam por submeter-se a quantas aspirações de Isilda. Não prevalecia com ela o desânimo, e a sua revolta era salubre. Seria sensato não a ajudarem a sacudir-lhes êsse torpor? E quando tanto buscava exterminá-lo, por muito sorrateiro que fôsse!?

— Num lugar mais bonito e mais habitado, ia Isilda desenvolvendo, bem aconchegados numa casinha e em roda de nós os que hão-de nascer — parece-me que só teremos alegrias.

— A criançada é o alento dos velhos, formulou o padrinho suavemente.

— E tu hás-de trajar de claro, continuou a rapariga, porque não te quero sempre viuva.

Luciana teve um rubor.

— Que não é mal pensar assim como eu, quando se tem a tua idade.

Esperava uma frase do mais experiente; êle não desaprovou.

A abafar o embaraço do traído pensamento, a amiga explicou vivamente:

— Só de vêr-te muito feliz, acharei que nada me falta.

Porê m Isilda gesticulou que não.

— Não basta a felicidade dos outros.

— Esperemos então que cada um por seu lado venha a ser muito feliz.

— E todos juntos, corrigiu a optimista.

Escutando lá para dentro, Lúcia na operou súbito uma diversão.

— Aí vem a Catarina a resmungar!

— Ganhou essa balda e não há curá-la, resmoneou por seu turno o avô.

— Mas d'esta feita parece bem zangada. Oíça o padrinho a pressa que ela traz.

Estrepitava ao longo do corredor uma azáfama de tamancos, e depressa Catarina irrompeu com modos pouco amigáveis.

— Já agora é melhor não sair de cá! exclamou bracejando. E as meninas que a aturassem, que eu tenho mais que fazer.

— De quem se trata? interrogou Isilda.

A criada prosseguiu sem atendê-la.

— Ainda se nos desse novidades! Mas só quer esquadrinhar. — Depois, umas tais conversas! Fica a gente atormentada. Uma ave de agoiro assim!

— Mas de quem se trata? repetiram-lhe.

— D'essa... Da Bárbara... Da *bruxa*...

A sua voz fôra descendo.

— E por isso te enfadas tanto? repreendeu o velho.

— Pudera! snr. Constâncio. Lá em baixo sòzinha com tal coruja, sem arranjar a mandá-la embora.

A sua cara bolachuda esboçava uma inquietação.

— Não tens lidado com ela tantas vezes? indagou Constâncio, fixando-a muito sério.

— As temporadas quando lhe dá para cá vir.

— Mas estás hoje de mau humor, notou Isilda.

— Não. Ela é que estava como eu nunca a vi.

E aborrece-me que principie a visitar-nos. Ainda ante-ontem me fez ir à porta; diz que queria saber como passavam. Aparece-me hoje, e ficou de voltar amanhã. Se a deixo, vinha cá acima. Arre nego tal massadora!

— Foi melhor que não subisse—murmurou Luciana, com um tregeito de repugnância.

— Mas custou-me; embirrou em falar-lhe.

— Não lhe disseste que me sentia indisposta?

— Pois era por isso. Assentou-se à lareira um grandíssimo pedaço, sempre à sua espera. Anda agora muito amiga da senhora.

Tinha apoiado os nós dos dedos na larga mesa redonda, a um lado da sala; bateu com êles uma dura pancada, regressando às cóleras.

— Havia a casa de ser minha, que ela não tornava a cá pôr os pés.

Novamente meditabundo, Constâncio pareceu nem ouvir o grosseiro desafio.

— Ou estivesse eu no lugar das meninas!... acrescentou Catarina, talvez na esperança de melhores resultados.

Isilda replicou-lhe:

— Tu não desgostas, às vezes, de conversar com ela...

A velhota revelou um embaraço.

— É que eu sou uma pobre criada, justificou por fim; preciso de estar bem com todos.

Mas a sua matreirice camponesa não chegava a persuadir de que fôsse aquele motivo.

— Não é pelas minhas bonitas maneiras para com essa visita que tu me podes ralhar—observou Luciana para a serva. Mas afinal, tem entrada

em toda a parte, não havemos nós de fechar-lhe a porta.

Não era assás convicto o seu tom, e buscava o olhar do avô, que acenou uma aprovação.

Catarina bríncava com a franja da estafada cobertura da mesa — cabisbaixa, irresoluta.

— É um perigo, atreveu-se após instantes, estar de mal com quem tem mau olhado.

Aligeirava-a essa explicação; se a si própria se traía, denunciava-os a todos; assumiu quasi um ar vitorioso, enquanto os lábios de Luciana franziam um sorriso descrente.

— E a snr.^a Bárbara tem mau olhado?

Isilda fazia-se ingénua.

— Ainda agora a menina aí vai?

— O que me admira é o teu saber.

— Toda a gente d'aquela laia deita mau olhado quando quer.

— Mas estás certa de que ela é bruxa.

A criada impacientava-se; ou penetrava a ironia ou não lhe agradava o assunto.

— A Isildinha, às vezes, tem coisas!... Se todos lhe chamam a *Bruxa* desde que me entendo!... E olhe que já era assim idosa, quando eu vim cá para casa servir, ainda raparigota.

— Deves enganar-te nas contas.

— O seu padrinho que o diga.

O interpelado mascou uns monossílabos, e continuou a fitar o panorama que as janelas encaixilhavam. O sol ia deixando o vale, e o azul tornava-se mais nostálgico, com as suas leves ilhetas brancas, ainda resplandecentes, a uma infinita altura. Em baixo, a bronca paisagem cada vez mais tristonha...

— Que frio! exclamou Luciana, com um estremecimento.

A amiga remexeu o braseiro.

— Já hou'Ve êste inverno dias mais desgraçados, refutou Catarina.

— Estás gorda; por isso falas.

Ela passou as mãos sapudas pela mole obesidade. E com uma lástima arrastada:

— Se não fôsem os meus reumatismos, menina Luciana, e os flatos e as cólicas...

Apontava com orgulho o vulto atarracado:

— Bem poucas me haviam de chegar.

Todos calavam; ajuntou:

— Mas de ferro é que ninguém é. Com os anos veem os achaques. E ainda a gente andar por cá!... O peor de tudo é ir-se embora.

Isilda afastara a borralhada para as paredes da bacia, formando ao centro uma cova, igual a uma pequena cratera com as vertentes em ignição.

— Agora já te sentes melhor? perguntou para Luciana.

— Dão-me de quando em quando arrepios.

— Na cozinha estarás mais quente, ponderou o octogenário.

— Isto já me passa, isto passa.

— É preciso ter cautela, advertiu a criada.

E prosseguindo na sua obsessão, clamou:

— Que nós somos de carne e osso; não somos como essa maldita, que não se importa nem do frio nem da chuva nem do vendaval, e que corre por aí tudo, com aquela idade! Essa sim, que sabe o que faz; não é ela que tem medo de morrer. Conhece as tisanas.

Curvada sôbre o braseiro, a ultimar a sua tarefa, Isilda redarguiu sem rudeza:

— A tia Bárbara desarranjou-te a cachimónia.

— Queria que a menina a ouvisse!

— Havia de valer bem a pena.

— Pois valia, tenha a certeza.

Num movimento invencível aproximou-se do grupo. Sufocava com o seu segredo.

— Diz que ontem muito à noite — e Catarina surdeou a voz — quando voltava para casa, viu uma *coisa* no cemitério.

Um enorme terror lhe arregalava os olhos. Deglutiu em seco, sem poder acabar. Mas antes que a fala lhe tornasse, Constâncio admoestou:

— Deixa-nos com as tuas histórias.

A criada, com um grande esforço, conseguiu obedecer.

— Olhem lá se ela não é bruxa, concluiu apenas.

Porém Isilda observou com bom humor:

— Como sabe que és medrosa, esteve-se a rir à tua custa.

Catarina desabafou o despeito de terem-na obrigado a calar-se.

— Sou mais velha que a menina, bradou, e não pense que não percebo quando estão a mangar comigo. Não foi só do cemitério que ela me esteve a falar; mas gosto de ser bem mandada, e não quero atormentar ninguém.

O remoque ia para o amo. Reatou:

— Outra fôsse que abusasse, aos anos que sirvo nesta casa; mas não preciso que me dêem lições. Sempre conheci o meu lugar.

— Tens toda a razão, Catarina, e não te zangues, atalhou a interlocutora. Ninguém ainda aqui negou que tens sido muito nossa amiga.

— Nem disseste nada que a ofendesse, sublinhou Luciana.

— Também são minhas amigas, e eu talvez que não passe d'uma bruta, mas tenho já cabelos brancos.

Toda a sua espapaçada figura se desmanchava a altercar.

— Não te deves agastar sem motivo, interveio de novo Luciana, com um acento dolorido, que tentava submeter. Não parece que estás habituada comnosco. Quem te ouvisse...

Mas a sua voz enfraqueceu; não poudo constanger-se a prosseguir. Sem ter reparado, Catarina volveu quasi enternecida:

— Se não hei-de estar habituada!... tão tamanas as trouxe ao colo!...

Luciana torceu-se, arrepiada. Já o avô a examinava há instantes; a velhota interrompeu-se e Isilda ergueu a cabeça.

— Vamos lá para baixo, aconselhou Constâncio, levantando-se.

— Vamos, vamos, concordou a amiga.

E Catarina sentenciou aflita:

— Isso deve ser flato. Esperta-se o lume; faz-se um bom carracheiro. Verá que depressa melhora.

Luciana pôs-se de pé e deu algumas passadas; mas de súbito levou as mãos ao coração. Todos a olharam assustados.

— Que é isso? exclamaram as mulheres, enquanto Constâncio tremia um pouco.

Ela tentou explicar, mas apenas balbuciou. Recuara, e, com o busto meio dobrado para a frente, engalinhava os dedos no braço da cadeira, firmando-se. Gelados, os demais rodeavam-na, sem palavra e sem movimento. A muito custo, gemendo, a padecente tornou a assentar-se. Mostravam uma angústia imensa as suas feições distendidas; como que o rosto se lhe afilara mais, coberto d'uma brancura mortal.

— Mas que tens tu? impetrou Isilda.

— Aqui... uma dôr... uma grande dôr...

Agarrava o lado esquerdo.

— E depois uma ânsia...

Abriu a bôca numa cruel sofreguidão, reclinando a cabeça. Sussurrou:

— Falta-me o ar.

Isilda apontou uma janela. A criada apressurou-se, seguida por Constâncio. Uma lufada de vento frígido bateu nas faces de Luciana, que estremeceu num calafrio. Logo Catarina empurrou a vidraça. E o velho, desvairado, alvitrou acorrendo:

— É preferível levá-la para o quarto.

— Sim, na cama estarás melhor, disse a rapariga com meiguice.

A doente experimentou satisfazer mas caiu de novo assentada. Fez que não, que não podia, cerrando os olhos. Apaziguara-se o mal; agora porém acabrunhava-a um pesado desfalecimento. Deixava pender os braços. Isilda, com um intuito de afago, pegou-lhe numa das mãos; estava ardente. Palpou-lhe o pulso frouxíssimo.

— Antes recolhas à cama, insinuou. Deitada, há-de soffrer menos.

Luciana tentou outro esforço. A serva e a amiga ajudaram-na. Conseguiram erguê-la; e, aguentando-a como se transportassem um fardo, fôram-na impelindo a passos curtos.

III

A LUZ d'um candieiro de azeite, num aposento de passagem, Isilda estava costurando. De longe em longe parava um momento e inclinava o ouvido, ora à direita, ora à esquerda, para as negras aberturas das duas portas;—pesava um grande silêncio. Quando retomava a tarefa, ouvia-se apenas o picar da agulha, de vez em quando algum suspiro que não tinha bem sufocado. O candieiro de latão, numa pequena banca a par d'ela, com um só dos três bicos aceso, derramava sombras espessas; Isilda, porém, raro erguia os olhos. Tão concentrada parecia sôbre o trivial posponto d'essa tira de pano branco, que decerto o seu pensamento se empenhava em coisa mais grave.

Souu um rumor a distância; ela deteve-se uma vez mais. Alguem se aproximava em bicos de pés; Isilda depôs a costura e ficou esgazeada para a porta. No limiar cessaram os passos, e a voz de Catarina rompeu da negridão.

— Que lonjura d'aqui à cidade! exclamou resfolgando.

— E então encontraste-o?

— Não estava em casa. Mas deixei dito.

— Ainda cá virá esta noite?

— Hum! Lá d'isso, não lhe acho geitos...

— Disseste que ela estava mal, muito mal?

A criada gesticulou uma afirmativa, enquanto avançava.

— Oh! os médicos!... murmurou a interlocutora, contrariada. E ainda aquele...

— Parece que tinha ido vêr outros doentes.

— Esperemos; pois que remédio!?... Se ao menos aparecer amanhã!

Catarina assegurou que insistira muito, e que contara a aflicção da família e os tormentos da padecente. Depois, puxando uma cadeira:

— Isto, d'antes, era para mim um passeio — comentou. Agora, chego estafada.

— Ponho bem na minha mente. Mas não podíamos mandar a moça, tão de noite.

— A *palonsa!* Havia de fazer boas coisas. Como hoje o reumático me largou as pernas, o mais, a canseira, pouco monta.

Gemelhou um tudo nada, apalpando as cruces; irrompeu:

— E ela agora como vai?

— Está a descançar. O padrinho é que ficou de guarda. A rapariga não me deixava, para saber da ceia, — e entrava no quarto da tua ama, com um estardalhaço!... D'aqui, oiço lá para baixo, para a cozinha, e lá para cima, para a alcova. Parece que até agora não acordou.

— Ainda bem que pode descançar!

— Anda muito fraca; é por isso.

A velhota imergiu numa meditação.

— Olhe que se tenho ido à tarde, logo que deu aquilo à menina, talvez que hoje cá pilhássemos o médico.

— Sim; mas quem nos havia de dizer que estaria doente tantas horas — até êle ter tempo de chegar?

— Uma coisa assim!... Um tamanho susto!... Acredite que uma ocasião julguei que ela nos morria, salvo seja!

— Não há-de ser nada, redarguiu Isilda com firmeza.

— Hum! Esta casa tem azar!

— Cuidas então que a tua senhora vá a peor?...

Encarava Catarina com uma censura.

— Não cuido coisíssima nenhuma, titubeou aquela. Oxalá não vá! Mas que isto aqui tem mandinga, ninguem me tira dos cascos.

O seu olhar apavorado vagueava em derredor, furando as sombras.

— Traz desgraça, repetiu. Bem tenho avisado o patrão. O que vale, é estar tudo aboticado...

— Hipotecado, queres tu dizer.

— Pois seja lá à sua moda... Um belo dia põem-nos fora, e era uma vez um palácio.

— Isilda interrogou amargamente:

— E tu rogozijas-te com isso?

— Afinal, isto é paço de rei; não é para tão pequena família.

— Parece incrível que fales assim, sem te lembrares do meu padrinho!

— É pela aversão que tenho à casa.

— Mas bem sabes que de quanto possuiu — objectou-lhe a interlocutora, parando de coser — era a esta propriedade que o snr. Constâncio tinha mais apêgo...

Teimosa, a criada resmungou:

—Está à espera que todos aqui fiquem, até ao último da geração.

—O quê!? perguntou Isilda, irritada.

Catarina não hesitou, convicta, irrefutável, ardente.

—Fôram-se os filhos, fôram-se os netos, uma parentela sem fim; ela era a derradeira, e também...

Conseguiu estacar, mas o seu coração perfazia o sentido. A rapariga, pelo menos, percebeu na outra o pensamento de morte. — Durante um longo pedaço não se ouvia mais do que o picar no pano.

—Êsses de quem tu falas, reatou Isilda sem levantar a cabeça, não morreram todos cá em casa.

Queria talvez acalmar aquela tenaz superstição. Catarina advertiu com um suspiro:

—Pior se o mal é da família!

Estendia para Isilda o seu busto volumoso, com as bochechas carminadas pela chama do fumarento candieiro.

—A menina não desconfia que uns mortos chamam pelos outros?

A interrogação viera abrupta e contudo num sussurro.

—Que patéticas me estás tu a dizer?

—Sim, pergunto-lh'o muito séria. A menina não desconfia?...

—Nunca pensei em semelhante coisa — respondeu a interlocutora, contrafeita, mau grado seu.

—Cá na familia há tantos mortos!

—Com que conversas te sais agora!

Um pouco impaciente quebrou uma linha que afilou com os dentes; levantou a agulha à altura da luz, e, logo à primeira, pelo fundo fininho, introduziu a ponta do fio.

— Que rica vista! gabou Catarina. Quem m'a dera ter assim!

Ficou um momento abstracta.

— Os anos, os anos levam tudo, ajuntou.

E a apalpar de novo as costas, gemendo:

— Só trazem dôres.

— Tens razão, confirmou Isilda sem achar melhor consôlo.

Pretendia assim desviar o diálogo de assuntos mais importunos.— A resenha das suas moléstias era o tema predilecto da velhota; mas d'esta vez não prevaleceu. Torturavam-na outras ideas.

— Dizem que os filhos são uma riqueza, notou reatando; veja a riqueza que êstes fôram, os filhos do sr. Constâncio!

— Ao menos tu ficaste solteira.

Porêm ella já não se demovia; apenas retorquiu com um encolher de ombros,— e completou:

— Deram conta d'um fortunão como não o havia em muitas léguas. Estragaram o dinheiro, estragaram a saúde... E, para maior desgraça, o pai da Lucianinha ainda arranjou a que o matassem.

— Não fales d'isso. Que sabes tu? Ninguém nunca descobriu porque o mataram.

— Se não andasse metido...

Deitara-se para trás na cadeira; estava agora toda na obscuridade. Isilda só presentiu um murmúrio como acabamento da frase.

— Deixa essas coisas que lá vão.

— E há que tempos! é verdade. Há que tempos! monologou Catarina. Tinha eu então uns...

Mastigou um demorado cálculo.

— ... os meus trinta bem puxados. A D. Lu-

cianinha era uma criança, quando o trouxeram cheio de sangue. E a menina, ainda talvez não fôsse viva.

— Eu!?... Não foi por essa época que me puseram à porta?

— Já tinham passado alguns dias, não sei quantos, quando topei consigo numa cestinha, aos vagidos. Parecia que nascera nêsse instante, de enfezadinha!— Como há mães sem coração, para engeitarem assim!— Vinha enroupada; mas no pino do inverno... Pense lá!— Admira-me como escapou.

— É que tinha de viver, observou Isilda a scismar.

Não fôra alegre a sua entrada no mundo. Como seria a saída? Ficou suspensa a picar um ponto. Mas logo sacudiu o pensamento, porquanto recommçou resoluta.

— Lembra-me tudo isto como se fôsse ontem. E em casa, ainda todos a chorarem... Imagine-se! era o filho mais velho, como o morgado.

Isilda tomou de sôbre a mesa um largo retalho de pano para aplicar-lhe a tira que aprontara. As dobras fofas e brancas cobriam-na agora desde os joelhos até rastejarem pelo chão.

— Figura-se-me que o estou a vêr. A sua cara vinha da côr d'essa roupa, prosseguiu Catarina apontando; dentro do caixão não se diferenciava da mortalha.

A interlocutora sentiu um gêlo nos dedos.

— Já ninguém remediará essa infelicidade; é por isso melhor que te cales.

Exprimira-se tranquilamente; mas, sem reparar, esfregou as mãos.

— Como pode estar aqui sem braseira! Ainda eu que chego quente com o andar...

— Não tarda que vá aquecer-me à cozinha.

E pôs-se a coser com ligeireza.

Por momentos, a criada pareceu desistir da conversa. Continuara-a consigo mesma, visto que interjeccionou de repente:

— E não chamam os mortos uns pelos outros!

A rapariga nem lugar teve para qualquer objecção.

— Logo depois do marido, a mulher, a mãe da Lucianinha—explanou a outra, com verbosidade —no dia em que eu a achei à menina... ou pode ser no que seguiu.

Mau grado seu, Isilda revoltou-se contra as ilações da faladora.

A mãe da Lucianinha foi por sua vontade...

Baixou a voz, que por ímpeto elevara:

— Suicidou-se com pena.

— Pois olhe que êle...

A interlocutora pôs um dedo na bôca. Inclinou o ouvido.

— Não sentiste gemer? segredou.

— Cruzes! menina. Credo!

Não se atrevia a olhar para as sombras oscilantes que tingiam as paredes e o soalho.

— Lá em cima, no quarto... justificou Isilda.

Ergueu-se expeditamente e foi até à porta ao fundo.

— Não ouvi nada—repetia a outra, a diligenciar persuadir-se. Nada desta vida.

Isilda espreitou para o interior—um vão ba-fiento, donde se empinava uma escada negra, com só um amortecido reflexo a estirar-se no patamal de cima. Esteve um instante; nenhum rumor! Voltou a assentar-se, preocupada. Tentava descobrir um derivativo à loquacidade da Catarina; mas baldadamente. A velhota, agora, perdera o

ânimo; contudo, antes que ela a precedesse, a rapariga proibiu:

— Não tornes à mesma. Basta!

Supondo-a apavorada, Catarina mais se aterrou; não podia desfitar a porta ao fundo, magnetizada pela anciedade de não vê-la. Dir-se-ia que êsse rasgão, mais retinto, no negrume, é que vomitava a treva que as asfixiava.

— Já não é pouco esta doença agora; não falemos de tristezas antigas nem de outras que podem vir.

— Não era cobarde Isilda; receava sobretudo que, por uma casualidade, o padrinho as entendeu. A quem seriam mais penosos do que a êle os infortúnios que haviam recordado?

A criada resserenou, pouco a pouco, com as expressões confiantes que a interlocutora lançava a espaços.

— Tudo há-de acontecer pelo melhor.

— Sim, sim, replicou por fim a serva. Que grande desgosto não era para todos se a nossa menina fôsse piorar! Um coração como aquê!... Já tem feito tanto bem à casa com o pouco que lhe não roubaram!... E se mais tivesse, é que não havia aqui pobres, nem na aldeia nem na cidade. Sai nisso ao sr. Constâncio — e a todos os filhos, diga-se a verdade. Lá nêsse particular, bem deram a conhecer de quem vinham. Sangue fidalgo, sangue fidalgo! Ainda podiam usar dom — ouvi-o muitas vezes a quem sabe.

Mais conformada com êste teor, Isilda deixava-a discorrer. Porém o pensamento de Catarina de novo se anuviou, conquanto ao de leve.

— Só a falta que nos fazia! Ainda pode ajudar muito o avô, pois não acha?

—É bem disso que se trata! Nem para nós outros nem para os pobres...

—A miséria tamanha que vai por aí!...

—Mas que há-de ela conseguir com as suas migalhas!? As boas palavras que tem para os de fora, é que valem mais de tudo. E para nós a maior falta era ela própria, não eram os seus benefícios. Pois repara que não sou ingrata, Catarina!

—Eu já não me afazia outra vez sem ela, é o que quero dizer na minha.— Quando casou, tive uma tal tristeza! Se não fôsse p'r amor cá do patrão, ia servir para casa dela. Mas o sr. Constando, primeiro; porque êsse, até sem soldada.

E a criada acentuou o final com um gesto que o encarecia. Não podia duvidar-se daquêlê impulso generoso, senão que ela o aquilatava como a suprema prova de estima.

—Assim como estava lá para longe obra duma dúzia de anos— continuou, referindo-se a Luciana—, se tem estado o dôbro do tempo, não era eu que me esquecia do que ela, em pequena, gostava de mim. O senhor não via outra coisa; era a primeira neta e vivia connosco!

Assoou-se baixinho, — talvez lágrimas que não tinham trasbordado e lhe humedeciam as narinas; depois, variou de comentários.

—Quando nos veio viúva, logo eu lhe dei pouca saúde—que, com franqueza, ela nunca fôo forte... Mas não me admirei deque com tantas raleiras como a Lucianinha nos contou...

—Abusaram dela por ser bondosa, confirmou Isilda. Felizmente que já não pensa nisso.

—Também me parece o mesmo. E acontece a tantos, que tem bons teres e ficam a pedir... por essas trapanças das testamentarias! Mas o pior são

as saúdaes do marido, que andam a acabá-la aos poucos. Era bom que lhe passassem. Tudo tem termos, não é assim?

Esperou alguns instantes por uma adesão à sua melindrosa censura.

—Não há nada que não passe; mas ainda nem fez dois anos que a tua ama enviuvou — exprimiu a amiga, a desculpar.

—É que aquilo vai-a minando, insistiu Catarina; e esta doença, quem nos diz a nós? pode ser filha do desgosto.

Isilda volveu pausadamente:

—Vamos a vêr a opinião do médico.

—Oxalá a cure depressa, replicou a velhota.

—Estou que não há-de ser nada.

—Se ela não scismasse mais no defunto!...

E Catarina calou-se, muito absorta.

—A falta que nos fazia! monologou de súbito. O avô ia atrás dela.

—Mas porque teimas tu...?

Observando-lhe porêr a expressão abatida, Isilda não teve fôrça para ralar.

—Vou contar muito em segrêdo à menina uma coisa que me contaram...

A intérlocutora adivinhou-lho na cara.

—A Bárbara, está entendido.

—A *Bruxa* — confirmou a criada. Não me deixaram falar esta tarde...

—Subiram-te à cabeça os seus contos.

—A menina acredita que é mentira?

—Ainda não sei de que se trata.

—Tenho ouvido muitos casos; mas uma assim...

As suas pupilas dilatavam-se de terror.

—Se precisas desabafar, desabafa.

—Bem sei que não acredita em histórias de

mortos... Mas olhe que não sou eu só; são outros com mais entendimento...

Aproximou a cadeira.

— Ontem à noite, quando passou no cemitério...

Insensivelmente cochichava.

— A *Bruxa* mora para êsses lados...

Isilda acenou que estava ao facto.

— Diz ela que viu as campas levantadas... e todos a dançarem, num remoínho...

— Os finados? perguntou a rapariga, resignada a aparentar atenção.

A mulher articulou a custo um sim. Deteve-se momentos, haurindo resolução. Em seguida, com um ar de quem assiste:

— Diz que dançavam como doidos varridos, com os ossos a rangerem e a estalarem... Quem sabe lá se ela entrou na dança, às coisas de meter medo, que eu lhe ouvi!...

— Naquela idade, também me parece, era melhor que já estivesse enterrada, a polcar como os tais hão-de polcar.

Não faltava o azedume nestas palavras de Isilda, que não desculpava à outra o sobressalto de Catarina.

— Eu se visse um baile de esqueletos, ia ela continuando, morria ali de caminho. Só as bruxas é que se não assustam.

— Com toda a certeza; só a Bárbara, — redarguiu Isilda, com fleuma irónica.

A velhota ciciou confirmativa:

— Pudera!... Ninguém se há-de gabar nunca de acompanhá-la ao entêrro. Quando o mundo acabar, é que ela acaba.

— Porque julgas semelhante loucura?

— Cá me entendo, resmungou Catarina.

— Fôsse ela sepultada amanhã, mais as suas mofinas histórias!

— Cale-se! cale-se! não seja estouvada. Ainda havemos de ir antes dela.

E muito inquieta, Catarina esquadrinhou em redor. As sombras tinham-se tornado mais compactas.

— Nunca é bom falar mal dessa gente. Podem tudo—nem se calcula! E nós não podemos nada.

Era inútil discutir.

A criada reatou, olhando sempre de soslaio para a negridão.

— Ela já os viu andar no corropio mais vezes; não foi só ontem à noite... No inverno, quando há temporal, levantam-se todos à uma. O vento assobia certas modas... Mas é mau quando bailam muito... É que teem frio, um frio de neve...

— Deve ser nos invernos rigorosos, inferiu a interlocutora.

Catarina escancarou para ela uns olhos como em face dum ente sôbre-humano.

— Então a menina já sabia...

— Suponho, redarguiu Isilda ingénua.

— Pois deve ser isso mesmo. E quando há maior mortandade. Porque os mortos não param as danças até levarem gente bastante; querem ser muitos para se aconchegarem.

— Tudo isso te contou a *Bruxa*?

— Jurou e tornou a jurar. Só queria que a menina ali estivesse.

Não desfitava um arabesco de penumbra, tremulando na parede fronteira. Parecia uma coisa misteriosamente viva.

— Já teem dançado muitas mais noites. Deve ser um ano terrível.

Aquela mancha tomava proporções dum vulto, sobrenaturais, mas não equívocas.

— Diz que um, ontem, agarrando na caveira de si mesmo . . .

Colava-se-lhe a língua ao céu da bôca. A coisa impalpável fizera um movimento. Catarina arrancou dali o olhar e fitou-o na costura da rapariga, curvada, lentamente a coser. O como fantasma fascinava-a porêem; depois de mirar a obra de Isilda, achava-o da mesma brancura. E vinha surgindo da parede, talvez coberto dum lençol, dançando como êsses do cemitério.

Isilda espevitou o morrão; o pesadelo hesitou, esbateu-se, sumiu-se por fim como sorvido.

— Não te sentes enregelada?

— Estou com uma tremura mortal.

Ambas se tinham pôsto em pé, movidas pelo mesmo pensamento de irem aquecer-se à cozinha.

— Vamos vêr o que faz a cachopa, murmurou a criada.

Mas nesse instante, para as bandas da escada, começava a ouvir-se um arrastar. Cravaram o olhar na porta escura.

— T'arrenego! exclamou a velhota persignando-se.

A rapariga encaminhou-se para o limiar. Do cimo da escada falou uma voz.

— A Catarina está aí?

— Fuja menina! bradou ela.

A interpelada virou-se surprêsa.

— Que tens tu? . . . Não percebes que é o padrinho?

Constâncio descia vagarosamente.

— Há alguma novidade? perguntou Isilda.

O velho só em baixo respondeu sussurrando:

— Continua a dormir, mas inquieta, muito inquieta.

E para a criada, ainda mal ressarcida :

— Bem me pareceu que já cá estavas.

Adiantou-se alguns passos.

— Quando é que o médico ficou de vir?

— Naturalmente, só vem amanhã.

— Amanhã! repetiu êle com despeito. E daqui até lá pode dar-se tanta coisa!

— O padrinho encontra-a pior?

— Tenho medo de quando ela acorde.

— Talvez passe a noite em modorra — alvitrou Catarina, sincera.

— Talvez a sonolência a ponha boa, ajuntou a rapariga.

Êle teve um gesto scéptico. Rematou :

— Não a quero deixar sòzinha muito tempo.

— Eu acompanho-o, exprimiu Isilda.

E falando para a criada :

— Vai tu vêr o que faz a moça.

Caminhou na dianteira do velho, lançando-lhe palavras de alento. Catarina, obediente, dirigiu-se para a outra porta. Resmungava com misantropia :

— Se os doutores vendessem saúde...

IV

NA expectativa da vinda do médico, Luciana quisera arranjar-se quanto lho permitia a sua estada na cama, e assentara-se para cima entre dois almofadões. Isilda desferrolhara as portadas das janelas, afastara um pouco as cortinas, e uma baça claridade, caída dum céu nevoento, tinha penetrado na alcova. A palidez da enfôrma pareceria assim mais lívida; mas um sorriso, de quando em quando, afluava-lhe os lábios. Trouxera-lhe a noite uma certa calma e pretendia mostrar-se restaurada. A custo haviam impedido que tentasse levantar-se; nenhuma razão a convenceram da necessidade do médico; decidiu-se a aguardá-lo ali mas fez voto de não tomar medicamentos. Certamente que desejava tranquilizar o avô, que a mirava desconfiado junto ao leito. Os seus movimentos eram difíceis, provávelmente dolorosos, enquanto se inclinava, a chapinhar a cara, sôbre a bacia que Isilda tinha segura. Foi esta quem lhe compôs o cabelo, a

ajudou a enfiar um chambre e por último a agasalhou com um chale.

— Agora, do que eu tenho medo, é que julguem que sou eu a doente — comentou a rapariga.

Luciana sorriu-lhe grata; e o velho, mais tranqüilo, instalou-se numa poltrona, ao canto próximo da cabeceira. Depois de alisar e entalar bem as coberturas da cama, refazer a dobra e puxá-la até ao peito da enfêrma, Isilda acorreu ao padrinho.

— Quere também uma almofada?

Êle respondeu que não; entretanto, para o pôr mais confortável, a afilhada desdobrou um cobertor, em reserva sôbre uma cadeira, e estendeu-lho sôbre os joelhos.

— Vamos a esperar com pachorra o doutor.

— Com pachorra o estamos esperando, retorquiu-lhe Constâncio.

Porêm as suas mãos tremelicantes correndo a felpa do agasalho, declaravam impaciência, como já antes o seu espreitar pelas vidraças, disfarçada mas repetidamente. Isilda fingiu acreditá-lo; ela própria não refervia menos; e em silêncio, meio abstracta, começou a arrumar presstesmente a alcova. As bugigangas de sôbre a cómoda foram dispostas com mais equilibrio, o espelho do toucador que estava em cima, espanejado; roupas que ainda jaziam espalhadas, com a barafunda da véspera, encerrou-as nos gavetões; outras, no armário enorme de castanho, que servia de guarda-fatos; distribuiu com regularidade as negras e espaçosas cadeiras, sacudindo-lhes sumáriamente o pó; por último enxugou o lavatório, concertou saboneteiras e toalhas. Ia a chamar para que trouxessem água, quando a *Palonsa*, como a alcunhara Catarina, de nome

próprio «Silvéria», entrou sem maior rumor, com uma tigela num prato. Tinham-na repreendido pelo estrondo dos tamancos, e vinha agora descalça. Os seus olhos, muito abertos, não olhavam nem pareciam vêr; avançou, falando para Luciana.

— Diz que esta malga é para a senhora, que tem de beber tudo para lhe fazer bem.

A enfêrma solevantou-se, mirou com espanto a tigelada.

— Pois a Catarina manda isso nesse tigelão disforme? increpou Constâncio com cólera.

— Não havia lá maior, replicou a criada.

Isilda desatou a rir com tal frescura, que obrigou a doente a sorrir.

— Vai buscar uma chávena lá abaixo! ordenava zeloso o velho, para a cachopa, embasbacada.

Mas a afilhada, querendo especular com êsse momento de bom humor, corrigiu astuciosa:

— Pois há-de ser nisto mesmo que a Luciana vai tomar o caldo.

Agarrara no prato grosseiro e com a colhera remexia o líquido para depressa arrefecê-lo. Aproximou-se da amiga, porém esta teve um gesto de repulsa.

— Deixem o comer para mais logo, impetrou.

— Olhe que é canja de galinha preta, encareceu cândidamente a Silvéria, especada junto ao leite.

— Mais logo, repetiu Luciana.

— Não podes estar assim em jejum, advertiu-lhe o avô.

E Isilda suavemente:

— Só duas ou três colhéres.

Porêmel a continuava a recusar, com uma forte expressão de náusea. Desde o acordar que vinha

transferindo essa primeira refeição. Sentia um peso no estômago, confessou; e tinha a certeza de que todo o alimento lhe agravaria o mal-estar.

— Não te apetece então nada? inquiriu o avô desconsolado.

— Nada. . . por enquanto, restringiu a doente.

A Silvéria pegara na tigela, ainda fumegante, onde boiava a olha loira, e sem ruído escapulara-se. Com um ar de grande desânimo, Constâncio fitava a neta; Isilda pensava e repensava à procura dum acepipe inofensivo. Como saber o que poderia fazer mal? Há pouco reudara teimar, e não se atrevia agora a propor. Se esse médico chegasse enfim! . . . À vista de tal inapetência, os seus cuidados alvoroçavam-se outra vez; no velho recrudesciam. E todos três ficaram calados frente a frente, a rapariga sem decisão e incapaz de reanimar. Arrastadamente, Constâncio voltou para a sua poltrona, mastigando rabugices; sem poder subjugar-se, Isilda lançou pelas janelas um furtivo sôfrego olhar. Sob o céu parado, sonolento, dum uniforme e carregado pardo, eriçava-se pela vertente uma carvalheira baixinha, côr de bronze, e, como o metal, dura. Não tardaria em cair a chuva. — Era necessário ir perto das vidraças para se vêr o atalho que ladeava o edifício; Isilda não quis conceder mais às suas inquietações; tirou os olhos dos campos e virou-se de novo para o velho, a meditar cabisbaixo. Temia uma descuidada olhadela sôbre o rosto abatido da amiga, que pressentia a interrogá-los, também ansiosa. Mas logo Catarina, em bicos de pés, assomou à porta; nas suas faces papudas, uma quasi expressiva alegria. Anunciou;

— O sr. doutor está lá em baixo.

Constâncio ergueu-se de chofre.

—Pede-lhe que suba—mandou Isilda, relanceando ainda uma vez o arranjo do aposento.

A doente ageitou-se melhor entre os seus almofadões, puxando a roupa para si. Foi um momento de ansiedade, como se alguma coisa muito grave estivesse para suceder. Assim hão-de aguardar os acusados inocentes uma duvidosa sentença!

Tornou a ouvir-se a voz de Catarina, em caóticas explicações atrás do médico; e êle entrou com um passo rápido.

—Houve então por cá novidades?

—Más novidades, doutor,—redarguiu Constâncio, apertando-lhe a mão.

—Quis fazer das suas a doença...

—É desde que nos não visita, respondeu Isilda com o mesmo ligeiro tom.

De facto, regressando de lugarejos afastados aonde o levava a profissão, êle vinha frequentemente àquela casa, para descansar, aquecer-se se era inverno, e dar largas à palestra; daí, o comentário da rapariga, a que o médico logo satisfez.

—A doença, cá para as suas bandas, prodigalizou-me uns feriados. Mas não creia que a minha presença a assuste.

Das suas palavras e do seu todo moço saía uma penetrante franqueza. Mais concentrado, acercou-se de Luciana.

Atentou, com seriedade, no semblante da enferma. Isilda narrou em poucas frases o paroxismo da véspera. Quanto a Luciana, sem muito êxito, tentou descrever o que sentia.

Durante instantes, o clínico reflectiu, com uma vaga ruga na testa. O velho não o desfitava. Acharia gravidade no mal ou apenas embaraço

no diagnóstico?... Higino tomou o pulso à doente, inspeccionou-lhe a língua e os olhos, pediu-lhe se deixasse auscultar. Silenciosa e sem rumor, Catarina obedeceu à ordem de trazer uma toalha. A custo fugia Isilda à sua prematura curiosidade, que lá dentro se desencadeava em perguntas; Constâncio parecia acabrunhado.

Emquanto esperavam a criada, o médico, compreendendo, atalhou os pensamentos de ambos com um inquérito minucioso, que ninguêem julgou supérfluo para a cura. Indagava de mil circunstâncias, antecedia-os nas respostas mais prováveis, escutava sem fadiga qualquer explanação abundante, utilizava alguma sugestão que remoçasse o colóquio, e hábilmente preencheu o tempo. Com as informações que ia obtendo, não se mostrava descontente; era quanto os outros podiam inferir. Constâncio gostaria mais de vê-lo abertamente tranqüilo.

— Mas como aquela Catarina se demora! exclamou por fim Isilda.

— Já vem subindo, voltou a doente.

E de pronto a velhota surgiu, affita e esbaforida.

— Não sou para atrapalhões, justificou; e logo haviam de bater à porta. As meninas não ouviram?

— Ninguêem ouviu nada— respondeu a rapariga, entregando a toalha ao médico.

— Até parecia que queriam deitar a casa abaixo. Não sei onde a cachopa se meteu. Tive de ir ver. Uma coisa de tanta pressa!...

Ninguêem já lhe prestava atenção.

— Mas as meninas, de verdade, não ouviram? insistiu ela.

— Não, resmungou Isilda por demais.

Conhecendo porém a criatura e que com evasivas não a calaria:

—E quem era afinal? interrogou.

—Pois aí está! não encontrei ninguém. Que me diz agora a esta? . . . E olhe que o cão não ladrava.

—Coisa má, sr.^a Catarina! alvitrou o doutor, meio atento.

Baixou-se sôbre a enfôrma, colando-lhe o ouvido ao tórax. Luciana, durante os àpartes da criada, estivera a falar com o avô; êle, agora, virou-se para a mulher e fez sinal de caluda.

O médico ordenava à paciente que aspirasse fundo; depois, normalmente. Do lado direito, a auscultação foi rápida, mas investigou com vagar o lado esquerdo. Volveu segunda e terceira vez à zona do coração. Pousou os dedos, apalpou os tegumentos, perguntava se não doía. Quando levantou a cabeça, calou-se um momento, a ponderar os resultados do exame. Êsse momento pareceu infinito; a doente na sua larga cama, mais branco o rosto entre os lençóis brancos, tinha um sorriso, mas desfalecido, como a animar a família.

—Incomodaram-no por coisa nenhuma, imagino—atreveu-se enfim—, pois que já me encontro hoje tão boa.

—Antes isso! replicou êle. Quando o mal já não incomoda, é meio caminho andado.

Interrompeu-se ainda um ápice, hesitante.

—Não foi nada nem há-de ser nada, reatou. Êstes frios são traiçoeiros; é preciso ter cautela. Mas não há por que recear.

Constâncio furava-o com a vista; êle não pestanejou. Restringiu apenas:

—Que não se esqueça da saúde, porque é de

compleição débil. Por agora estamos livres de perigo, suponho; e, com alguns medicamentos e cuidados, nada tornará a suceder.

O alívio nas fisionomias, afoitava-o; e, pela sua afoiteza, êsses rostos, que o rodeavam interessados, iam clareando mais e mais. Se sugeria algumas precauções, repetia-lhes a sua confiança. Suscitaria o apetite à enfôrma, que poderia pôr-se a pé logo que sentisse fôrças.

—Quer receitar, não é assim? inquiriu Isilda, reparando no olhar pesquisante do médico. Eu vou buscar o tinteiro. Ou prefere vir cá dentro?...

Higino notou que a sua doente o encarava lá do leito suspeitosa.—não acontecesse reservar êle para a família o mais funesto da verdade. Crer-se-ia efectivamente que êle desejava acrescentar alguma frase. Resoluto, porém, retorquiu à rapariga:

—Posso receitar aqui mesmo.

Isilda veio com papel e tinta, quando o médico mal começava uma digressão para distrair.

—Trás sempre histórias êste sr. doutor, observou entreouvindo-o.

—Histórias verdadeiras, quando trago.

Catarina, embasbacada, esclareceu:

—Diz que os lóbos já veem perto dos povoados...

—Como já!? exclamou a interlocutora.

A velhota reforçou:

—O sr. doutor é quem o está dizendo. Deparou com dois ao pé da aldeia, lá em baixo...

—Faz àmanhã uma semana—confirmou êle, calculando.

—Aparecem todo o ano, notou Isilda indifferente.

— Nisso é que a menina se engana, contestou a criada. É o inverno que nos bate à porta . . .

— Com todo o seu frio e fome — ajuntou o velho, passeando a mão pelas barbas de neve.

Luciana puxara-se para cima outra vez, ajudada pela criada e pelo médico. Quis intrrometer-se na conversa; tomou o fôlego demoradamente e reflexionou com finura:

— Mas a Isilda não tem medo dos lóbos.

— Isso é lá com os pastores, respondeu ela. Eu não sou nenhuma ovelha.

Acentuou mais desdenhosa:

— Os lóbos não passam de canzarrões vadios.

— E dêsses mesmo não tens medo? interrogou o padrinho.

— Não tenho medo de nada.

Os seus olhos e os seus dentes faiscavam, ao entreabrir os beiços frescos, no corado rosto a sorrir.

— Pois não evitará tremer dos tais cães, asseverou com seriedade Higino, se algum dia os encontrar esfomeados.

— Não os encontrará em dias de vida, tenho fé — murmurou muito de alma Constâncio.

— Assim seja! ecoou a doente.

Mas Isilda, defrontando o narrador:

— Segue-se que teve receio . . .

— O meu cavalito ainda mais do que eu; estacou arrepiado. E não havia espora que o arran-casse. Quanto a mim, se quer que lho confesse, tive pena de não trazer uma arma.

Esboçou um riso cheio de franqueza, e anotou:

— É o que a medicina, até agora, tem descoberto de melhor contra as feras.

— Logo vi! registrou Isilda. Os da sua profissão, sr. doutor, estão acostumados a cortar no vivo.

O padrinho torceu os lábios, em cenura as êste epigrama.

—Prefere então que os deixe vaguear.

—Também teem direito à vida.

—E as ovelhas de que falou?

—Não somos nós os primeiros a matá-las?

—Querias talvez que se domesticassem os lóbos . . .

O velho festejou com uma gargalhada êste sarcasmo da neta. Era tão feliz por senti-la animosa! . . . Porém a afilhada retrucou com veemência:

—Antes domesticá-los, decerto. Tu também não desejas viver?

Estas palavras caíram no diálogo, como uma pedra cai num tanque, o enturva e faz espadanar. Na serenidade de há instantes, na lisura de pensamentos, ressaltou em cada qual a idea de morte. A enfêrma não pôde esconder o sobressalto; porém o avô nem teve um gesto de rigor, como se a ofensa fôsse demasiada. Houve um perplexo e custoso silêncio. Impetuosa era a rapariga, mas bem raro leviana; entendeu e arrependeu-se, sofrendo duplamente — não só por si, como pelos outros.

—Pensei que os médicos não tinham medo de morrer, balbuciou para emenda. Estão tão afeitos a vencer a morte! . . .

—A lidar com ela, quási a acotovelá-la, restringiu o clínico. Mas, como dizia um grande escritor, «nem a morte nem o sol podem mirar-se fixamente». Não há hábito que valha. O melhor que tem a morte, é acontecer uma só vez. — A isso me resigno eu, porque não pode ser doutro modo.

E com um tom ainda mais leve:

— Mas hei-de disputar com ela.

— Entretanto, quando foi da epidemia, consta que não se expôs muito pouco.

— Se tal fiz, voltou êle à interlocutora, estava ainda no meu papel. Quero-lhe mal, odeio essa carniceira, mais lôba do que nenhuma.

Com uma simples firmeza o proclamava, Ajuntou surdinando a voz :

— E se não devemos crer na medicina, é então que o monstro é cobarde, assustadiço por vezes.

— Como os lóbos outro dia — comentou Constâncio, a derivar a conversação.

— Conte-nos o resto da história, rogou a doente.

— É bem curta, avisou Higino. Os animais contemplaram-me algum tempo...

Catarina interrompeu :

— Diz-se que teem olhos de lume...

— Vêem-se bem na escuridão — monologou o velho com um suspiro, lembrando-se de anti-quíssimas façanhas.

O médico continuou :

— Amimei como pude o cavalo (é um amigo inteligente); e ladeado pelos bichos, segui a passo o meu caminho. Não os queria excitar correndo; mas nunca tive mais pressa. Ainda a distância, a canzoada da aldeia teve faro e começou a ladrar. Já êles iam ficando para trás. Desistiram sorrateiramente, sem que eu me desse ao incómodo de agradecer-lhes a companhia.

— Nunca esperam pelos adeuses, gracejou Constâncio.

— Com efeito, só percebi que estavam longe, pelo sossêgo do meu cavalo. Meti-o então a trote

— os caminhos não permitem mais, sublinhou com ironia — até achar-me em povoado.

— Não foi um bom quarto de hora — murmurou o nonagenário, ainda com visões de outrora.

— O pior é o encontro; depois, vamo-nos habituando à sociedade. E o caso não era estreia para mim.

— Umás terras miseráveis são estas, sentenciou Catarina. Nalguns sítios, diz-se que não há lobos. Haverá sítios onde não se morra?

Todos riram da ingenuidade.

— Pode ser que nalguma estrela, alvitrou Higino meio sério.

A velhota abriu olhos como portas.

— Mas nós cá, filhos dos homens, prosseguiu, não nos falta de que morrer.

— Fala bem verdade, concordou a serva.

O médico aproximou-se da cómoda e gatafunhou a receita.

— Estou convencido de que isto há-de dar resultado, ia exprimindo de caminho. Mas volto amanhã à mesma hora, se os não incomodo tão cedo.

— Quanto mais cedo melhor, para nos tirar as freimas — respondeu por todos a criada.

— Não se aflija, sr.^a Catarina, e durma descansada esta noite.

— Posso então trazer-lhe outro caldinho? perguntou a mulher a Luciana. Parece que ainda agora gostou.

— E claro,olveu Isilda, impacientada; como o mandou todo para baixo...

— O quê! que diz a menina?

— Está bem de vêr que o mandou todo para a cozinha.

— Pois não lobriguei lá nem pinga, e olhe que foi aquela atrevida!

Maior que fôsse o delito, ninguem o poderia tomar a peito ante a indignação de Catarina.

— Uma pouca vergonha assim!

O seu carão turgecera, mais lívido um instante, depois rubro, em inesperadas contorções; arremessava apopléticos gestos com desengonçamentos cômicos; e fez seguir aos desconchavos em grita um chorrilho de interjeições estapafúrdias. Com uma grande iracúndia ia sair, quando Constâncio a interpelou:

— Tens a certeza de que foi a Silvéria?

— Quando ela desceu, não estava eu na cozinha; mas quem havia de ser?

— Não lhe tinhas dado de almôço? interrogou a doente.

— Pouca coisa, lá isso é verdade. Foi tamanha atrapalhão esta manhã...

— Pois desde que queres fazer-lhe o prato, como aos gatos, observou Isilda, é preciso não te esqueceres nunca. Quando não, dá em furtar, já se tem visto.

— Um caldinho que estava tão bom! resmungou apenas a criada, numa certa aceitação das próprias culpas.

— Para a outra vez, sê tu mais cuidadosa, aconselhou o velho.

E o doutor moralizou para Isilda:

— Aí está! a cachopa faz pela vida.

A rapariga percebeu que era um remoque às suas doutrinas anti-sangrentas.

— Não sou eu que a desaprovo.

— Sigamos então o seu exemplo, acrescentou ele; conservemos a todo o transe a existência.

A enferma sorriu com esperança. O avô teve um alegre assentimento.

— O senhor é um bravo modelo! exclamou Higinho, despedindo-se.

Contemplou um instante as mil gelhas, que

enobreciam o rosto do velho, sob a sua auréola branca. E apontando-a a Luciana:

— Eis aí quem não tem uma moléstia!

— Envergonhe-a, sr. doutor, disse Isilda carinhosa.

Constâncio veio até à porta; a afilhada e Catarina acompanharam o médico.

Abanou com descontentamento a cabeça emquanto ia abrir uma estante. Eram severos volumes, na maioria encadernados em carneira, com dísticos ponderosos na lombada; alguns, pesados cartapácios. Um momento, através dos vidros, o otogenário escolheu. Da sua formosa biblioteca, vendida um dia numa apertada crise, já nada mais lhe restava do que a colecção aí, toda porêem de obras predilectas que ainda às vezes se comprazia em folhear. Sôbre a prateleira do cimo, numa gloriosa primazia, enfileiravam-se os poetas; estendendo muito a mão, Constâncio puxou um tomo dentre os primeiros à esquerda, e veio assentar-se na poltrona.

Afastou a larga pasta envernizada, o muito apetrechado tinteiro de prata, uma pequena jarra da India, com um molho de despedidas de verão, as derradeiras do ano; e, de ilharga para o bufete, apoiou nêle o antebraço. Mostrava como um carinho a lidar com aqueles frágeis objectos, restos dum grande naufrágio, amigos familiares de há longos anos, aonde acaso se prendiam enternecidas recordações. Durante um minuto, efectivamente, pendeu-lhe o livro dos dedos, num esquecimento melancólico; os seus olhos viam alguma coisa no vazio que fitavam. Afagou lentamente a barba; sacudiu o torpor; mas ainda alheio é que abriu o volume. «De Quinto Horácio Flaco, Odes e Epístolas» rezava o frontispício em latim. No mesmo instante, sem anunciar-se, a velha Catarina assomou.

Para poder alçar o fecho depusera fora o carrêgo; agachou-se a erguê-lo do chão, e avançou com uma escalfeta chamejante.

— Ora aí tem para um pedaço; daqui a nada trago mais.

Colocou a pequena caixa de ferro junto dos pés do patrão.

— Não quis vir aquecer-se à lareira...

Com toda a fôrça assoprava no lumaréu, através das barras da tampa comparável a uma grelha. Levantava-se dos carvões uma labareda, delgada e vermelha, oscilando.

— Mas olhe que não há como a lenha, ia dizendo a criada.

— Aquece mais, confirmou o velho numa distraída banalidade.

— Que o braseiro também não é mau; mas com isto, eu morria aqui de frio.

— O braseiro enche tudo de pó; não o quero no escritório — resmungou Constâncio, mal humorado.

E com o olhar turvo perdido, deixou a mulher discorrer sòzinha, sempre afanada com o lume.

— O reumatismo é que me mata, tal foi o fecho da sua parlada.

Muito azêdo, êle retorquiou:

— Todos temos de que nos queixar.

A velhota restringiu de pronto:

— Mas ninguém há mais infeliz que *a mim*. Não tenho família nem amparo, nesta idade.

Constâncio fez um gesto de agastado; não se sentia propenso essa manhã a suavizar tais lamúrias, tão já suas conhecidas quanto injustas lhe pareciam. Entretanto foi censurando:

— Não invejes os outros, Catarina, porque, desgraçadamente para ti e para êles, temos pouco porque invejá-los.

Uma grande tristeza enrugou-lhe a testa.

— Quando a minha neta acordar, vem dizer-mo. Vamos a ver como está hoje.

Apenas se havia levantado, o avô, pé ante pé, entrara no quarto da enfêrma; encontrara-a dormindo serena. Mas os anos e as desventuras tinham-no tornado cobarde; os seus receios mal esmoreciam.

— Logo que acorde, repetiu.

A serva prometeu satisfazê-lo, e saiu a suspirar.

Partilhava os seus cuidados? Respeitava-os pelo menos — condescendeu êle, na sua senil desconfiança; era já muito para gratidão, como toda essa tenaz fidelidade entre tantos abandonos, através dum desmorronar de opulências.

Para submeter as inquietações emquanto esperava (o vão palavreado de Catarina só poderia impacientá-lo), tornou a pegar no seu autor. Abriu ao acaso — tanto importava —; deparou-se-lhe a ode catorze, livro segundo, dedicada a Póstumo.

Fugazes passam os anos, dizia o poeta; e não há preces que retardem, um instante, as rugas da velhice já perto, nem a morte indominável.

Não haverá como retardar a morte? perguntou Constâncio a si mesmo. Quem sabe se a intuição da poesia não será mais verdadeira do que a exactidão da sciência? Mas, de facto, os anos são fugazes, e a morte triunfa sempre, bem precoce na mais longa vida. Se não podemos julgar-nos imortais — ai de nós por não podermos! — agarramo-nos sequer à ilusão de prolongar um momento a frescura das faces, a juventude tão curta, a vida que não volta mais. A tentar privar-nos dessa fé, a mais necessária de todas para as criaturas de carne que somos, o poeta era cruel, e talvez menos poeta do que o prosador mais rasteiro.

Os sacrificios a Plutão, o ilacrimável, conti-

nua o vate romano, não nos dispensarão de atravessar o triste rio — quantos vivemos, pobres ou ricos.

Sim! A morte é igualitária, murmurou o velho; mas que de vezes injusta!... Debalde, insiste o escritor, nos esquivamos às carnicheiras refregas; debalde evitamos a onda que se vai esmigalhar num rouquejo; debalde nos resguardamos de sopros empestados do outono... — Constâncio depôs o volume. É bem certo que não vale o fugir e que Ela sempre nos alcança; por comprida que seja a jornada, não há que entoar vitórias; cedo ou tarde surge numa volta, tropeçamos nos cadáveres dos que fôram, como quem topasse com uma herança maldita, e caímos sobre êles, abraçados. Mas a astúcia não é por isso inútil; e há quem saiba despistar a inevitável, breves instantes que são porêem anos — e até mantê-la ofegante, raciocinava o velho sorrindo, na crise já sem redenção. Estirou vagarosamente os braços como a sentir-lhes a rijeza.

— Eu vivi e viverei ainda, monologou; Luciana é do meu sangue, viverá tanto como eu.

Havia quási no seu rosto magestoso, de fronte aberta e luxuriante barba, um lampejo de immortalidade. O seu desejo de existir era uma crença e uma fôrça. Pôs-se de pé, provando os membros; deu alguns passos pelo aposento. Nêsse minuto de revigor, dir-se-ia ter retrocedido meio século. Mas o entusiasmo desabou; e, frio senão cansado, voltou a assentar-se na postura de antes, hesitando se continuaria a leitura. Levantou o livro com mão trémula; depois, numa vaga curiosidade, deteve-se a examinar-lhe a impressão, em grandes e belos caracteres, enquanto estudava o alcance da sua leve presbitia. De novo se foi

prendendo ao contexto; chegou à penúltima estrofe. «Terás de deixar a terra, a tua casa, a tua esposa amada; e dessas árvores que cultivas, a não ser o abominando cipreste, nenhuma acompanhará o seu dono momentâneo».

Uma sucessão de lembranças, vagarosas mas atadas estreitamente, desfilou na alma tarda de Constâncio. Davam-lhe tempo de entranhar-se em cada uma e tirar de cada qual uma dôr. Sua mulher partira há muito, e bem assim a basta descendência. Filho após filho vira-os cair todos, e os filhos dêsses filhos — uma carnificina pausada e obscura; — que fazia ainda no mundo? Viria a ser o derradeiro da raça, em pé, nas pernas mal firmes, sôbre uma montanha de ossadas? na sinistra iniquidade dos acasos tremia de ainda perder os últimos restos de família, a que o amarravam todos os pensamentos, todas as faculdades, todas as suas vísceras, donde brotava todo o seu vigor, com tanta maior pertinácia, quanto se sentia mais velho. Mais solitário do que ninguém, entre as recordações duma vida numerosa que quási inteira havia sossobrado, o pouco que lhe restava, tornara-se-lhe tão essencial como o bater do próprio coração. Mas de que lhe servia viver!? Quem sabe a que estaria condenado!? A morte é um doce refúgio — e antes hoje do que amanhã, se os seus olhos tinham de abrir-se sôbre novas calamidades, se deviam chorar mais uma vez, lágrimas inúteis e que não consolam, sôbre o Desastre Irremediável, se devia com as suas mãos fracas selar a lousa de mais algum sepulcro e escrever êle mesmo o epitáfio duma linhagem desaparecida.

Quanto à casa de que fala o poeta, bem pouco lhe pesava de deixá-la; mas antes trocá-la pelo túmulo do que sobreviver à expoliação pelo cre-

dor impaciente. As árvores do cemitério, essas, ao menos, ainda são dos mortos; ninguém até se atreve a mexer-lhes pelo asco às podridões de onde bracejam, por hipócrita respeito, realmente com medo da peçonha, ou terror de vêr surgir, nos seus farrapos putrefactos, aqueles que não hão de voltar. Ser morto é ser temido e abandonado; mas mais vale o abandonô dos bons sem o atrevimento dos maus, do que a perversidade dos vivos para os vivos, tendo apenas a mitigá-la alguns instantes de suaves companhias. Para que havia de sofrer mais tempo!? Não tinha durado assaz!? Já não fazia falta a ninguém. Pobres dos que jazem sob a terra, que não têm mais que os ciprestes; mas êle próprio não seria um pobre em todas as significações da palavra? Pobre de amigos e de parentes, pobre de consolos e pobre de haveres! Desde muito que as suas árvores únicas eram as do cemitério.

A doença de Luciana fôra como um terramoto na sua serenidade quotidiana. Um mixto orgânico de fraqueza e de fôrça, naquela hora, inclinava-o ao pessimismo; a fraqueza circundava-o de um horizonte tenebroso, a fôrça levava-o a desdenhar essa morte por emquanto longínqua. De infortúnio derivava em infortúnio até descer ao puro despeito; e o seu espírito de ordinário sólido, envenenaria o mais sãc alimento. Despertaram-no do pesadume duas rijas argoladas, batidas em baixo ao portão.

Era tão cedo para visitas!... E logo, por uma ligação extravagante, ocorreu-lhe a fábula esópica do *Rachador e a Morte*. Aquele queixava-se das misérias, das fadigas, e implorava-a; ela appareceu-lhe de repente. «Aqui me tens! Que pretendes?» «Quero, respondeu o homem, que me

ajudes a pôr às costas êste grande molho de lenha...» Também, se a brutal agora entrasse e lhe oferecesse a libertação, que lhe pediria êle? E num sorriso replicou a si mesmo: que me ajudasse a aguentar as desventuras e a carregar com os muitos anos. Mas de súbito tornou-se sério. Pensava que antes de mais lhe pediria que se afastasse prontamente. A morte, repelente para si próprio, era-lhe atroz para os próximos; e, como um trovão que estala num céu límpido, assim renasceu a sua inquietação, engrossou numa tristeza, e rebentou numa angústia, reboando em todo o seu ser. — Pois a doente ainda não acordaria?

Ia a levantar-se febrilmente, quando soou por trás dêle uma voz musical e fresca.

— Um madrugador assim! com tanta névoa e tanto frio!... Tem o sangue bem mais quente do que eu, ninguém já me dissuade.

— Não; só o que tenho é o sono mais leve e oiço cantar os galos, minha pequerrucha.

E o velho puxou para si a afilhada, que, com os lábios tão vermelhos, lhe pousou um grave beijo no rosto.

Isilda não tinha entrado de manso pela porta mal cerrada, que rangera; mas, de absorto, Cons-tâncio nem a sentira acercar-se.

— Em que é que estaria pensando? exclamou zombeteira ainda, após uns fingidos ralhos. Tive tanta curiosidade de sabê-lo, que não me importou ser atrevida. E tomara ser indiscreta, adivinhar!

O seu olhar não podia mentir e dizia que acertara, como dizia o seu desvêlo. Era êsse que a tornara, mau grado seu, talvez sorrateira. Cons-tâncio, porém, disfarçou.

— Estava apenas lendo êste livro.

Ela pegou no volume, correu-lhe a vista e murmurou com desdêm:

— Oh! Latim! Uma língua morta... Não entendendo uma palavra.

E subtil mas com um ar neutro:

— Não leia coisas que o ponham triste.

O velho torceu a conversa.

— Deitaste-te ontem muito tarde?

— Pouco depois do padrinho.

— Não; não falas verdade.

— Que importa a que horas me deitei?

— Ficaste à cabeceira da Luciana, repreendeu Constâncio com affecto. Porque me não deixaram então ficar?

— A sua neta teve razão em nos impedir a ambos. Se não havia necessidade!... Teimar com ela era assustá-la. A doença não é de perigo.

Constâncio meneou a cabeça; desensombra-ram-no tais afirmações, mas tinha pejo de acreditar tão sem provas.

— Porque é então que te demoraste a pé? refutou.

Ela riu a descobrir o seu segredo.

— Foi para que o padrinho nos não enganasse. Bem sei que não dormiu a sono solto; mas que-ria-o encafuado na cama.

Enternecido, o velho comentou:

— Vocês estragam-me com mimo.

E cedendo bruscamente ao cuidado que tentara dissimular:

— A Catarina não te disse se a Luciana já acordou?

Na apreensão de ouvir más novas, ainda há pouco não ousara essa simples pergunta. Se a alegria de Isilda era sincera, é que talvez igno-

rasse; e elle tivera dó de perturbar-lha. Mas a rapariga retorquiu prontamente:

— Os meus primeiros bons dias não seriam hoje para si se a Luciana estivesse acordada.

Apesar dos modos de Isilda, que acabavam por afoitá-lo, o velho sugeriu observando-a:

— Não achas pouco natural?...

— É o dormir da convalescença. Foi assim que a deixei ontem à noite, muito serena a repousar. Já que estava levantada, — era questão de mais meia hora — não me quis ir recolher sem que ela tivesse adormecido.

Constâncio não pôde por mais tempo subjugar a revelação dos seus maus pressentimentos.

— Há coisas que se parecem com o sono...

— O quê? A que alude o padrinho? inquiriu a rapariga, deveras ingénua.

Ele gaguejou uma mentira:

— Um letargo... um torpor doentio...

Irrespeitosa contra vontade, Isilda não conseguiu sustentar uma casquinada argentina.

— Oh! a vida distingo eu bem. Nem das tres vezes que ontem à noite fui espreitar a Luciana, nem ainda agora que lá estive, deu ela pela minha presença; mas não há repouso mais sadio. É o dormir da convalescença, creia.

Longe de escandalizar-se, mais forte aquele optimismo do que qualquer outro sentimento, Constâncio zombou dos seus preságios.

— Não há dúvida, são manias da idade. Não existirá motivo para novos receios.

— A Luciana tem ido a melhor — acrescentou a afilhada — regularmente e constantemente.

— Toda a minha curiosidade é vêr como hoje desperta, justificou Constâncio.

Catarina interrompen, aparecendo no limiar.

— Está na sala o sr. Mateus, à espera.

Adiantou-se com panria, mão na cinta, seguro prenúncio de loquacidade.

— Vem saber da nossa doente, continuou. Mandei a cachopa cá acima; mas a bruta foi ao quarto avisar; não percebeu, por a porta estar fechada, que não havia ninguém no quarto de cama.

Dirigia-se ao amo, que a atalhou ligeiro.

— Foi nêsse caso o sr. Mateus quem há pe-
daço bateu... Mas ao tempo, se foi êle!

A velhota fez um gesto resignado.

— Só agora é que eu caí na asneira da pas-
palhona.

Constâncio erguera-se, encaminhava-se para a porta, mas estacou tomado d'uma idea.

— Dize-me lá, ó Catarina! que história vem a ser essa, que nos contaste anteontem quando aí estava o Dr. Higino?

A mulher não se recordava só por tão vagas referências. Isilda já entendera e varava-a com o olhar.

— Não nos contaste, aclarou o velho, que bateram ao portão e que não encontraste ninguém?

A interpelada balbuciou; não respondia nem sim nem não.

— Imaginações da Catarina! alvitrou a rapariga desculpando-a.

— Não, menina; olhe que se engana, murmurou a criada.

Afigurava-se-lhe acaso que pela sua precipitação fôra inconveniente na outra manhã; êsse remorso tornava-a ambígua. Atrapalhou uma desculpa:

— Não me lembrou que à minha senhora podia fazer-lhe mal...

—Hum! Não se trata disso—encurtou Constâncio, sem estacionar mais. Mas não quero o portão aferrolhado, pelo menos, às horas do dia. Nem nunca quis noutra época, em que havia que roubar.

—Pois se não entraram, foi por medo do cão—aventurou a serva, quando já o amo deixava o aposento.

A rapariga, que seguia o padrinho, voltou-se ainda a observar Catarina. Suspeitava-a de traça; talvez a supersticiosa maquinasse, com expedientes do seu pouco senso, desapegar Constâncio do antigo solar.

Pelo lôbrego e comprido corredor, o fidalgo ia desenvolvendo, numa perrice de caduco:

—Não temos que temer seja quem fôr. Esta casa há de estar franqueada, igualmente a rico e pobre. Se são pedintes, que não vão sem esmola enquanto aqui houver pão. E se nos furtam, bom sintoma! é que ainda acham que furtar. Tu, pequena, pareces-te comigo, que não tinha d'antes temor de nada.

—Nem agora o padrinho é medroso...

Constâncio lançou como uma gargalhada, confundida em tosse:

—Da Traga-tudo é que não gosto muito.

—De quem? perguntou Isilda.

E com uma jovialidade de quem acerta:

—Ah! já sei—fala da morte.

A tosse do velho redobrou, sem lhe dar fôlego para dizer sim. Afirmava porêem com a cabeça, muito deleitado com o seu gracejo.

Haviam entretanto chegado ao extremo do corredor. Depois de subirem alguns degraus na sua frente, estavam à entrada do salão enorme.

VI

CATARINA tinha conduzido o visitante ao salão enquanto mandava acima avisar. Afastara as portadas de duas janelas, deixando as das outras encostadas; a manhã estava muito pálida, e o aposento ficou sombrio, sumptuoso porêm na sua quási nudez. Não era mais que um destroço de grandezas, mas que ainda se impunha.

O teto alto, em gamela, de madeira muito lavrada; as paredes forradas por um damasco, provavelmente verde, e com certeza belo outrora; o soalho de embutidos; os três espelhos vagamente reluzindo entre as janelas, com reflexos de mar, e mesmo ao centro uma alcatifa cansada, tudo isso demonstrava um passado de esplendor e requinte; — os móveis todavia destoavam. Era acanhada de mais para o salão a oblonga mesa central, não contudo sem elegância as suas quatro pernas retorcidas que pousavam em garra no tapete; cobria-a um pano de seda antiga, finamente bordado

a matiz. Encostada contra a parede onde abria o corredor, só uma banca de desdobrar, dessas para jôgo; defronte, o adôrno central consistia num fogão excavado na alvenaria, escancaramento opaco, enquadrado em brancuras de mármore que lhe formavam em cima um rebôrdo; pendiam desta mesma parede dois grossos reposteiros verdeongos, os únicos do aposento, com desbotado monograma. À parte do fundo um canapé, de bom estilo, ladeado por almofadões de veludo côr de granada, animava um intervalo entre portas; e mais adiante, fazendo simetria, esguio e leve, donairoso, revestido de entalhes claros, um cravo amenizava o olhar. Completavam o mobiliário algumas raras cadeiras. De quatro pequenas telas, dispersas como ao acaso, tão sómente ressaltava a moldura de oiro; e, invisível sob uma espessa gaze, estava suspenso do teto o gigantesco lustre.

O visitante — não idoso por certo mas dama juventude indefinida — ficára de pé, sòzinho, contrafeito, admirando e examinando o salão. Não era a primeira vez que ali entrava; mas se em qualquer circunstância o acanhava aquela pompa, ainda mais o embaraçava ser tão solenemente acolhido. Familiar há muito na casa, repugnava aos seus modos singelos, e penalizava-o, que o não recebessem singelamente, sem cerimoniaal como de ordinário; antes queria, mesmo sendo um estranho, que não escrupulizassem em mandá-lo para a lareira, para a provinciana e doméstica cozinha, sem menosprêzo, amigávelmente. Com uma relutância submissa acompanhara porê m Catarina, que entendia pagar em honrarias o interesse pela sua doente.

Os preparativos do almôço, que Isilda viera impulsionar antes dos matinais cumprimentos ao

padrinho, apressavam a criada; Mateus perdeu assim as informações copiosas que noutra ocasião não teriam falhado. Sucumbido pela gravidade da sala, esperava comunicações muito mais melancólicas do que Catarina soubera ou tivera tempo de expor; e imóvel, com o chapéu ainda entre os dedos, acabou por fitar olhos na porta onde o velho deveria assomar. Parecia ainda menos alto e mais débil nêsse vasto enquadramento; esta sensação causava-lhe um mal-estar; mas sem mudar de postura, como quem tem o hábito dos sacrifícios e das longas paciências, deixou desfilar os lânguidos minutos. Ia emfim circunvagiar, já não decorrido pouco, quando ouviu o tossir de Constâncio; deu alguns passos ao seu encontro. O velho transpunha o limiar, seguido pela afilhada; Mateus em silêncio apertou-lhes a mão.

— Vim por causa da sr.^a D. Luciana, titubeou. Não é nada de cuidado? . . .

A entoação da pergunta fazia prever mais qualquer frase; mas rematou, — não brusca porém tímidamente. Não achava talvez.

Foi Isilda quem respondeu.

— Houve aí receios, mas exagerados. Já ontem se levantou um bocadinho; sem contudo sair do quarto.

— Está doente há muitos dias? murmurou o visitante.

— Veiu-lhe trasantontem à tarde uma aflição, respondeu Constâncio.

E pausadamente esmiuçou o episódio. Isilda pôs o remate:

— Mas o médico, na manhã seguinte, logo nos deu boas esperanças.

Mateus escutara calado, esmoendo os pormenores. Afervorado na sua narrativa, o dono da

casa esquecera a polidez; na pausa que se agora abriu, é que emfim o convidou a assentar-se. A rapariga aproximou duas cadeiras.

— Já podia ter sabido isto há mais tempo, observou Mateus, tomando assento. Não tenho falado com o doutor . . .

Continuava pouco à vontade; deixava incertas as expressões, ajudando-as com algum vago me-neio. Instalara-se incómodamente; e teve Isilda de desembaraçá-lo do chapéu.

— Não te queres assentar, pequena? interrompeu o velho.

Ela explicou que apenas fôra seu desejo cumprimentar o sr. Mateus, para que não a supusessem indiferente à visita de pessoas amigas. Eram hoje tão exíguas as relações da decadente família, que Isilda, efectivamente, se sentia jubilosa pelo menor sinal de respeito ou qualquer testemunho de estima que fôsem oferecidos aos seus como parentes; sobretudo imaginava que a distração da sociedade, alegrava, remoçava Constâncio.

— Mas não repara que eu não me demore, pois não? concluiu para o visitante.

Perpassou um rubor leve pela tez reverdecida do interpelado. Num desassossêgo de julgar-se importuno, balbuciou explicações.

Só na véspera é que a doença chegara ao seu conhecimento, e teria logo ocorrido se o não estorvassem umas niquices . . . Entendendo porém que a sua demora poderia ser mal interpretada, não tivera mão em si que não se apresentasse tão de manhã. Contava apenas com Catarina para inteirá-lo sôbre o estado da enfôrma; a criada obrigara-o a entrar; pedia desculpa de ter incomodado.

— Não houve incómodo nenhum, redarguiu Isilda.

Porém éle não se fiava; acrescentou compungido:

— Andei mal em não vir ontem.

— Tanto melhor se tem vindo! Mas já agora que aí está, pode talvez, não tendo pressa, fazer companhia ao meu padrinho—emquanto a neta não acorda. Levará mesmo notícias frescas acêrca dela; e aposto que hão de ser óptimas.

Mateus acabou por tranquilizar-se às hábeis palavras da rapariga.

— Eu tenho lá dentro a Catarina à minha espera; mas se me fôr possível, ainda volto. . .

Dirigiu-se airoso para a porta, num vivo passo.

Uma confissão sufocava o visitante, que no silêncio lento que caíu, se remexia inquieto na cadeira. Preocupavam-no as más interpretações, como dissera, pela sua tarda solitudine em informar-se da enfêrma.— Filho de pais, pouco remediados, repudiara em meio, por falta de vocação, a carreira dispendiosa a que êles pretendiam elevá-lo. Um colérico despeito na família, pelos desembolsos tornados inúteis, e pelo sacrifício de esperanças e vaidades, reconduzira Mateus ao lar, e acorrentara-o, em punição, à vida agrícola—a qual não o encantava muito mais do que a outra detestada profissão. Constâncio compadeceu-se do rapaz, reconhecendo-lhe méritos; propôs-se a custear-lhe a instrução num sentido diverso do que fôra. Cegava-o contudo a generosidade, e Mateus teve afinal a suspeita dos embaraços da casa, sempre a avolumarem. Com falsos porém nobres pretextos interrompeu de novo os estudos, preferindo arrostar com os acintes da parentela impiedosa a continuar desfalcando a bolsa, já enfezada, dum estranho. Não se crera, de toda a maneira, dispen-

sado de gratidão; desejaria poder demonstrá-la; mas impunha-se-lhe quando menos o dever de recompensar com deferências quem lhe provara tão carinhosas intenções...

Assentado muito perto do velho, olhava-o e baixava a vista; a sua meticulosa consciência continuava a repesar se não incorrera na desestima — até que enfim ousou exprimir:

— Pareceu-me ontem impróprio vir cá, sendo o dia que era...

Constâncio interrogou-o pelo semblante; êle, que imaginava ter sido explícito, achou-se desnortado, excedendo o natural encolhimento. Gaguejou a rebuscar outra expressão.

— Quero dizer por impróprio...

Vacilava em volta da palavra como se esta desse a chave dum melindroso pensamento. Já não podia voltar atrás. Como quem deita a correr para melhor saltar um obstáculo, formulou por fim, sem tomar fôlego:

— Sendo o dia de visitar os mortos, julguei-o mal escolhido para vir em visita aos vivos.

— Ah! é certo, exclamou o velho. Esta minha pobre memória!... Foi ontem dia de finados. Ouvei falar nisso, e não devia esquecer. Não são tão poucos os meus mortos!

Sem duvidar de que arriscara uma inépcia, cujo receio o fizera hesitar e em tantas ocasiões o inibia de expandir-se, Mateus mordida os beiços pesaroso. A sua escrupulosidade traira a sua prevenção; e remascava a idea de que, já mais vezes, a obsessão da inconveniência, por uma sugestão ou o que quer que fôsse, o precipitava na inconveniência. Constâncio meditava também.

— Muitos, muitos, são muitos os que me deixaram pela morte, monologou após momentos.

E como consolação:

—Mas ainda são mais os que a terra cobre.

Abanou a cabeça branca. Resignadamente ajuntou:

—E mais ainda os que há de cobrir.

Era uma referência a si mesmo? Mateus, se soubesse como, já o teria atalhado. Veiu-lhe aos lábios um pensamento convicto, que lhe impôs certa firmeza:

—Esta vida que vivemos sôbre o globo, não será para nós a única.

O outro contestou brandamente:

—Pois eu creio que todo o segrêdo da existência é permanecer à flôr da terra o mais demoradamente possível. Digo isto para quem é moço como tu; aos idosos poderia omiti-lo. Se alguém há-de partir, que sejam êles.

Interrompeu-se um instante. Depois arbitrou com energia:

—Era bom, sinceramente, que seguissemos segundo a idade.

O visitante procurava interpor uma dúvida.

—Mas que importa! continuou êle. A morte precisa de farto pasto, e a fome não a deixa escolher. Ou se escolhe, é então a carne tenra; gosta talvez do sangue muito fresco, dos corações bem palpitantes.

—Hum! não mata sem ferir primeiro, aventurou Mateus.

—Tem contudo mil modos de ferir os mais robustos e os mais sadios.

A conversação tornava-se absurda. Inquiriu de súbito para desviar-se:

—Foste ontem depor, não é assim? algumas flôres nas tuas sepulturas. . . Ninguêem, ao menos, quer ser esquecido.

— E quanto os vivos podem fazer, respondeu o rapaz.

— E quanto os mortos podem esperar, redarguiu Constâncio.

O interlocutor acrescentou muito do íntimo:

— Nunca falto nem faltarei a êsse dever.

— É que contamos, filosofou o velho, que outros no-lo pagarão. Mas vê tu! Da mesma forma que até ao fim da vida a única certeza é a morte, também depois dela não há certeza alguma.

Mateus ia acaso objectar ao scepticismo de Constâncio, imaginando-o fundado em transcendências; êle porém esclareceu:

— Eu prometera comigo, enquanto vivo, ir cada ano, em dia de finados, ou mandar qualquer dos meus, colocar alguns ramos no jazigo da família. Ontem não cumpri o prometido; a doença de Luciana, quási nos fez esquecer a todos o tradicional dia fúnebre.

De mais, quem havia de enviar, julgando pouco avisado afastar alguém da doente? . . .

Recolheu-se um momento, medindo a transgressão. Principiavam a achar-se mal nessa grande sala sem aquecimento. O visitante esfregava vagarosamente os joelhos.

— A todo o tempo, aventou, poderá mandar ao cemitério. Muitas são as ocasiões de visitar os que morreram — e até em casa os podemos visitar.

O velho fitou-o agudamente; Mateus recaiu num embaraço, por ventura mais subtil do que há pouco. Sob o olhar que o interrogava, tartamudeou:

— Falo de recordações que temos às vezes.

Cofiou o buço ralo, a dar-se calma.

— Trazer no pensamento os que faleceram. . . é prestar-lhes a mais sólida homenagem — creio eu,

— Sim, decerto, confirmou Constâncio. Vale mais o que guardamos dentro da alma do que todas as palavras, quaisquer mostras, que se podem imitar. Contudo as acções, mesmo quando não são grandes, teem um imenso valor sendo sinceras.

— Os mortos, tenhamos fé, saberão distinguir as puras, replicou-lhe Mateus; e agradecerão as boas intenções que ficam por executar.

O idoso nem assentiu nem dissentiu; notou, passados instantes:

— Não te supunha supersticioso.

O rapaz baixou a vista, como vexado por uma censura, sem auso de defender-se.

Constâncio reputava-o apreensivo, e orgulhoso sob a timidez; buscara sempre ser com êle paternal, mas cautelosamente, não fôsse feri-lo. Amigável com todos, como era, mas raras vezes olvidando distâncias —, assim fôra com êste seu protegido, sómente um pouco mais amigável. Nunca o tratara com completa intimidade, preferindo descambar na frieza a assumir, embora lhanaamente, um modo protector, que poderia aviltar. Desde porêm que Mateus dispensara o seu auxilio, não obstante as dissuasões de amizade, o velho, num ténue despeito, passara a um tratamento mais melindroso, como entendia cumprir a ambos. Mal se fazia isso sentir; e o antigo protegido, se a princípio fugira de visitas por se temer menos à vontade, acabou por encontrar-se quasi igualmente familiar, — o não muito que dantes tinha sido e lhe permitia a sua índole.

— Não te suponho supersticioso — repetiu Constâncio numa variante, querendo mitigar. Mas tiveste ontem excesso de escrúpulos. A tua visita é sempre bemvinda em qualquer dia e occasião.

—Receei que achassem . . . murmurou o visitante.

—Compreendo, atalhou o velho; foi por nós que não vieste. E tens razão; não será de bom critério vir pela primeira vez a um doente, em dia de visitar mortos. Agradeço a tua reserva.

E como se naquela direcção as ideas se lhe tornassem insuportáveis, indagou desligadamente:

—Como soubeste que a Luciana adoecera?

—No cemitério, retorquiu Mateus. Estranhando não vêr ninguém de cá, perguntei à *Bruxa* . . .

Constâncio acenou que identificava.

—A Bárbara, que ali tinha perto, se já se haviam retirado. Foi ela então quem me referiu que sua neta estava de cama.

—A *Bruxa*! . . . exclamou o velho. Mas há que meses aí não aparece! . . . se não estou mal lembrado. —Contudo, que admiração!? Introduz-se em todas as casas, e com a sua bisbilhotice anda sempre muito informada.

—Até acêrca de segredos que toda a gente ignora—sublinhou o rapaz, num tom menos sisudo—se é verdade o que conta o povo. Entretanto, não houve mistério.

O interlocutor apurou a atenção.

—Diz que passou por aqui anteontem e bateu. Como tardassem em ir à porta e tinha pressa, entrou no pátio; deparou com o cavalito do doutor. Foi por isso que suspeitou da doença.

—Não era motivo suficiente, opôs Constâncio.

—Isso mesmo lhe objectei. Mas falou-me numa conversa, que tivera haverá uns dias, creio que com a sr.^a Catarina. Ao voltar para a cidade, indaguei na farmácia, e soube que a criatura tinha acertado.

Com mau humor, Constâncio resmungou, como para acusá-la a todo o transe:

— Era melhor que a tia Bárbara houvesse entrado a perguntar do que se tivesse metido a conjecturar disparates.

— Parece que não quer nada com os médicos: apenas o pressentiu, pôs-se a salvo.

— Manias da idade! depreciou o nonagenário, porêm com um ar mais prudente.

— Julga ela que por evitá-los é que tem vivido tantíssimos anos.

Constâncio como que se retraía. O visitante, mais à vontade, lançou um olhar em redor, pelo aposento solene, na semiclaridade taciturno. Numa complacência misturada de respeito, para com o seu antigo patrono, esperava que êste lhe dirigisse a palavra.

— Que tens feito? interrogou êle por fim.

O rapaz encolheu os ombros com um tanto de indecisão.

— Tens lido, tens estudado, estou certo.

— Alguma coisa, murmurou Mateus.

— Não houve mais recaída, nem ameaços, pois não? Essa saúde está agora à prova . . .

— Vou bem — ou bastante menos mal.

— Encontro-te hoje a melhor aparência.

Ou o velho fazia o confronto com o que vira outras vezes, ou sómente lisonjeava. Mateus relanceou o espelho enorme que tinha em frente. No seu rosto amarelado, a única feição que avultava, eram os olhos rasgados, um tanto murchos porêm; uma scentelha mais vibrante passou nêles, penhorado e alentado com a apreciação de Constâncio. Achou-se deveras mais sadio, e numa satisfação sem disfarce acudiu:

— Tenho pena de ir perder mais êste ano.

Recaiu suavemente.

— Prometi ao doutor descansar. Se me sentia tão desesperado de mim mesmo! . . .

Um dos motivos, que Mateus alegrara outrora para escusar-se à generosidade do fidalgo, fôra a sua saúde traiçoeira, que lhe não consentiria completar um curso laborioso. Uma vez de maioridade e na posse de alguns poucos bens, decidiu reduzir as ambições e cursar para uma terceira profissão, tão modesta como os capitais que podia desembolsar. Foi-lhe fácil desculpar-se a Constâncio por esta nova arremetida aos estudos, e demonstrar que, possuindo um pecúlio, não devia voltar a aproveitar-se de quaisquer auxílios, por mais infatigáveis. Seminarista revoltoso, depois candidato à advocacia, empreendeu desajudado preparar-se para o ensino primário, crendo que a avidez de aprender roçava na aptidão de instruir. A doença, como dissera, acabava de forçá-lo a uma pausa, muito próximo do seu ganha-pão.

— Ainda és moço, podes aguardar — ponderou o velho.

Era um confôrto a que se julgava obrigado; mas uma certa frieza ressurgia nêle, sempre que vinha à conversa o último tentame do rapaz. Sem querer culpá-lo d'um mau proceder, antes desejando criminar-se, não domava um ressentimento, que Mateus, se o percebia, estava pronto a tolerar, e conseguia desvanecer por gratas e sinceras maneiras. Voltar costas ao seu patrono é que não resolveria, mau grado êsses raríssimos momentos.

— Quando somos jovens, meu amigo, — envolveu Constâncio — não há que contar o tempo.

Mas não pôde fugir a uma restrição, sobretudo azêda pelo tom.

— Tanto pior se depois nos falta! Porque os anos úteis são poucos.

Confiado na sua razão ia Mateus acumular explicações; reteve-o porém o crónico temor de dizer demasiado. Mas já Constâncio abrandara.

— A vida é curta, exprimiu com gravidade, e olha que sou eu quem t'o afirma.

Talvez o visitante penetrasse agora o despeito ou rabúgem do velho; maior incentivo a que se abstivesse.

— São dois dias, como quer o rifão.

O diálogo esmoreceu. Constâncio tinha assaz desabafado, e não descobria um outro tema, interessante ou mesmo indiferente.

— Que te parece êste inverno? perguntou por fim.

— Vai ser frio, vai ser muito frio.

E numa grotesca simultaneidade, ambos esfregaram as mãos.

— O inverno é o grande inimigo dos idosos, observou o nonagenário.

— E dos enfêrmos,olveu o outro.

— E dos fracos, e dos pobres, acrescentou o primeiro. É a vindima dos coveiros.

— É êle mesmo o coveiro-mór, reforçou Mateus.

Pesou de novo o silêncio. O visitante, sem assunto ou por pouco falador, entretinha-se a analisar o pano bordado da mesa — grandes ramagens num fundo creme — não longe da qual se encontravam assentados. Inerte a princípio, um tanto abstraído, Constâncio recomeçou a esquadrinhar; desejava uma idea jovial para que a sua companhia não se tornasse enfadonha. Ia já a articular, quando das bandas do corredor se entrouviram vozes e risos. Escutaram durante instantes.

— Ora esta é que não está má! exclamava dentro Catarina, com uma entoação de galhofa.

— Não faças tanto barulho — admoestava baixinho Isilda, num timbre prazenteiro também.

Uma fala mais débil intervinha.

— Que vem a ser? monologou Constâncio.

No interior, o colóquio cessara; ouviam-se porêm as passadas avançando e suspeitavam-se gargalhadas reprimidas. O velho pôs-se de pé, logo imitado por Mateus; encaminharam-se para a porta. Mas Catarina desembocava, ofegante, indominável.

— Não querem ver a grande novidade!

— Cala-te ainda, linguaeira, bradou-lhe Isilda do corredor.

— A surprêsa que as meninas nos pregam! insistiu a criada sem atendê-la.

Mateus parara boquiaberto; o fidalgo, atordado, interrogou mais uma vez:

— O que há? . . . Quem vem aí? . . .

Respondeu-lhe Luciana, no limiar.

— Sou apenas eu, meu avô.

Um quási nada mais pálida do que a sua usual palidez, que o vestuário todo preto exagerava acaso, adiantou-se firme para o velho, que se apressava ao seu encontro. Com olhos marejados entre os sorrisos, apertou-a num demorado abraço. Frases vagas e exclamações meio incoerentes escapavam-lhe dos lábios ao beijá-la.

Isilda, que surdira atrás da amiga, comentava para o visitante:

— Ora aqui tem essa doente, que nos ganha em saúde a todos! Estimo que vá espalhar para a cidade que era uma doente fingida.

A alguma distância, Catarina limpava as lágrimas à manga.

—Mas como foi isto arranjado? inquiriu afinal Constâncio. Não te irá prejudicar? . . .

—Se não saí ontem do quarto, é porque m'o impediram, redarguiu convencida a neta; que forte, já me sentia.

—E hoje, interrompeu Isilda, apenas lhe entrei na alcova—subi lá assim que fui d'aqui —encontrei-a a pé, a vestir-se. Foi ela que instou comigo para que não avisasse ninguém e quem projectou a surpresa.

—E tu, pequena, consentiste! Tens tão pouco juízo como ela.

A censura era lançada com um sorriso.

—O padrinho quer tê-la prisioneira?

—A prudência é a mãe da saúde, sentenciou o decano.

E voltando-se para a neta, a trocar cumprimentos com Mateus:

—Realizaste a tua fantasia; retira-te agora. Não faz aqui muito calor . . .

—Faz realmente um tanto frio, acedeu ela.

E a amiga que de soslaio a não perdia, aconselhou:

—Vamos todos para a lareira comer o almôço, que deve estar pronto. O padrinho dá-me licença de que convide o sr. Mateus? . . .

—Com toda a certeza, replicou êle. E nunca tivemos convidados por um motivo mais solene. É bem um almôço de festa, senão pelas iguarias, ao menos pelas circunstâncias.

O visitante pediu que o dispensassem, com insistentes parabens, em frases balbuciadas.

—Quero então, atalhou a rapariga, que nos felicite com todo o fundamento.

E dizendo, foi às duas janelas intactas e escancarou as portadas.

— É uma aleluia! sugeriu.

O salão vasto como que despertou, iluminado por igual e até aos altos tetos, com os três espelhos muito alegres. O tecido das paredes aparecia porê m esfiampado, os repositores mais gastos, a mesa de jôgo mesquinha, o canapé um pouco estafado e sem harmonia com as raras cadeiras. Que importava? se todos os olhares depressa visavam Luciana. De pé, quási em meio do aposento, sorria muito feliz, as faces ao de leve rosadas.

— Digam-me se isto é parecer de doença! proclamava Işilda apontando-a.

— Criança! Criança estouvada! murmurava o velho, ainda comovido. — Mas não me convenço de que esteja boa, não me convenço que melhorasse tão depressa. E preciso ainda cuidado.

VII

JUNTO ao portão da propriedade, que acabavam de transpor, Isilda e Luciana hesitaram.

— Para que lado? perguntou aquela.

A outra acenou para a esquerda, e ambas se adiantaram pelo atalho, a par.

Era o primeiro grande passeio da convalescente; a amiga não ia sem cuidado. Teria preferido não sair do parque; mas, segundo Luciana, o mesmo seria permanecer em casa. Ainda que não fôsem muito longe, dar-se-ia cá fora, ao que supunha, a afirmação bem mais válida do seu restabelecimento, cuja certeza queria impor a toda a família. Citando palavras do médico, que lhe não limitara a liberdade, convenceu de pronto Isilda, geralmente fiel aos seus caprichos. Constância, por uma idosa precaução, reprovaria talvez essa experiência; a doente aproveitou o ensejo de estar êle retido no escritório por um homem de negócios — abutre ligeiro em acudir, persistente em revoar, sobre restos de opulências, porém

sempre exigente e demorado nas suas transacções salvadoras.

Ia em cabelo a rapariga; mas Luciana, muito abafada numa comprida capa cinzenta, acedêra a embiocar-se no capuz, cujo fôrro carmesim, abrigando mas sem cingir, lhe reflectia nas faces um matiz de cravo. A hora fôra bem escolhida para dia de inverno; passava um pouco das onze. Nas alturas do céu correria vento, mas mal chegava a raspar o solo; o frio não importunava, antes tornava mais ágeis os membros.

As duas companheiras deixaram-se descer, e breve atingiram a estrada. Tomando por ela costeariam o vale—que o carreiro, cruzando-a, atravessava, mais acanhado de horizontes. Seguiram portanto pela estrada, num passo rápido de passeio.

—Êste caminho, observou a rapariga por falar, estava dantes mais bem tratado.

Referia-se ao pedaço que no largo atalho acabavam de percorrer.

—Havia quem o conservasse, respondeu Luciana.

Esta alusão a tempos dourados, em que Constâncio podia permitir-se as mais luxuosas despezas, retraíu-as a ambas um momento. Quantas carruagens ali teriam transitado, da família e dos seus visitantes! E hoje era quási o abandono!

—Andemos depressa para aquecer—instigou Isilda, querendo afugentar melancolias.

E numa das suas astúcias deitou infantilmente a correr um curto espaço, logo virando-se, à espera de Luciana.

—Minha estroina! censurava aquela, apressando-se também.

—Dá-me sempre vontade de galopar quando me encontro ao ar livre.

Recompunha com as duas mãos o penteado, o rosto fulgurante de viço e de alegria, afogueado pela corrimaça.

—O dia está tão lindo! exclamou.

A amiga parara junto d'ela, e com uma ponta de pesar assentiu:

—Sim, está lindo o céu; muito suave. Mas são bem pobres e tristes êstes campos.

O vale—extenso e sôbre o estreito, plano a espaços ou de relêvos preguiçosos—retorcia-se nas extremidades e fugia à vista por entre as montanhas; fechavam-no ao comprimento duas paredes de cerros, que d'um modo brusco pousavam na baixa mas subiam larga e vagarosamente. Entre essas barreiras paralelas, alternavam de sopé a sopé grandes extensões de mato verde-negro e enormes taboleiros cinzentos de terras a descoberto—umas estéreis, atrasadas no amanho, ou em pousio; outras, raras, com regos já mal vincados e um ar não menos morto. Tufos ressequidos por aqui e por além; árvores desfolhadas e solitárias; raramente uma leira mais fértil, d'um alvadio esverdeado por alguma rala e tímida erva. Numas vertentes, forradas dum musgo pardo, brotavam pedregulhos e penedos; noutras, a encosta arrepiava-se em florestas de carvalhos, meio despojados, com os troncos irregularmente dispersos como um pelotão de atiradores em marcha, algumas vezes resvalando à pressa e em montão como uma chusma acossada mas corajosa; noutras descidas ainda, eram anãs as carvalheiras, escorrendo até abaixo e pelo vale, onde atulhavam espaçosos tratos com a sua acastanhada folhagem.

Um isolado grupo de pinheiros bravos avivava lá em cima, num tôpo, a paisagem invernal, de

matizes incolores; também na rechã esverdinha, mas quanto enfezado! um serpeante listrado de relva. Longe, num excavado recanto refugiava-se a povoação denegrida, vinte a trinta habitações de pedra solta, d'onde pelos telhados saíam fumos. A casa apalaçada de Constâncio emergia de cá, austera e única; por detrás, como um alto trono de que a tivessem apeado, escalonava-se estiradamente uma profusão de arvoredos, esgalhando-se emmaranhado e duro, exuberante de colossos imponentes. Defronte, a muralha de cerros descobria entre as ondulações outra linha de montículos, recortada em agudos dentes ou arredondando-se em cabeços; para além dêste segundo plano adivinhavam-se pontas de píncaros, que aqui ou ali, momentâneamente, alçando-se com impetuosidade ou aproveitando um abaixamento, assomavam em pirâmide massiça. Havia um frescor no céu azul, maciamente embaciado de coalhos, pequeninos como farrapos, bojudos como balões, uns alvos, outros sombrios, vogando todos o mesmo rumo. — As duas companheiras, após momentos, recomeçaram a caminhar, mas ainda contemplando. Fôram caladas uma não curta distância, no mesmo passo um pouco lesto; a convalescente tendia até a amiudá-lo. Isilda, pois, censurou prazenteira:

— Aonde vamos assim?

— Quere sair daqui, ver outros campos.

— Já estás cansada de viver ao pé de nós.

— Não digas coisas tão feias.

— Mas estás cansada de viver neste lugar.

— Às vezes parece-me que sim.

Isilda passou-lhe o braço por trás da cintura; e, inclinando-se a espreitar-lhe o rosto, interrogou subtilmente:

— É por isto ser muito sózinho?

Em toda a larga concavidade não se avistava viv'alma.

A viúva purpureou-se um pouco, sem responder; olhou em volta, num disfarce.

— Que importa, minha querida Isilda! São fantasias. — A minha vida findou.

— Isso é que são fantasias.

— Não. Realidades que costumam a aceitar. Custam-te a aceitar a ti, corrigiu; e o mesmo me aconteceria se tivesse a tua idade.

— As nossas idades não estão assim longe. Uma dúzia de anos — nem chega.

— Uma dúzia de anos é uma vida, murmurou Luciana.

— Muito mais do que isso te resta, o dôbro, o tresdôbro, muito mais; repara no teu avô...

— A morte pode vir dum instante para o outro.

Num dos seus ímpetos, Isilda largou a amiga.

— Fiz-te zangar? indagou esta, com um timorato desassossêgo.

— Disseste isso dum modo tão duro, que parecias a própria morte.

Luciana pegou-lhe numa das mãos, que reteve apertada nas suas. Tinham afrouxado o passo; também a faixa de macadame subia agora, lentamente, contornando a enorme escarpa.

— Andei mal em te affligir, ia exprimindo a viúva; porque nada se adianta em mostrar as coisas tristes como são.

A mais joven queria bradar que só a revoltava o exagêro, a crueldade acintosa, não a realidade mesmo feroz. Decerto era precária a existência; mas para quê reduplicar as eventualidades trágicas, cobardemente recordando-as? — Com uma

afectuosa pressão de dedos, a amiga resserenou Isilda.

— Escuta-me, prosseguiu. Eu já passei mais do que tu; conheço os desgostos, as atribulações, as infelicidades que esquecem, e as infelicidades que sempre lembram e não teem remédio. É por isso que não acredito no futuro, porque sei que são tristezas o menos que me pode suceder. Aqui, estou ao abrigo d'elas mais que em nenhum outro lugar. Sair d'aqui, não posso, nem devo se não desejo o meu mal . . .

— Achas-te ainda doente, ora aí está! anotou a rapariga.

De facto, a convalescente ofegava, e por um pedaço calou-se.

— Não te parece que é melhor voltarmos? propôs Isilda, affectando um tom negligente.

— Não; quero ver outros campos, retorquiu Luciana com ardor.

A companheira não teimou; talvez que ela aguentasse, ou por si mesma desistisse. Julgava sobretudo inadmissível descorçoá-la desde já; mais a propósito buscaria demovê-la.

Sem perder o fio, Luciana reassumiu:

— Se viesse um dia a ser feliz, no mesmo instante morreria. Não nasci para ser feliz.

— Que absurdo! prorrompeu a rapariga. Fazes-me indignar, entendeste?

A doente curvou a cabeça, e acariciando a mão de Isilda, foi silenciosa alguns passos.

— Sem dúvida, é ainda da doença, justificou. E mais adiante, com ternura:

— Quem me dera ter a tua esperança, que não te apoquentaria!

— Mas é preciso que tenhas esperança.

Dum e doutro lado da estrada, ou rastejando

para o vale ou trepando para a eminência, cresciam naquele lugar montes de urze definhada entre lânguidas hastes de estêva. Luciana apontou para o mato.

— Parece-te que essas plantas teem culpa de ser como são?

— Não te censuro,olveu Isilda. Compreendo que a tua vida não foi o que desejavas — nem é, também compreendo; mas para que hás de supor-te velha, ter tanto receio da morte, não acreditar em tempos melhores?

— É a isso que ia responder-te.

O piso tornara-se outra vez plano; Luciana reatou sem pausas:

— Se eu fôsse uma pessoa bem fadada, teria sido venturosa, pelo menos logo que me casei. Gostava muito do meu marido; os seus negócios corriam então bem; mas a doença perseguia-me. Desde pequena que a morte ronda à minha volta, ora me quer levar a mim, ora me deixa e leva os que mais estimo. Desde pequena que é assim.

— Falas de teu pai e tua mãe.

A convalescente acenou apenas.

— O mesmo foi com meu marido. Quando enfim me restabeleci, começou êle a andar doente. As dificuldades da sua empresa matavam-no; eu sofria por vê-lo sofrer e por medo de perdê-lo; durou isto não sei quantos anos...

— Já nos contaste — interpôs a amiga, diligenciando poupá-la.

Luciana aspirou fundo, agora menos cansada pelo trajecto do que pela outra caminhada, longa e penosa, da sua vida.

— Tinha êle afinal realizado as mais instantes ambições, retomou; era quási o descanso para si e para mim (outros hoje, com bem pouco esforço,

colhem o fruto da sua iniciativa); então, improvistamente, quebrado por tantos desgostos, exausto por tantas fadigas, caiu na enfermidade que havia de ser a última. E eu fiquei sòzinha, sem um filho, que acima de tudo teria desejado.

Estremeceu num grande soluço, logo a face coberta de lágrimas. Isilda estava desesperada.

— Não chores que te faz mal. Conversemos noutro assunto.

— Já terminei, redarguiu Luciana dominando-se. Se descreio da felicidade, é porque tenho razão. Quando a imagino mais perto, sempre a Morte m'a desvia para longe, ou ameaçando-me a saúde, ou roubando-me os que estimo e deixando-me mais desgraçada. Tem desfeito todas as minhas ilusões; é natural que desconfie d'ela. E como a tenho encontrado tantas vezes, não é de admirar que me lembre muito.

— Será feitio também e ainda a doença — insistiu Isilda, numa persuasiva brandura.

— Quero crêr, assentiu Luciana, mas devem então desculpar-me.

A rapariga cingiu-a de novo pela cintura, com mais fôrça, mais fraternalmente.

— Há dias, prosseguiu a viúva, em que julgo que penso errado, e outros dias em que me resigno — o que é a única coisa sensata. Se não nasci para ser feliz, de que me servem fantasias? Em certas ocasiões, até me parece que é um crime ter desejos.

— Não sejas supersticiosa.

— Sim, supersticiosa é o que eu sou; mas não depende de mim. Tentei uma vez lutar contra a minha sina; casei e fui infeliz. Se tornasse a desafiar a sorte, ela não m'o perdoava; pagá-lo-ia com a vida.

Por entre dentes ajuntou:

—E havia agora, a mais, a injúria de ser infiel a um morto.

—Que de horrores estás dizendo! Cala-te, cala-te, minha louca!

Isilda estreitou-a com todo o coração, como se aconchegasse uma criança medrosa.

—Oxalá pudesses ir longe, que era eu agora quem o desejava; precisas de espaiar.

—Mas posso; não me sinto fatigada.

—Não devemos abusar.

Contenderam alguns momentos.

—Quando isso me piorasse, já agora havia de ir—ultimou Luciana, incisiva, numa perrice de doente amimada.

Tinham retardado ou apressado o andamento, mais à mercê do diálogo do que dos acidentes da estrada, suave agora e até deixar o vale; prosseguiram num caminhar mais a compasso.

—Preferes êste passeio à própria vida, havia de afirmar quem te ouvisse, observou a rapariga.

—Não sei se ela será comprida; e não quero por conseguinte desperdiçar uma distracção.

—Pois no teu caso eu procurava mais, notou Isilda finalmente a sorrir; procurava a felicidade, ainda que isso me custasse o último sôpro.

E os seus fluidos olhos faiscavam de malícia, naquela incrível suposição de morrer. A amiga replicou:

—Se tivesse sido afortunada, não contava os anos que passaram; assim, hei de sempre pensar que estou velha sem remédio. Também não gosto de contar os que me ficam, porque talvez nem sejam muitos nem coisa alguma espero dêles. Contudo, por já ter perdido tantos, assusta-me arriscar os que restam, mesmo poucos, — quando é certo,

como tu dizes, que mais valia uma hora de felicidade do que mil anos sem alegria!

— Pois não contes e arrisca sempre, alvitrou Isilda meio irónica.

A viúva soltou um suspiro.

— Não. Nem tenho como, nem devo. Ninguém tirará meu avô d'aqui.

Estavam agora pouco longe da aldeola raquítica—bem discernível, d'êsse lugar e àquela hora, na claridade branda do dia. Nítidamente, quasi um por um, diferenciavam-se lá em baixo os casebres num tortuoso e mal definido arruamento. Alguns eram cobertos de colmo; a maior parte, de telha à antiga, fixada com calhaus para resistir aos vendavais, escalavrada e sórdida; mas igualmente uns como os outros pareciam inabitáveis. Dir-se-iam arremedos de edificações; certos mesmo, inúteis pilhas de pedregulhos; e, onde às vezes se entreavistava um varandim de madeira sob alpendre, ou uma escada a desmoronar-se contra trigueiras paredes de pedra solta, não mais estáveis do que ela, julgar-se-ia ver destroços de qualquer coisa que fôra humana, agora para sempre perdida. A entrada do povoado, medas enormes de feno mostravam mais solidez do que os açaçapados pardieiros; e, com os fumos azulados que rastejavam volteando, eram o único sinal de vida na modorra confrangente do mendigo logarejo.

— Eu tirarei teu avô d'êstes sítios—reatou Isilda, afastando o olhar do fundo do vale e dirigindo-o para a longura da estrada, recta lisa, larga e plana, que lhe não parecia mais fácil do que o seu próprio futuro. Eu hei de tirá-lo d'aqui, repetiu, e levar-te a ti também.

— Que faria eu cá sem vós? respondeu a companheira.

E talvez para acalmar êsse anseio, ajuntou logo:

— Mas duvido de que êle te siga.

— Não duvides. Cedo o verás.

Luciana denegou com um gesto.

— Bem mais cedo do que esperas, insistiu a amiga.

Fez uma pausa para medir o efeito das suas palavras; a convalescente ficava apática.

— Sabes o que o meu prometido me diz na última carta? interrogou com um triunfo.

— Como hei-de saber se me não leste essa?

— Queria guardar a novidade para quando estivesse corajosa, com todo o humor de pessoa sã.

— Então, ainda não podes contar? inquiriu indifferente Luciana.

— A prova de que ainda não devo, é que não tens curiosidade.

Isilda pretendia irritar o interêsse da camarada, aguçando-lhe a atenção e perturbando-a com os seus rodeios; também desejava encaprichá-la a patentear alegria e saúde. Mas Luciana perguntou apenas, alheada em pensamentos melancólicos, que a faziam ir cabisbaixa:

— O que te escreveu o teu prometido?

E desvendando uma saúdade com leve tinta de despeito, ao ver Isilda jubilosa:

— Feliz tempo o das grandes novidades que nos chegam em cartas desmedidas!

— Esta é curta, mas diz o bastante.

Como porêem a companheira não treplicasse instantâneo a êste pronto e sorridente despique, a rapariga exprimiu com um amuo simulado:

— Olha! não te dou parte de mais nada. — Esperava já hoje encontrar-te bem disposta para te alegrares com as últimas novas, mais do que eu,

como é costume. Mas estás uma sorumbática; não mereces que te revele o meu segredo.

—Sou uma velha, tu és uma criança; entras na vida, eu já saí d'ela; não admira que os meus entusiasmos sejam menos fortes que os teus.

A mais joven parou um instante e declarou com veemência:

—Se voltas à mesma, vou-me zangar.

Mas, não obstante o tom rígido, sentia-se apiedada, e estava agora resolvida a não referir o que encetara, receosa de, por qualquer forma, entristecer mais a enfôrma.

—As tuas alegrias teem sido minhas, volveu esta mansamente, notando que Isilda se calava. Desde que aqui estou, tal qual em tempos antigos voltámos a ser duas irmãs. Fala-me do teu namorado...

Expressiu o final sem calor; mas a amiga — que conhecia quanto essas frases, sem excepção, eram verdadeiras nos mais dos casos — não se deteve a profundar, e perguntou com aparente candura, porém num intuito de sugestão:

—Se tivesses um, falavas-me dêle?

—Decerto... com toda a certeza... — retorquiu Luciana com forçado sorriso. Mas não tenho, nem posso ter, balbuciou muito turbada.

A confidente não achou bem insistir; e, como se não percebesse a turbação, saltou à notícia que anunciara.

—Pois escreve-me o meu futuro que antes do fim dêste inverno alcançará sem falta a promoção. Na primavera casamos.

Luciana, agora, sorriu francamente perante a satisfação da amiga.

—É já se sabe que não vos deixo, continuou esta — nem a ti nem ao padrinho.

A doente teve um gesto dúbio, evitando desiludir. Houve um largo silêncio meditativo.

— Não nos separando, como eu desejo, não tens pena de que me case, pois não?

— Não nos separando, não tenho, replicou Luciana.

E num ímpeto generoso:

— Mas não penses em nós, minha filha. Tanto melhor se ficarmos juntas! De toda a maneira, acredita, essa notícia causa-me prazer. Oxalá sejas muito feliz.

Isilda ia a responder; a companheira tapou-lhe a boca com a mão.

— Não discutas se me queres ver satisfeita.

Tinham passado sobranceiras à aldeola; caminhavam agora, dando-lhe costas, por entre duas geiras íngremes — uma subindo para os cabeços, esburacada aqui e além de rochas alvadias ou negras; a outra desenrolando-se para o vale, balisada por uma guedelha de matos. Eram terreno semeado mas por emquanto destituído, dum branco sujo e ressecado. Uma renque de olmos ossudos marginava à direita a estrada. Não tardava que ela se recurvasse, e, insinuando-se numa garganta, deixasse a inóspita vertente. As passeantes conheciam o caminho; andado ainda um cento de passos, embrenharam-se sem hesitar, pela comprida barroca que se abria entre altas muralhas. Depois duns comentários de Isilda, aos quais a convalescente mal respondeu, enredada em cogitações em que a lançara a conversa, seguiam silenciosas e lestras, talvez oprimidas vagamente por essa solidão sem horizonte. Afastaram-se por fim, mais e mais, as barreiras, e numa volta um tanto brusca appareceu-lhes um outro vale, ex-

tenso e largo a perder de vista, de magnificante amplidão.

— Finalmente! suspirou Luciana.

Os seus olhos bebiam o espaço, enorme e livre na terra e nos ceus. Pequenas cordilheiras corriam na baixa; nos refegos apinhavam-se povoações; um sol brando crivava de oiros as penumbras; pairavam sussurros de vida.

— Vamos até acolá, propôs a convalescente.

E encaminharam-se devagar até duas pedras, não muito adiante, à beira da estrada, que ia atravessar um souto.

— Assentar-nos-emos ali.

O souto, vasto, que dum lado se encarrapitava lentamente até quási ao espinhaço da montanha, do outro precipitava-se de gangão até abaixo ao sopé; para esta banda é que elas viraram o rosto, assentando-se.

Espalhados a êsmo e não muito bastos, formidáveis de altura, pela maior parte, e tão rotundos geralmente, que dois homens mal os poderiam abarcar — alguns, ôcos de extrema velhice — os castanheiros, desfolhados, avançavam braços como troncos, donde partiam outros braços, iguais a toros de arbustos, dirigidos para o cume do firmamento a que pareciam aspirar. As pregas miúdas e paralelas da casca clara torciam-se em espiral, como enoveladas por um turbilhão; as raízes emergiam por vezes, montuosas e violentas.

— Aí está uma raça que não morre! exprimiu Isilda com fôrça.

No chão, alastrado de seixos desaderentes, apodrecia uma camada espessa de folha amarela, característica nos seus finos recortes, mesclada a ouriços entreabertos.

—Morrem todos os invernos, explicou a companheira.

A rapariga insistiu, acompanhando o olhar da doente, que melancolicamente pousava na terra.

—Só cai a folhagem e os frutos. A sua morte é antes um sono.

—Não reparas como alguns estão ôcos? acudiu ainda Luciana. E quantos mais havia outra por aqui? Uma riqueza para esta gente, que a epidemia lhe levou.

—A doença não levará êstes, estou certa. Vê como são grossos e rijos! Nunca hão-de parar de crescer.

Luciana respeitou a fé da amiga. Não seria bom acreditar de mais na morte, pensou. Sem dúvida que neste ou noutro mundo existiriam coisas imortais; mesmo que só fôsem essas árvores, era uma idea mitigante. Vinha-lhe porêem com isto, semi-revoltado, um desejo de viver a própria vida, tal como a sonhara ou conhecia. E alguns anos ainda dessa vida, real, sentida, palpável, valiam mais no seu coração, embora não ousasse confessá-lo, do que uma incógnita imortalidade, mesmo ampliada a todos os entes.

—Isilda! filha! exclamou. É necessário viver.

—Parece-me um ponto sem discussão, volveu prazenteira a interpelada.

A pureza da ténue aragem e a pitoresca vastidão instilavam alentos na convalescente; subjugada, contemplou o vale e as alturas, num sentimento de confôrto, que pouco a pouco se demudava numa ebriedade enternecida.

O firmamento estendia uma aguada azul, maculado de grandes nuvens, brancas e deslumbrantes nos rebordos, para o centro côr de creme,

com tons de cera no núcleo denso. Algumas, menos entumecidas, eram apenas amareladas, como sujas; outras, leves retalhos, rutilavam nevadamente. A uma parte do céu immobilizava-se uma cortina imperfurável; do lado oposto, junto ao horizonte, esverdongado, quasi verde claro, estampava-se uma camada sem espessura; os inchados algodões, os ferrugentos novelos, os farrapos transparentes, êsses, vogavam todos vagarosos, lançando sobre a largura dos campos sombras saúdosas que fugiam muito rápidas. Em baixo, como um imenso mapa em relêvo, a valada scindia-se em extensos barrancos, a que separavam cordas de cêrros, quasi sempre longitudinais, em escalões umas por trás das outras, apontando esborcinados gumes. A vegetação das encostas e dos delgados planaltos era visível até não pouca distância — pinhais lustrosos ou carrancudos conforme a luz que os envolvia, grupos de carvalhos poderosos ou carvalheiras rastejantes com o seu matiz de ramo sêco de louro, sombrios matos, pedaços de relvedo verde-gaio, e cá mais perto, quasi sob o prumo, cerdeiras luzidias e membrudas, macieiras fortes e retorcidas, de esbranquiçado tronco, negrilhos colossos, de esgalhos ponteados, mortas porém todas as três famílias, como uma lenha que estivesse de pé. Enormes tratos de chão rapado enodoavam a planície e o enrugado território; para além pardeciam os minúsculos casais, as aldeias semi-escondidas, alguma vilória confusa, parecendo como crustáceos colados à superfície, ou produções parasitárias dum solo à vista infrutífero. Num cabeço, isolado em meio do vale, esboçavam-se como as ruínas dum castelo — talvez miragem, fantasia de penedos, todavia acastelados. Mais longe, os montes torna-

vam-se dúbios, apenas as arestas contornadas; pairavam agora nuvens sôbre êles, e entanto que uns se denegriam, sumiam-se outros como num véu; a convulsão de serranias ia-se fazendo sempre mais incerta. Mas por fim, à borda do horizonte, assomava uma faixa de montanhas, batidas por um sol de oiro descorado, suavemente amolgadas, doces no seu claro-escuro; duas chapadas de neve, distanciadas, brilhavam com o brilho dos vapores alvíssimos que lhes serviam de diadema.

Atravessando para longe passava nos ares, muito unido, um bando inúmero, talvez de cotovias; pulsavam as asas repetidamente, e o sol, ferindo-lhes os peitos claros, reverberava como numa chapa metálica. Chiavam invisíveis carros longínquos, prolongadamente, obstinadamente, com uma grande tristeza. Lá em baixo na rechã, apequenado pelo afastamento mas bem distinto, por um caminho entre piornos e giestas, um camponês cavalgava a passo; e entretanto, direitas às duas amigas, três mulheres palmilhavam a estrada, descalças e em fila — uma nova, as outras idosas — trazendo à cabeça, esmagadoramente, molhos de rama e de fôlha de carvalho.

Luciana descera para trás o capuz, apesar dos conselhos da sua companheira. Olhava e tornava a olhar, com um encanto pelas menores coisas; quisera nunca sair dali. Não tinha vontade de exprimir as emoções, mas trasbordava-a duma serena felicidade a brandura que o céu irradiava, a mansidão dispersa na paisagem. Quási se admirava das três criaturas, caminhando a custo sob o grosso feixe. Havia um tal renascer na sua alma, que não mais lhe pareciam de temer nem inverno nem doença nem morte.

VIII

A NOITE, ao clarão do lume, a cozinha velha, com as paredes oscilantes de sombras, adivinhava-se vasta e de enorme pé direito, mas rude. A lareira espaçosa, sem chaminé, dir-se-ia um estrado quadrangular de pedra, arrumado a um dos cantos; só um lado, dos dois não encostados, ficava livre para a entrada, o outro era abrigado por um escano, espécie de bancada massiça com costas muito elevadas. Nêsse âmbito mal resguardado, que parecia, a quem dentro estava, um pequeno aposento encaixado na cozinha, é onde Constâncio e a família passavam os serões de inverno, ao festivo calor da fogueira.

Emquanto Luciana estivera de cama, e parte da semana seguinte, em que o avô a convencera a que não se deitasse tarde, mal houvera sociedade ao lar; mas no dia imediato ao do passeio, a convalescente teimou tanto em não se recolher cedo, que voltaram as noitadas em comum.

Assentada à ilharga de Constâncio, muito re-

cuado no escano e metido na penumbra, Luciana contemplava o fogo em meio, com um alegre embebecimento. Isilda e a velha criada estavam instaladas no assento fronteiro, fixado ao longo da parede; uma, de esguelha contra o brasido, com três quartos do rosto a chamejar, baixava os olhos sôbre um livro; a outra, com todo o carão afogueado, fazia trotar as agulhas da meia, que bambaleava como um saco. A candeia derramava uma luz fumarenta, pendurada num corte da cana de velar, que era entalhada de furos como um pífaro e deslisava por um baraço, esticado de lado a lado do recinto; quási só a fogueira iluminava. Ao fundo, um apetrecho de ferro, o trasfogueiro— que se compunha dum varão baixo, sustido entre duas delgadas colunas, na parte superior rematadas em pinhas— servia a ajudar a combustão; as pernadas de carvalho em pequeno monte, ainda recobertas dum musgo cinzento, apoiavam-se por uma das pontas ao varão horizontal, e iam ardeendo progressivamente, com uma lúcida chama de tons amarelos. O gato, sujo, de pêlo arrepiado côr de cinza, jazia enroscado à beira do lume, não longe do novelo de Catarina e ao alcance de seus pés; fora da lareira, mas rente a ela, a igual distância dos dois grupos, assentado nas patas de trás, o idoso canzarrão cabeceava. A Silvéria traquinava no escuro, pela cozinha, longamente à procura da roca; vislumbrou-se-lhe agora o casabeque, lá no extremo, ao esquadrinhar junto a uma janela, — onde pelas portadas, que uniam mal, no entanto fechadas contra o frio, filtrava um resquício de luar.

Por sôbre o teto de telhavã passou uma zoadá instantânea. O velho tossiu alguns instantes, sufocado pela fumarada, que o vento arre-

messara para dentro. Logo que pôde falar, embora no exterior parecesse ter voltado a quietação, vaticinou por entre dentes:

— Prepara-se mudança de tempo.

Luciana ergueu os olhos para a negridão, onde a alvenaria fuliginosa, a pouca altura, se sumia; só lá no cimo bruxoleava uma nódoa luarenta, que devia ser o bueiro para a saída do fumo. Da treva deslizava um forte grilhão, destinado a suspender os caldeiros sôbre o lumaréu; eram as lares ou gralheiras, ligadas a invisíveis traves; uma barra, terminando em croque, chumbada à parede e pendente agora, desviava-as da vertical quando preciso. Ao nível em que as gralheiras penetravam na escuridão, mas para uma banda, entreviam-se, nuns repentes do fogo, uns vultos broncos, pouco volumosos, — o fumeiro enfiado em varas: chouriços, tabafeias e alheiras, murcelas e salpicões.

— Se o tempo se pusesse mau, contrariava-me — observou a convalescente. Desejava ir passear amanhã.

— Estás uma taful — condenou Constâncio, com uma risota engasgada.

A neta anuiu ao gracejo:

— Não quero já outra vida senão a de vadiar.

— Fazes bem em espaiar — concordou êle, sisudo.

Passado um momento, fantasistamente, Luciana exclamou:

— O avô ainda tem pernas para me acompanhar à cidade?

— Que vai a menina fazer à cidade? perguntou Catarina, interrompendo-se num pasmo.

— Vou ver ruas, ver casas, ver pessoas.

— Essas ruas são vielas, as casas são pardieis-

ros, notou o velho. Mas tens razão; não há melhor nêstes contornos.

— No estrangeiro é que o avô deve ter visto lindas terras.

— Aos anos que foi! Nem já me recordo.

— Como há-de ser bom viajar! murmurou ela.

Fitando as agulhas, que brilhavam rápido, a criada lastimou:

— Se ao menos o macho não tivesse morrido!...

— Ias até ao estrangeiro? sofismou Luciana.

— Sei eu lá onde isso é! — Pela menina é que estou falando; escusava de palmilhar uma grande légua de estrada. O senhor tem aí o carro, assim tivesse um cavalo...

A interlocutora redarguiu séria, numa intonação de confiança:

— Há-de-se comprar um, brevemente.

Mas Catarina com ar de dúvida, consultou de soslaio o amo. Êle inclinara-se um tanto para a frente; tremulavam sombras no seu rosto encarquilhado, na longa barba estampada de rubro; envolvia-o algum pensamento, penalizava-o talvez, porque sacudiu a ampla testa. Pensaria acaso no passado, vistoso como aquelas chamas; e compará-lo-ia ao presente, na pobre cozinha de aldeia, tão lutuoso como essa obscuridade — onde novamente se afundou, recostando-se.

Daí a instantes, a neta retomou:

— Olha, Catarina, sabes o que eu queria? era que nos contasses um conto.

— Ora essa! Como é que lhe lembrou agora...?

— É para não estarmos todos calados. Sabes que faz mal estar calado?

A velhota resmungou, julgando que a motejavam. Porém Luciana justificou, indicando à socapa o velho:

— Começa a gente a scismar numa coisa e noutra, e nem sempre é com alegria. Ao tempo que tu não contas uma história!

Uma lufada caprichosa e rápida roçou de novo o telhado com um rumor surdo.

— Se principia a entrar vento, é melhor que nos vamos deitar — lançou Isilda, sem despregar olhos do livro.

— Não me faltava mais nada, acudiu a amiga. Nem um vendaval desfeito me afugentava daqui.

E compreendendo que o intuito de Isilda era contentar o padrinho, receoso de que a sua con-valescente recaísse, ajuntou com ironia:

— Estás hoje muito melindrosa.

A rapariga não respondeu, embaraçada com o fumo, que sacudia com a mão desocupada. Uma nuvem acre estagnava no recinto; mais a custo que da outra vez, foi-se evaporando por entre as telhas e pela fresta lá no alto. Os semblantes das mulheres, que se adiantavam para o lume, sombreados um momento, voltaram a rutilar.

— Quem me dera a outra cozinha! exclamou Catarina, curvando-se a recompor os ramalhos.

— Antes esta do que nenhuma, atalhou Luciana.

Com um vago suspiro, o avô replicou-lhe:

— Eu ia-me remediando com ela; vivo para aqui há tantos anos, que me tornei camponês como os mais rústicos e já não estranho a miséria aldeã; mas tu, habituada a confortos!...

— Confortos, mais que ninguém, teve o avô...

— Contudo, interveio a amiga, só a Catarina se queixa.

Para que Isilda assim a censurasse, parando de propósito a leitura, decerto que a criada, livre de intenção, tocara numa chaga viva. É que

a decadência da casa sumptuosa, se havia gerado a penúria, as complicações, os cuidados, era sobretudo cruel ao orgulho da família, prestes a suspeitar insinuações.

— Então por dizer o que disse, queixei-me? replicou a velhota, agastada.

A rapariga não se estava defendendo a si própria, e arrebatada pela paixão insistiria ainda se Luciana não interfere.

— Só pelo que tu nos mereces, Catarina, havemos de mandar, se fôr possível, reparar a outra cozinha.

Tinha existido uma outra, mais moderna do que aquela; mas um inverno, o furacão derrubara-lhe a chaminé, que na queda arrombara os tetos; actualmente era um monte de entulho.

— A roda da fortuna, como lhe chamam, não gira sempre às avessas, continuou Luciana com um modo persuadido.

Emendara a injustiça de Isilda; a criada, numa viravolta de sentimento pueril, só pensou em saborear a profecia.

— Lá nisso tem muita razão, apoiou com contentamento.

E dirigindo-se ao bichano — que agora se espreguiçava, estendendo as patas da frente e corcovando as ancas, — interrogou:

— Não é verdade, *Farrapo*?

Ouvindo o nome, o gato fitou nela os olhos de mocho, com um clarão de inteligência e de mistério.

Catarina desinteressara-se da fogueira e de novo fazia revoltar as agulhas. Bradou para o fundo, à Silvéria:

— Ainda andas à procura?

— Nhora? perguntou a cachopa.

— Estás surda, ou fazes-te? repreendeu a outra.

— É o sono, advertiu Luciana.

— A mândria, diga a menina.

E outra vez em voz gritante:

— Pega num candeio e procura.

— Não sei onde pára o candeio. — Quer que leve êsse daí?

— Palonsa!... Acende então o candieiro.

— Se também não sabe onde pára! murmurou Luciana a rir.

A Silvéria, porém, passado um instante, aproximou-se arrastando os tamancos. Resmoneava com rabugem:

— Não querem que eu pegue em luzes...

— Pois ias largando fogo, já um dia...

— Também lhe podia acontecer o mesmo a si, redarguiu para a velhota.

Tinha subido à lareira. Chegou um dos bicos do candieiro de latão à torcida morrinhenta do candil, enquanto puxava o velador.

— A todos pode acontecer — prosseguia, numa tôla insistência.

Desceu do recinto, empurrando o cão, que foi assentar-se mais perto do velho, não sem rosar à Silvéria com sufocada antipatia. Ela recomeçou na sua busca, ao longo da extensa cozinha. Os reflexos titubantes da chama de azeite iam desvendando soturnamente alguns objectos: aqui, soltavam apagados lampejos os cântaros de fôlha, sôbre um comprido cepo; mais adiante, bojava a masseira, donde emergia uma torre negra de es-
crinhos — cêstos entretecidos de silva e palha — encaixados uns nos outros; além, peneiras e cri-
vos balançavam-se pendentes do teto. Ao fundo, uma banca tôsca; a Silvéria palpou por cima, em

vão. Regressou, rente à outra parede, a das janelas. Pregos em fila, suspendiam os painéis, retintos como borrões, os caldeiros — onde o cobre vermelhojava um instante, — as tachas de lata, frouxamente argentinas. A cachopa, com ruidosos bocejos, elevava, abaixava a luz fúnebre, pesquisava exaustivamente os lugares mais inúteis ao seu fim e omitia os que poderiam socorrê-la. Via-se que a cozinha, até certa altura, era barrada de cal ou oca; ela espetarrava os olhos ainda mais para cima, com o braço erguido a alumiar. Deteve-se a meio do trajecto, junto ao escaparate, armário sem portas embutido na parede, que encimava uma larga mesa. Com o pescoço estendido, parecendo mais escanzelado na sua estatura esguia, tateava no último prateleiro; apenas tirou de lá uma bôla enorme, de centeio. Encostou-a ao peito, arrancou-lhe um pedaço, e começou a tasquinhar.

De cá, Luciana tinha presenciado sem um ralhinho a calaceirice da moça. Catarina estivera enlevada com o gato; fazia-lhe cócegas no ventre, mais claro do que o lombo, porém tão emporcado, e êle tentava rebolar-se como outrora, mordiscar-lhe o pulso, repelir-lhe a mão sapuda com sacudidelas das patas, — mas procedia sem viveza, não sendo menos velho do que o cão. Fatigado por fim, raspou-a com as unhas, que tivera encolhidas; a velhota castigou-o com uma leve sapatada; e o *Farrapo* pôs-se em pé, desconfiado; sacudiu os parasitas sob o queixo, com rápidos arpejos de perna, e afastou-se a passos moles, desenjarcados, galgando com um tímido pulo da lareira para o soalho.

— Vai cumprir o seu dever, gracejou Luciana.

— E é que se não fôsse êle, a rataria devorava-

-nos vivos, notou Constâncio; — pelo menos, a mim, que só estou bom para os ratos. Tal dono, tal casa!

Tinha acompanhado, com olhos de quem não vê, o entretém da criada; as palavras da neta despertaram-no. Ela entendeu que as meditações do idoso não deviam ter sido bonançosas, para assim romperem, num comentário de desalento; advertiu com uma sentença cheia de finura:

— Enquanto há ratos a bordo, é sinal de que a embarcação resiste aos mares.

— Minha rica, se isto é um navio, é navio dado à costa — volveu êle, não sem jovialidade.

O fogaréu, abatendo a cada instante ou subindo de intensidade, ora inflamava de clarões os semblantes, ora os deixava indistintos. Isilda, então, virava mais para o lume a página que estava lendo, sempre atenta, prosseguindo sempre.

— Não despegas hoje de ler, criticou a amiga. Porque não conversas connosco?

Só a rapariga seria capaz de afugentar a hipochondria de Constâncio.

— Estou a acabar um capítulo — explicou Isilda, abaixando o volume.

— Então acaba depressa.

— O padrinho não perde com a demora.

— Vais contar-lhe coisas divertidas?

— Não. Só tenciono perguntar-lhe se imagina que ainda estás doente. Faz esta noite considerações tão sorumbáticas!

— Tens razão, pequena — volveu êle, quasi agradecido ao remoque. Ninguém deve desprezar as consolações que possuí, para apenas se lembrar das vantagens que não logra.

Em nome da sua octogenária experiência desenvolveu para Luciana, numa serena e fami-

liar dissertação, a máxima — tão antiga como os homens — de que nunca convêm desesperar. Fal-tava acaso a sinceridade, mas a neta era feliz com o tentame, não menos por si do que por êle; aprovava com efusão — às vezes mesmo, leal-mente.

Entretanto Catarina, voltando a espiar a cachopa, que não cessara de mastigar, gritou-lhe se já tinha achado. Pode ser que o apetite hou-vesse acordado a Silvéria, porque descobriu a cana de fiar sôbre a mesa do escaparate, na qual antes procurara debalde. A interpelação da velhota, foi buscar atrás do escano uma tripeça baixinha — um talho, como lhe chamavam, por ser talhado na roda massiça dum carro de bois, — e veio assentar-se à beira do fogo, com um grosso manelo na roca à cinta.

Outra rabanada perpassou no teto; o canzar-rão entreabriu os olhos. Constâncio afagou-lhe a felpa, anotando:

— Parece-me que o *Terror* não gosta de vento. E tem ótimos motivos, porque o vento arrasta frio e o frio é mau para os velhos como nós.

Retomou sôbre esta frase a demonstração que estava tecendo:

— Mas ao inverno sempre segue a prima-vera, e uma boa fogueira é como o sol de estio.

Luciana olhou para fora da lareira. Junto ao armário, onde ficara esquecido pela Silvéria, o candieiro tremelicava a sua chama defumada, povoando de visões a parede; já não raiavam as frinchas de luar. A diferença que mediava entre êsse fogacho de azeite e as radiações da lua, afigurou-se-lhe igual ao contraste entre inverno e prima-vera; era esta o sonho aério que fugia, cedendo àquele, o pesadelo letárgico.

— Não se enganou nos seus preságios, insistiu Luciana para o avô; também julgo que o tempo vai mudar.

— Virão outros dias para passeares.

— Certamente que hão-de vir, respondeu ela.

— Mas quem sabe quando, resmungou Catarina. Ainda agora começa a invernia.

Meneou pesarosa a cara empapuçada.

— Não tenhas medo, mulher.

— A menina fala bem... E o meu reumático?

— Andas melhor últimamente.

— Tive tantas dôres o ano passado, que cuidei que arrebentava... O bom tempo é para quem chegar lá.

Constâncio replicou-lhe com uma enfática solenidade:

— Havemos de chegar todos.

E a neta, mais espontânea:

— Ninguém aqui tem motivo para recear muito da morte; se tu és mais idosa, estás rija, e o avô não há quem o iguale.

Um trilo timorato vibrou da parede ao fundo como uma réplica ao dito. Isilda ergueu os olhos do livro.

— Vês, Catarina? mencionou. É o grilo da lareira. Anuncia felicidade.

Todos calaram para ouvir; e o insecto escondido, que logo se interrompeu, recomeçou um trinado surdo, pouco a pouco mais afoito e preciso, mais forte, mais agudo, descontínuo a compasso e fininho por fim. Era como um trepidar de lâminazinha metálica, por instantes interrompido.

A única pessoa indiferente a essa campesina música, era a enigmática Silvéria. Sob a corucha — espécie de carapuço, servindo para fixar a

estriga na extremidade superior da roca, — surdiam guedelhas dum linho grosseiro, que ella puxava com os dedos da mão esquerda, humedecendo-os de ora em quando nos beiços; com a direita, entre o indicador e o polegar, ia retorcendo o fio, d'onde pendia volteante o fuso, vestido da maçaroca. Continuava a tarefa por instinto, pois que a intervalos descaíam-lhe as pálpebras, a cabeça vergava-lhe para a frente.

No lar, o monte de lenha, já não pouco reduzido, aquecia moderadamente, com clarões inconstantes; por baixo, um toro mais grosso, em plena ignição, lançava largas chamas amarelas, ao passo que as emmaranhadas hastes ardiam de ponta a ponta, cobertas por um fervilhar de pequeninas línguas azuis. Dispersos no tapete de cinza clara e brasas incineradas, meio mortas, flamejavam ramiços, coruscavam alguns carvões, vermelhos como um sangue rutilante, que tinham resvalado de cima. Às vezes crepitava uma chuva de estalidos ou espirravam isoladas faúlhas.

— É preciso pôr mais uns guissos no lume, ordenou Constâncio.

O grilo tinha cessado um momento; voltara a principiar, mas em trilos mais curtos e esmorecidos, que logo interrompeu à voz do velho. Catarina, porém, que extasiada escutara — não pela melodia mas pelo vaticínio, — condenou:

— Olha a pressa de assustar o bichinho!

Levantou-se muito de manso; e descendo da lazeira foi pé ante pé buscar lenha. Estava em montão arrumada à parede, para cá do cepo das bilhas.

A velhota, cingindo-se à ordem do amo, trouxe uma braçada de maravalhas, que disseminou pelo fogo. Ergueu-se uma grande labareda alegre, coroadada duma faixa de fumo.

— Isso não basta! acudiu Constâncio, vendo que ela tornava a assentar-se.

O escano tinha a meio uma tábua, ligada uns dois palmos acima do assento por dobradiças. Posta ao alto, como estava de ordinário, mantinham-na duas aldrabas encostada ao espaldar; baixada horizontalmente, era uma pequena mesa, aonde se beneficiava do calor da fogueira. Luciana, mexendo com os dedos por distração, desandou a única aldraba que na ocasião sustinha a mesa; o traste veio abaixo com estrépito, fazendo tilintar ruidosamente os ferros mal engonçados que lhe serviam de pernas. O canzarrão escancarou os olhos; a Silvéria pulou no escabelo.

— Credo! menina, é de mais! bradou Catarina abespinhada.

É que o grilo não volveria a cantar.

— Tem paciência, disse Luciana.

Mas sorriu, desentendendo a irritação.

A criada melindrou-se, e desabafou:

— Parece mesmo que se regalam em botar pela porta fora a fortuna.

Perante essa ingenuidade, Luciana não conteve uma gargalhada; o avô tossiu um longo riso; e Isilda, depondo o livro, quis saber de que se tratava.

A velhota antecipou-se, e desenvolveu tais explicações, de tal modo se justificou, que a rapariga largou também a rir, com embasbacamento da Silvéria, que já hesitava em tomar o exemplo. Com as casquinadas de Isilda, francas, viçosas, comunicativas, e tão sem fim que lhe saltaram as lágrimas, a serva emmudeceu desorientada. Rematou, berrando para a cachopa:

— Anda ajudar-me, mandriona!

Desforrava-se na sua subordinada, que come-

çava a arreganhar a dentuça num simulacro de galhofa, arredondando a cara oblonga.

Sem dó pela sonarenta, que cambaleava, Catarina fê-la carregar com um grosso feixe; ela própria voltou abarbada. A cólera redobrava-lhe as fôrças. Pegava nas hastes de árvore, uma após outra, de enfiada, quebrava-as sôbre o joelho, e arremessava ao lume os pedaços, com violência.

— Porque não apagaste o candieiro? vociferou.

A Silvéria foi apagá-lo, mais obediente quanto mais lhe gritavam.

Entretanto, para mudar de conversa, Luciana preguntara à amiga o que era que estava lendo.

— Um romance muito entretido.

— É bem escrito?

— Não percebo, mas parece-me que não.

— Só gosto de livros bem escritos...

— Pois a mim, palavras e frases importam-me bastante pouco. O que eu quero é ver gente como nós.

— Não és tôla nisso, pequena, aprovou reflectidamente Constâncio.

Porém Luciana tivera um desdém.

— Não digo gente tal qual eu ou tu, corrigiu Isilda; mas que seja tão viva como nós, ou mais ainda.

— E hão-de fazer o que nós fazemos, êsses personagens?

— Quási o mesmo; talvez melhor.

— Não acho graça a tais romances.

— Mesmo quando são alegres?

— Pior um pouco, replicou-lhe a amiga. Divirtto-me mais quando choro.

O velho notou brandamente:

— A vida é chôro e é riso.

— Quanto a mim, prefiro o riso, declarou a afilhada. Mas é coisa secundária.

Distraiu aos cavaqueadores o frenesi de Catarina, que tinha acabado por sufocar o brasido. Desenrolava-se uma espessa fumarada; mal se diferenciava do escano para o assento fronteiro; os olhos ardiam, secavam-se as guelas.

— Basta, criatura! interpôs Constâncio, já rouco de asfixia.

— Assim não pode pegar, avisou Isilda.

E Luciana observou por entre dentes:

— Ficamos curados melhor que presuntos.

A velhota reagiu sôbre a Silvéria.

— Abonda-me o fole de caminho!

Desvairada, procurava sôbre o banco as tenazes, que jaziam a seus pés.

— Mas onde estarão as ferraguchas? murmurava.

Descobriu-as afinal e apanhou-as. Eram muito compridas, em forma de tesoura, ou mais parecidas ainda com um ferro de encanudar cujas pontas houvessem sido rebitadas. Agarrando com a tenaz os paus de lenha, Catarina acamou-os melhor e aliviou o montão. Constâncio deparou, rente ao braço do escano, com o fole em vão procurado, e entregou-o à cachopa, que começou a dar que dar, assoprando. Levantou-se uma chama hesitante, logo extinta; surgiu de novo, trepando ou caindo, alternativamente, conforme a Silvéria aproximava ou afastava as pegas do aparelho. A cada jacto de vento, saltavam de toda a parte, por entre os garavetos que recobriam a pira, inumeráveis chispas, como estrelinhas.

Luciana já reatara a conversação com a amiga.

— Morro por histórias impossíveis, revelou. Gosto de aventuras raras; não me interessa o

que cada dia acontece. Mas o avô só dá razão à Isilda...

— Dou-te razão em preferires o que é bem escrito. Quanto ao impossível e raro depende... Se tiver mérito artístico ou um fundo de pensamentos...

Completava com os gestos, mas todos os vultos estavam penumbrados. Prosseguiu:

— Também creio que o banal não presta; contudo, a vida ordinária não será talvez banal senão para quem não sabe vê-la.

— Mas que mais aprecia o padrinho? interrompeu Isilda.

— Aprecio tudo um pouco — respondeu êle vagarosamente, com eclectismo e desapêgo de velho. Julgo porém que é tão difícil o bom estilo como fazer pessoas vivas; mas talvez isto, ainda seja mais raro e não menos de estimar.

Depois duma pausa reflexiva, ajuntou:

— Os acontecimentos agradam-me singelos; mas muito ou pouco possíveis, só valem cá para mim pelo bem que são trabalhados e pelo que significam.

Agora, o monte de lenha, alastrado, flamejava por igual, com grandes labaredas de oiro cinzento, ainda ténues; muito largas na parte superior, oscilante, eram aí arroxeadas, lilases. As pernadas de carvalho, envoltas numa felpa de musgo, os ramos, os pequenos destroços, barrados dum análogo bolor, entrelaçavam-se como numa sebe; as folhas ressequidas, começando a arder, espargiam um aroma campestre.

Mais cava, mais insistente, a ventania lá no alto perpassava, rodopiava com um vago tilintar. Luciana, olhando para cima, já não divisou o bueiro do telhado, ou porque o fumo fôsse denso,

ou porque a lua, bem alta a essa hora, estivesse todavia velada.

— Teremos chuva para já? perguntou.

— Nada, redarguiu Catarina; o lume não faz caramonos.

Quando as brasas se encarquilhavam, ora apagando-se ora lampejando surdamente, supunha-se que simulavam carantonhas, e passava isso por prenúncio de chuva.

— Conta-nos uma história — pediu novamente Luciana à criada, percebendo-a mais tratável.

— A menina, o que quer, é rir-se de mim — redarguiu a velhota sem mau humor.

— Ninguêem se quer rir de ti. Tu, às vezes, é que tens umas coisas... Ora conta, Catarina.

— Assim mesmo é que me pedia em pequenina.

Constâncio gesticulou, com todo o busto, uma ponderada comprovação. A neta continuou:

— Então aí está! não sejas mais ruim do que antigamente, que sempre me satisfazias.

— Isso é a pura verdade — tornou-lhe Catarina, quási babosa.

E curvando-se sôbre a meia, a suspirar:

— Mas dantes não troçava de mim.

— Paguei-te mal, ainda agora, a tua boa-vontade para connosco; mas deu-me hoje para estar alegre... Que afinal, pessoa alguma teve intenção de humilhar-te.

— A Catarina bem o sabe — interveio Isilda, fechando emfim o volume. Entretanto, se está teimosa, sou eu quem vai dizer um conto, e novo e bonito de mais a mais.

— Não há como esta pequena para resolver dificuldades — elogiou o velho, entre grave e jocoso.

Luciana porém contestou que não prescindia

da história da criada; narrasse Isilda primeiro, mas tão só para animar com o exemplo.

Com as freqüentes revoadas de vento, o fumo, da banda do escano, tornara-se intolerável.

— Não se pode estar mais neste sítio, rabujou Constâncio.

— Nêsse caso vamos à deita, propôs a afilhada.

— Já te respondi a isso o que tinha a responder, replicou-lhe a amiga num tom brincalhão. Com dois contos e uma boa fogueira, não devemos daqui sair antes dessa meia-noite.

Quis que o avô mudasse de lugar; e puxando-o pela ponta da capa, com que êle abrigava as costas, mal aquecidas pelo fogo, forçou-o a contornar o lumaréu e a vir assentar-se ao pé de Isilda. Toda a família ficou assim dum só lado, à excepção da cachopa, que quasi à borda da lareira parecia acocorada na tripeça, cabeceando e fiando ao mesmo tempo, com rotações inertes do fuso e dedos d'ora em quando esquecidos. O cão, que seguira o dono, estirou-se no soalho. Para que o patrão, à sua ilharga, se instalasse bem à vontade, Catarina escorregou pelo assento adiante, até em frente do trasfogueiro; Isilda, encostada à parede rugosa, que um pouco acima se escondia na fuligem, tendo o velho à sua esquerda e à direita a convalescente, preparou-se para começar.

— Vamos! exclamou para a criada. Não queres ser tu a primeira?

— Não; não me lembra agora nada — respondeu ela, manhosa.

— Pois então, reparem na história.

Fora do pequeno recinto, a cozinha negrejava; Luciana, afim de não ver as trevas, virou-se quanto pôde para o grupo. Uma vaga expectativa lhe avivava o miúdo rosto, colorido pela fogueira,

assim como o de seu avô, tão engelhado; circunspecta, a velhota contava os mates e malhas; o lábio de Isilda, porém, insinuava zombaria. Principiou com voz pausada:

— Um macaco que tinha um rabo muito comprido...

— Ora cala-te! bradou Luciana, atirando uma gargalhada.

— Foi um dia a um barbeiro — prosseguiu a rapariga — pedindo que lho cortasse.

Divertida ainda pelo inesperado ou pelo grotesco da narração, a amiga reprotestou:

— Com que ela agora se sai!

Isilda só redarguiu:

— É o mestre-esfola cortou-lhe o rabo.

— É êsse o conto novo e bonito?

— Se é bonito, já vão julgar; novo não pode ser mais. Conheço-o desde criança; mas ainda não sou muito idosa.

Sorridente, Luciana volveu-lhe:

— Continua, visto isso.

— A rapariga abriu os braços num desânimo.

— O quê! não te curei do desejo de ouvires esta noite perlengas?

— Era essa a tua intenção?... Pois tens de dizer até ao fim, por castigo.

Depois duma pausa, como de quem quer memorar, Isilda reassumiu:

— Quando o Simão se viu derrabado, parece que não gostou; voltou num pulo ao barbeiro, que pelos modos estava a almoçar, e por vingança furtou-lhe uma sardinha.

— Que salgalhada! clamou Luciana a rir.

A velhota contorceu-se.

— Não é nada do que a menina está dizendo.

— Já te enganaste, pequena!

Até a Silvéria, extremunhada, careteou um sorriso.

—Pois a Catarina que termine, já que não pude valer-lhe.

—Onde há professores, calem-se os discípulos; é justo, — concordou zombeteiro Constâncio.

—Mas o caso, agora, interpelou a neta, que acabamento há-de ter?

—Ora essa! retorquiu Isilda. Furtou uma sardinha e deitou a fugir; naturalmente apanharam-no, e veio a acabar os seus dias acorrentado pela cinta a um póleiro.

—Emfim, é uma saída — observou Luciana, casquinando sem poder conter-se —; mas não me agradam as tuas histórias.

—Que querias mais? que enforcasse o animal? O velho soltou uma risada.

—E não lhe lembra mais nenhuma, menina Isilda? interrogou a criada sonsamente.

Também não foi perdido o motejo; estalaram novos risos. Passado um instante, Catarina acrescentou com mais candura:

—Mas olhe que nada do que contou é assim. Emendou, quási com gravidade:

—O macaco roubou uma navalha.

—Como sabes tu isso, mulher?

—Toda a vida assim ouvi — explicou, sem perceber a malícia de Isilda.

—Tens andado enganada toda a vida.

—No que para aí esteve a contar é que não há uma palavra de verdade,

Tornava-a irrespeitosa a contradita, que começava a tomar a sério; Isilda fingiu abrandar.

—Não era então à minha maneira que tu, dantes, encadeavas êste conto?

—Nunca, nunca, por nunca ser.

Constâncio interveio, apaziguando:

— A Catarina é incapaz de ter falseado os factos...

— É que lhe narraram mal, objectou a rapariga.

— Mas se te afiançam que as coisas se passaram de outro modo...

— O meu macaco não é o dela, ora aí tem!

Com as prontas réplicas de uma e a meia crença da outra, Luciana gargalhava infindavelmente.

— Calem-se ambas, que me esfalfam! implorou. A rapariga ofereceu pazes à velhota.

— Está bem, minha apoquentadiça; não fiques zangada comigo. Dize tu agora uma história, que tu é que as sabes na perfeição.

Catarina bonançou.

— Qual há-de ser? Não atino.

— A que a tua ama pedir.

Esta reflectiu um momento.

— Vá lá a *Branca de Neve* — que era ainda cem vezes mais linda do que a madrasta, tão má.

— Deixe-me então ver primeiro estas malhas, que já me não entendo com elas.

Enquanto a serva se desenredava dos seus cálculos, abriu-se um largo silêncio, grave, affectuoso e pacífico. Sôbre o varão do trasfogueiro, entre as duas fusiformes colunas, ardia um grande fogaréu, mais frouxo ao longo da vertente, formada pelo molho de lenha, que assentava a outra ponta sôbre as lájeas da lareira; aí, a confusa esplandecência dispersava-se em ramificações bruxoleantes. Luciana, a amiga e o velho puseram-se a contemplar os esgalhos, que chamejavam miúdamente, os toros esbraseados, que lançavam labaredas risonhas, com o vértice ala-

ranjado, quasi vermelho, ou azul. De repente, na axila dum ramilho, o lume entrou a estralejar, desprendendo pequenas línguas variegadas, atirando jorrozinhos de faíscas, como um minúsculo fogo de artifício.

Era bonito, pensariam todos; mas ninguém murmurou palavra, como se a palavra pudesse quebrar a fraternidade subtil que os enlaçava, ou a secreta satisfação de se sentirem tão juntos no aconchêgo do lar.

— Nunca ri tanto em dias de vida — comentou Luciana por fim, vendo que a criada acabara.

— Parecia a minha menina de outros tempos.

— Muito riso é mau preságio, aventou a mêdo a convalescente.

— Ora qual! contestou-lhe o avô.

E logo Isilda, terminante:

— A doença fez-te bem; não é mais nada!

Uma rajada forte e profunda, como um longínquo trovão, sacudiu o telhado e partiu num silvo.

— É muito certo — retomou Catarina, assim que puderam ouvi-la; — a doença fez-lhe bem.

— Pois seja! Mas principia, redarguiu impaciente Luciana.

A cachopa adormecera, cabisbaixa, com a roca apertada contra o peito, um dos braços estendido até ao lajedo do lar, onde o fusó arrastava, o fiado escorrendo-lhe entre os dedos.

— Aí está uma que não há-de criticar! notou o velho.

Catarina acomodou-se melhor no seu canto, virando-se mais para os ouvintes, e pigarreava para começar, quando no pátio, a pouca distância, um galo roufenho ergueu a voz.

— Abrenúncio! exclamou ela. Olhem o maldito, o agoirento, — cantar antes da meia-noite! . . .

— Não te importes! persuadiu Isilda.

A amiga ficara perturbada.

— Corto-lhe as guelhas amanhã, ameaçou a velhota.

Escutou um momento, a ver se o galo repetia. Jovial, a rapariga intercedeu:

— Deixa-o lá! Foi por engano...

A criada meneou a cabeça; depois, concentrando-se um pouco, preludiou com voz dormente:

— Era uma vez uma menina...

SEGUNDA PARTE

I

DURANTE quási uma semana, o vento zuniu, reboou, esbravejou. Empurrava às vezes grandes nuvens, mas nunca trazia mais que salpicos. O frio, ao ar livre, tetanizava.

Numa das manhãs, Luciana e a amiga tentaram pôr-se a caminho. Não puderam ir muitos passos. A ventania chicoteava-lhes a cara, engolfava-se-lhes álgida pelas mangas, puxava-lhes pelos vestidos como uma espectral mão irresistível, e na primeira volta do atalho, por pouco as não derrubava. Desde então, as duas camaradas contentaram-se em comunicar com o exterior unicamente pelos olhos.

Quando a tarefa era sedentária, acompanhadas pelo velho, conservavam-se de ordinário na sala desadornada, onde Luciana, uns quinze dias antes, fôra surpreendida pela doença; junto à braseira em incandescência, instaladas no meio do aposento, miravam de longe a longe o pedaço de paisagem encaixilhado nas janelas. Os carvalhos curvavam

o tópo, retorciam-se desesperados, sôbre a encosta rapada, sonolenta; não seria muito interessante essa monótona luta, sem desenlace, mas aviventava-os fantásticamente, e era decerto mais atractiva do que os vultos inertes do canapé e desemparelhadas cadeiras, a caquética mesa redonda, ou mesmo as duas arcas encoiradas cujos pregos lucilavam. Isilda, às vezes, ia até uma vidraça, e espreitava de pé, por entre os vidros; às vezes, assentava-se defronte da amiga, ambas nos pequenos poiais que ladeavam os vãos das janelas, e iam vendo e tagarelando.

Não havia outra distracção: todas as tardes, mas em balde, a rapariga esperou carta do noivo; e o tufão estorvava os visitantes. Tranquilo com a sua doente, o médico deixou de passar; Mateus, de cama, ao que referiu um mensageiro, só pôde mandar por notícias. Assim, o ramerrão dos trabalhos domésticos, que mal iludia as horas vagarosas, tinha de ser cortado por algum colóquio, futilidades embora, que impedissem de murchar toda a coragem de viver. Conforme as disposições, ora se conversava de tristezas antigas, ora de esperanças recém-nascidas; não raro eram retalhadas conversas, inconsistentes como bolas de sabão.

Fora, o panorama, posto que um tanto mutável de aspectos, afigurava-se invariável a quem o estava vendo há dias sem fim. A mesma cordilheira de cerros desertos a fechar o horizonte, com os mesmos píncaros empedernidos e os mesmos cabeços agrestes, assomando a espaços por detrás, num segundo e terceiro plano; as mesmas vertentes pedregulhas, mal decifráveis na distância; as mesmas matas de carvalhos cadavéricos, a escorregarem para a planície, grossos

alguns, muitos com ar de podados — efeito dos cortes de lenha; a mesma árida ramagem das alastradas e baixotas carvalheiras; as estevas, os piornos, as giestas e as urzes — penúria da terra — em tapetes de tom tristonho, desenrolados desde meia encosta e pela baixa, que ennodavam; as extensões aparentemente desnudadas, inférteis como um salgado areal; os relvedos doentios e ruços; emfim, ao longe a misérrima povoação, tão inalterável, tão sem vida, como sepulta numa cova por entulhar. O mesmo vale perpétuamente meandrava, ora liso ora corcovado, para um obscuro destino, se algum tinha; dir-se-ia antes um comprido corredor sem saída, que as duas escarpas lânguidas, num divórcio descuidado, haviam aberto ao céu inútilmente.

Dominava quási sempre a solidão. Às vezes adiantava-se ao longo do atalho, a passo decidido se ia de cá pelas alturas, ou lentamente se vinha de lá subindo a ramça, um camponês de largo chapéu, embuçado até aos olhos na sua capa de burel; outras vezes, era uma mulher de saiote de estamenha, com o chale negro pela cabeça: passavam pelo portão, taciturnos e acabrunhados, alguns com uma pressa indiferente. Mais raro, transitava pela estrada um gemebundo carro de bois, atafalhado de lenha; ou surgia uma récua de machos, flanqueados de balotes e amarrados uns aos outros em fila; o almocreve precedia-os, com as mãos nos bolsos das calças e o cabresto da alimária dianteira enrolado num braço. Algumas tardes, contudo, recrescia o movimento. Os gados voltavam do pasto; ora uma velha a fiar, impelindo um burro sorumbático e uma vaca preguiçosa, ora uma rapariguita descalça, guiando uma pequena cabrada. Também os enormes reba-

nhos recolhiam com um miúdo tropear, os fortes cães felpudos à ilharga, as ovelhas rotundas, em montão, erguendo o focinho esguio num balido, e atrás, um pastor montezinho, de cajado, surrão ao ombro, a barba tão desgrenhada como os lafões de pele de carneiro que lhe protegiam as bragas.

Luciana e a amiga, por dentro das vidraças, acompanhavam com olhar insaciável essas ínfimas peripécias. A estrada aparecia e desaparecia; o atalho dissimulava-se em grande parte da ladeira, mas de novo serpenteava, embora confusamente, no vale; elas procuravam com ânsia o menor trôço visível. O estarem por trás dos vidros, mais lhes limitava a perspectiva; se porêm abriam a janela, a ventaneira enregelava, e o menos que lhes fazia, era picá-las nas faces com mil pontinhas de alfinetes.

Certos dias, não havia dúvida, pairavam imperceptivelmente infinitos cristais de neve; contudo, o vento também, outros dias, salpicava as vidraças de chuveiros. Os aspectos do céu eram variáveis. Ora se estendia muito azul, sem uma nuvem; ora se encobria em nimbo pouco densos, de côr terrosa, encadeados sem barafunda mas rapidamente amontoando-se, tapando o sol, apenas livre algum bordo do horizonte. Freqüentemente, nas alturas, immobilizava-se um fôrro homogêneo e contínuo. Noutras ocasiões, horas a fio, galopavam pelo lúgubre zenite bandos de esfrangalhados algodões, passando sem interrupção, assustadoramente; dir-se-ia, vistos de frente, que acorriam a esmagar-nos, no seu matiz carregado sempre distintos do fundo, borrado de quási todos os pardos. O amontoamento era às vezes menos basto; abriam-se rasgões de anil, de longe a

longe o sol surdia, deslizavam nuvens mais leves; mas logo recomeçava o inverno. Outras vezes, as massas mais espessas escorregavam para a base do firmamento; todavia, a cúpula ficava enturvada por uma névoa rarefeita, que coava uma aurora anémica. Em ocasiões mais benignas, limpo, scintilante o astro, arrastavam-se tão sómente pequenas felpas rebrilhantes, ou pairavam brancas chapadas, muito esparsas num céu cristalino.

A ventania baixava ou elevava-se, corria de norte a sul, tinha quedas bruscas, hesitava, combatia, doidejava, e metia-se de novo a caminho com mais bravo ímpeto, mais teimoso desespêro, numa fúria de reganhar o perdido. Geralmente procedia do nordeste; muitas ocasiões, não menos terrível, soprava do noroeste. Se perpassava nas eminências descarnadas, os seus efeitos eram quási invisíveis; mas quando varria as vertentes ou se embrenhava na baixa, dobrava os matos de carvalho, eriçava os rudes matagais, espatifava os fumos da aldeola. Algum tronco mais ao abrigo ficava hirto, como cataléptico; porêm o grande número bracejava a ramaria dum modo furibundo, fatigante à vista. O vendaval engrossava ou abatia; a espaços punha-se a guinar; então, as folhas caídas redopiavam pelo atalho, sob as janelas, num elevado e inumerável turbilhão; as árvores ao longe, sem cessar, volviam as pernadas ao acaso.

Ficava sempre insuave a paisagem, fúnebre se o firmamento estava opaco ou enxovalhado, desumana na sua agitação que tinha um quê de sobrenatural, em momento nenhum consoladora. Os campos calvos alongavam-se soturnos; mesmo quando um pouco de luz adejava, as carvalheiras e

brenhas, a distância, em lugares mal iluminados, apresentavam um tom antes negro, semelhante ao dum terreno assás escuro; perto era um matiz algo vinoso, em pontos como que a côr do pinhão. Quando um raio folgazava nêsses estirões de charneca, doirava-os ligeiramente, ou metalizava-os sem muita dureza, acobreando-os; entretanto voltava a escuridade; tornavam-se mais retintos do que nunca. Quanto às árvores desfolhadas, apareciam denegridas; mescladas a outras mais serôdias, ainda inçadas de folha sêca, reflectiam a tempos, como elas, um matiz castanho claro.

A ventaneira buzinava incansável, sôbre êsse chão murcho ou infecundo, como um preságio de maior ruína. Dentro de casa silvava ou rouquejava, cavamente raspava os telhados, abanava as fortes paredes, penetrava fina por incógnitas fendas, irrompia bramando e estoirejando pelos largos desabamentos, arremessava-se contra os recantos ou fugia vertiginosa para o ar livre. Eram já bem curtos os dias, cada vez mais curtos; e nas longas noites, essa zoada, ora cavernosa ora aguda, causava uma pávida tristeza.

Cirros nevados, muito dispersos no azul nocturno, surdinavam às vezes o luar. Outras vezes porêm, nem uma nuvem; a lua geava sôbre a terra uma radiação imaculada e frígida; algumas estrelas scintilavam; os arvoredos, em sombrias massas, oscilavam mais discretos, gravemente.

Como se o excessivo tufão necessitasse repousar algumas horas, raro o céu permanecia todo lívido, revolvendo o seu caos enovelado que uma aurora por detrás clareava; mas frequentemente, entre grossas nuvens que deslizavam, desaparecia e reaparecia ao tranqüilo espelho da lua.

Por fim, já nascia tarde, e eram sómente as estrelas que faiscavam de quando em quando, em pequenos núcleos, por entre as abertas dos hidrópicos montões.

Isilda e Luciana olhavam um momento, quando iam aferrolhar as portadas das janelas antes de descerem à cozinha. Esperava-as aí Constâncio, com as duas criadas, à beira de um bom fogo.

A cachopa dormitava sem largar a roca; Catarina ultimava o par de meias, mal humorada porê, queixando-se do seu reumático; já não tiravam dela nenhum conto. Corajosa sempre e bem disposta, não obstante a minguada de distrações, era Isilda unicamente que se mostrava feliz, e esforçava-se por alentar. A amiga como que esgotara a alegria; reentrara no seu ser normal, senão melancólico, resignado. Quanto ao velho andava rabujento, um tanto combalido, encatarroado, pouco mais ameno do que a serva.

A fogueira, agora, atapetava o lar com uma cinza muito esclariçada que ao mínimo sôpro esvoaçava; as brasas tremeluziam, faziam caramonos, segundo a expressão da criada.

— Acabará por vir chuva grossa, pronunciava o amo; e se não vem, morremos de frio.

O frio, efectivamente, ia-se tornando mais e mais gélido; longe do lume tiritava-se; mas apesar da humidade, palpável, o tempo não confirmava as esperanças de Constâncio. Enfim, certa manhã, ao arranjar-se, Luciana notou admirada que o perpétuo zunido esmorecera. Abriu a janela a mêdo, tanto para ventilar o quarto como pelo desejo de ver. A temperatura abrandara—e eis que descendo hesitantes, revolteavam no espaço uns pequeninos cristais que pareciam despren-

der-se de pouco alto. Pelo céu, onde boiavam alguns cúmulos brancos, mal ennodoados de betume, desdobrava-se um azul desmaiado. Resplandecia límpido o sol, como uma larga custódia acabada de fundir; e o zenite, descoberto, lembrava um sereno lago. Sem dúvida, essa neve, pela sua leveza, era trazida de longe por uns restos de vento; no conjunto baixava em diagonal, talvez dum farrapo encardido, um tanto remoto, que vogava ao oriente. Dos cristais, alguns não excediam grãos de pó; alguns, menos miúdos embora, porêm não menos esparsos, reluziam um instante batidos pelo sol, a meio da descida indolente voltavam a subir, flutuavam, depois caíam bruscamente quando já perto do chão e sumiam-se sem vestígio. Às vezes, quási a assentarem, levantavam-se; e oscilando, volteando desleixados, ainda de nível uma breve distância, retrogradavam, tornavam a seguir, até pousarem e extinguirem-se embebidos na terra. Julgar-se-iam pingos tenuíssimos se não fôsse o movimento tão suave e caprichoso.

Luciana olhou para o vale; visto dali, do andar superior, sinuava até mais adiante, e abrangiam-se melhor várias minúcias. O que contudo impressionava, era permanecerem ressequidas as extensões de argila nua lá em baixo, os matos com o mesmo aspecto cerdoso, petrificados os carvalhos das encostas. No afastamento, o ambiente ficava tranqüilo e diáfano; dir-se-ia que só muito próximo dançavam êsses átomos de neve.

Uma nuvem, inesperadamente, velou as fulgurações do astro; as dispersas lentejoilas brancas tinham-se tornado ainda mais raras, posto que a sua mobilidade equivocasse bastante o olhar. De-

pressa o disco doirado e ofuscante rebrilhou; então, lentamente adejando, os últimos cristaisitos, já bem poucos, afundiram-se no macadame da estrada ou evaporaram-se na queda; por fim era só um, mais preguiçoso, que veio estampar-se e dissolver-se no peitoril da janela.

II

A TRISTEZA de Luciana, com aziagos pressentimentos que às vezes revelava à amiga, reapareceu decisivamente. Seria a falta de distracções? . . . A família voltava a inquietar-se.

Depois da queda de neve, que mal durara um quarto de hora, nos dias seguintes caíram uns chuviros; logo que a terra lhe não pareceu muito húmida, Isilda insistiu com a melancólica para que fôsem passear — não longe, que o tempo estava incerto, mas dariam uma volta pelo parque. Cessara o vento, o frio era benigno; sómente o céu ainda ameaçava, muito baixo, densa cortina de zinco sem um furo, laivado de faixas tostadas.

Decerto o passeio aproveitaria a Luciana, pensava a companheira, ao descerem os degraus exteriores, esboroando-se, que da cozinha velha deitavam para as traseiras. Havia aí uma espécie de pátio, vagamente limitado da banda do parque por uns pardieiros, na maioria vazios, — coelheira, pombal, capoeira, abrigo para patos com um tanque, e dois enormes celeiros —, fechado ao fundo

pela cozinha, e do outro lado, pelo palacete, rectilíneo, a um extremo do qual ela estava encostada, como uma excrescência, formando cotovelo. As duas amigas percorreram todo o pátio ao comprido, ladeando o edifício, e desembocaram no átrio vasto do portão da propriedade. Voltando à esquerda, na direcção oposta à da saída, encontraram primeiro um espaço devastado — que devia ter sido jardim, — com estatuetas mutiladas e ennegrecidas entre canteiros indelimitados. Uma só rua, a mais lateral nesta parte, se conservava ainda assaz limpa; tomaram por ela até uma parede de cedros que terminava o jardim de outrora. Para além ficava a mata.

—O que o vento não terá feito! exclamou Isilda.

—Más obras, com toda a certeza, respondeu-lhe indiferente Luciana. Não são mais eternas as árvores do que nós.

—É uma verdade bem triste, anuiu a rapariga.

Luciana murmurou:

—Que importa afinal viver ou morrer?

—Ora essa! Importa tudo.

Porém Isilda não insistiu. Penetravam já por entre os massiços; preferiu olhar, como num incitamento.

A princípio, o caminho subia ao de leve, serpenteando lentamente através do arvoredado denso, entrevisto à direita e à esquerda em planos cada vez mais confusos. Os troncos, não muito grossos mas altíssimos, na maior parte cobertos por uma verde guedelha pendente, dir-se-iam quasi duma única espécie, tão iguaes os tornava esse revestimento de exuberantes limos; em baixo, a terra húmida, amarelo-cinzenta, aparecia raramente de sob rasteiras vegetações.

As duas amigas iam vagarosas, aspirando fundo êsse ar vigorante, que cheirava a plantas e frescor. Dum e doutro lado do caminho partiam veredas estreitas e curvas, mal tratadas; Isilda propôs que metessem por uma, para saborearem melhor a sensação da espessura.

— Não, replicou-lhe Luciana. Vamos antes até ao rio.

Anoitecia cedo, era certo, e ainda mais cedo cairia a noite, debaixo dum céu assim; restava-lhes, não obstante, uma boa hora, e no parque, circuncerrado, não havia que temer. Continuaram a subir, de espaço a espaço trocando umas falas. Aqui ou além, os rudes carvalhos estendiam sôbre elas braços desconformes, sem uma folha e limpos de musgos, parecendo tenazes como barras de ferro.

— O vento não causou grandes estragos, chegou a mais nova a notar.

— Resistiram bem, confirmou a pessimista.

Os castanheiros bravos eram duros gigantes —, às vezes com a casca pálida descoberta em certos pontos, como para melhor divulgarem a sua intrépida raça; contudo, ainda mais alto do que êles grimpavam alguns pinheiros — menos abundantes na mata, — arremessando-se dum jacto para o céu, esguios, tísicos, com os esgalhos decepados cerce, só lá em cima um ramo de agulhas. O seu tronco estalado e negro contrastava com a lisura dos carvalhos mais juvenis — apenas malhados d'um musgo rente, com a ramaria bem equilibrada, que unicamente rareava para a base. Vários dêles, moços ou velhos, sustinham aderentes, muito pretos, os últimos bugalhos, junto a pobres tufos de folha verde, geralmente porêm de côr vinosa, que nem toda até então viera

abaixo. Também na axila das arestas de pinheiro pendia por enquanto uma ou outra pinha, mas só visíveis nos de menor estatura; os castanheiros, pelo contrário, inteiramente despojados, tinham afogado o chão em redor com uma camada de folhagem descorada.

— Quando tiverem passado mais uns meses de inverno, que restará de tudo isto? reflexionou Luciana, apontando para a rama das árvores.

— Voltará a primavera, respondeu Isilda, e brotarão novos rebentos.

— Quantas não chegarão à primavera!

— Mas, para compensar, já outras nascem.

De pedaço a pedaço, à margem do caminho, encontrava-se um banco de pedra; as heras que os revestiam a todos, surgindo de fendas e de escavamentos, davam-lhes um ar muito vetusto, — mesmo um estava desmoronado.

— Nem a pedra resiste, observou Luciana melancolicamente.

À medida que iam subindo, abriam-se-lhes pontos de vista, cada vez mais amplos, ao funod do arvoredado. Menos basto — de propósito — em tais lugares, precipitava-se às vezes por algum barranco, deixando desafogado o horizonte. Mas era triste o que se avistava: para lá do cimo das árvores, ou o jardim arruinado, ou trechos do vale selvagem, desabitado, infecundo, e de permeio o telhado ervacento que abrigava miseravelmente o palácio.

— Fez mal o avô, entendo eu, em escolher êstes sítios para morar. Possuiu tantas propriedades, mesmo noutras províncias...

— Que queres? Foi aqui que nasceu, assim como nós — se é que eu...

— Mas tu contas partir um dia...

— Não é porque julgue isto feio.

— Oh! Feio! . . . Ainda isso é o menos. Se não fôsse a nostalgia que contêm! . . .

A beira do arruamento, que se elevava agora mais íngreme, soluçava de quando em quando uma nascente, borbulhando entre frinchas de rocha. Estreitas poças mal conservadas, aparavam o parco filete; numa delas flutuavam plantas, sugerindo incúria e abandôno.

— Parece que o que se descobre do parque, formulou Isilda, era dantes muito mais bonito. Os campos estavam cultivados; a povoação além, tinha mais gente — do mesmo modo que a cidade, e outras; — mas deu nas vinhas a moléstia, os soutos foram dizimados, os grandes pomares secaram, e o povo teve de emigrar, para terras distantes, para lá dos mares.

— Tudo tem acabamento, redarguiu apenas Luciana.

E enquanto Isilda falava, ocorria-lhe essa debandada, já tão longe no seu passado, com o dramático vigor da plena actualidade. Famílias inteiras fugiam — mães com pequerruchos de colo, pais arrastando uma andrajosa ninhada, rapazes de robusta mocidade mas esqueléticos e famintos, parentas já meio alquebradas, até velhos de cabeça alvejante, com caras rapadas e magras, retisnadas por soalheiras sem conta. Uns abalavam bisonhos, outros seguiam chorando; muitos dêles passavam vergados, sob a pressão da desgraça, não sob o pêso do saquitel com a côdea e os últimos trapos.

— Tudo tem acabamento, repetiu Luciana quasi em monólogo.

Depois, num tom resignado:

— A própria miséria, a própria dôr.

Isilda procurava outro assunto; a amiga aproveitou ainda a pausa.

— Mas valerá a pena nascer para ser-se infeliz, ou para morrer quando se é feliz?

— Não sei, replicou mansamente a rapariga. Mas o certo é que se nasce, e que tudo que nasce, diligenciaia viver.

Por entre os enormes troncos, à mistura com moitas de giesta delicada e outras maninhas vegetações, emergindo do folhame apodrecido e de sêcas frondes de fetos, erguiam-se hirtas varas de carvalho, e alguns pequeninos pinheiros em pirâmide, com as fininhas vergôntecas espalmadas em redor como num ímpeto, o cume ansiando pelas alturas. Sobretudo ao sopé das árvores, estendiam-se musgos muito frescos, dum verde médio, que almofadavam inteiramente alguns dos pedregulhos aflorando; e de longe a longe, à borda do caminho — graças a um esmêro de outras épocas, delimitado ainda em sítios por uma fieira de seixos ponteagudos — pululavam mimosas rastejantes.

— Como é bonito ver tudo isto a crescer! proferiu Isilda.

Luciana calou-se, não querendo afligir. No seu íntimo, porém, perguntou: crescer para quê? para cair em pó?

Em certos lugares por onde iam passando, mesmo os velhos castanheiros e carvalhos estavam despidos de musgo, ou tinham apenas uma ténue capa, esverdinhada e murcha; noutros lugares, o parasita, mais espesso, alastrava os troncos de alto a baixo, porém só dum lado, em semi-círculo; mas quando as árvores eram totalmente cabeludas, escorrendo dos tais filamentos limosos, dava-lhes isto um aspecto de selvajaria, antiguidade e ro-

bustez, que se julgara impossível poderem jamais perecer. — Isilda enunciou essa impressão sem que a companheira ainda contestasse.

Contudo, como acabavam de subir, apareceram as terríveis provas da brutalidade da borrasca. Castanheiros semi-derrubados, cepos fendidos, pernas pendentes como membros para amputar, incontáveis destroços, grados e miúdos, juncando a leiva ou atirados para o caminho—esgalhos, folhas, farrapos de casca. Os gigantes mais vigorosos aprumavam-se ainda, porém descoroados de toda a rama; os arbustos, quasi todos quebrados ou desarraigados, tinham vivido o seu último dia.

Estavam na parte mais elevada do parque as duas companheiras; tomando agora por qualquer das veredas à esquerda do arruamento principal, chegariam depressa à vista do rio. Assim fizeram, entranhando-se mais na espessura; e aí, a devastação parecia ainda maior. O piso, já mal demarcado por muitos anos de desleixo, ficara pouco menos que indefinido, com um atulhamento de hastes e detritos, aglomerados pelo vento; às vezes era forçoso transpor algum toro atravessado.

— Mete-me pena esta destruição, exprimiu em dado instante a mais joven.

Luciana manifestou um desdém.

— Não devias então alegrar-te como dizes, quando vês as plantas a romperem.

— Mas enquanto não acabam, alegram-me.

— Num respeito deverão ser elas bem mais felizes do que nós—observou Luciana, tendo meditado uns momentos. É que não prevêem o seu fim, nem provavelmente sentem quando vem.

— Não pensas hoje senão na morte, censurou Isilda.

— É preciso pensar nisso algumas vezes.

— Para quê? perguntou a rapariga.

E tentando comunicar um sorriso:

— Preocupa-te o testamento?

— Já pouco me resta que legar, voltou a amiga sem rir.

Iam agora por entre as altas árvores, abandonada a vereda. Um mugido merencório, mais e mais próximo, as guiava; já se adivinhava o extremo do parque, um derradeiro plano de arvoredo.

— Estiveste doente mas achas-te já boa, retomou Isilda; não percebo êsses teus pensamentos sombrios.

Luciana ainda se voltou como quem fôsse falar; a companheira viu-lhe no rosto um ar de tristeza e mistério. Supôs ter compreendido.

— Pressentimentos absurdos! condenou.

A amiga negou com a cabeça, brandamente.

— Sim, sim, insistiu Isilda com veemência.

Mas a melancólica, quási a medo, confessou-lhe:

— É que sinto hoje como que um pêso no coração.

Desembocavam numa espécie de acanhado terraço, com um rústico parapeito de pedra. Debruçando-se, avistaram quási a prumo, lá muito em baixo, um rio tortuoso, esverdongado, talvez não estreito mas apertado entre as ribas, formidáveis de altura. A corrente, um tanto profunda, espumava bramante, bipartida freqüentemente por enormes fragas isoladas, ou resvalando rápida por sôbre moderados degraus; as margens, muito íngremes sempre, perpendiculares em mais dum sítio, torná-la-iam de ordinário baça; agora, estava mesmo opaca sob essa faixa de céu soturno. Eram geralmente estéreis os dois brutais pare-

dões que sombreavam o curso; aqui e além prosperava um arbusto de hera, lutuoso na sua exuberância; rareavam os musgos, e ainda assim pecos; a custo, nalgum rebôrdo, brotava uma ervazita de pasto. A penedia a nu, cinzenta e rugosa, tinha a espaços laivos amarelos, a espaços pinceladas translúcidas, uma humidade que escoava até ao rio. Também um pequeno regato se precipitava de cá, cachoeirante, por um barranco quási vertical.

Defronte, o planalto da outra margem, em sítios mais elevada do que esta e então invisível, mostrava um adoentado olival, de árvores muito esparsas, velhas e ôcas, com a rama torturada, uma côr poeirenta na folhagem árida. Socalcos meio demolidos desciam nas zonas mais acessíveis até não longe da torrente; pouquíssimos seriam cultivados, pois quási nenhuns tinham regos de arado. Se aí haviam frondejado vinhedos, já não restavam disso vestígios; em vários, cresciam somíuticos matos, juníperos arbóreos que se destacavam, alguma oliveira nos mais próximos do cimo. — Destoutra banda existia uma leira, conquanto ladeirenta, limpa de rochas, onde o torrão fazia camada; verdejavam acolá uns ramúsculos, mas êsse mesmo pedaço prometedor ficava inculto, abandonado. Os penhascos, duma e doutra riba, ora fragmentados e semeando o chão como por efeito dum desabamento, ora levantando-se a pique, solitários e colossais, ou acastelando-se em rumas desaprumadas, pareciam contemplar-se eternamente numa eterna solidão.

— Não é dôr o que te atormenta? perguntou Isilda, decorrido algum tempo.

— Não; um pêso, um apêrto no coração, repetiu a amiga.

— Talvez uma acção nervosa, alvitrou a interlocutora. Essas ideas melancólicas serão a causa...

« Ou o resultado », pensou Luciana, fingindo-se absorvida pelo que tinha ante os olhos.

E com efeito, como se pretendesse tornar-se mais acolhedor, tentá-las com a agreste vida que abrigava, o ermo animou-se de súbito. Dentre os rochedos em frente arremessou-se uma águia, depois mais duas, depois ainda outra; esvoaçaram um instante por sôbre o rio; em seguida, vagarosamente, num movimento espiral começaram a subir. Viam-se-lhes bem as asas ponteagudas — claras no centro, debruadas de negro, — a cauda curta em forma de leque; a cabeça, porém, desaparecia na desmarcada envergadura. De longe a longe batiam remadas, repetidamente mas sem precipitação; de novo prosseguiam serenas a ascensão retorcida, apenas oscilando. Já muito acima, divisava-se-lhes ainda o peito esbranquiçado, às vezes o corte da asa quando balanceavam mais brusco; enfim, numa extrema altura, lembravam uma hélice a pairar. Houve uma pausa na subida — ou pareceria assim de longínquas que estavam? Não; iam agora horizontalmente, umas trás outras em fila, com modos pausados mas decerto rápidas, em linha recta para um ponto remotíssimo.

— Vão por fôrça a algum banquete, explicou a rapariga, semi-zombeteira.

— Sim, retorquiu Luciana. São tão formosas, tão activas, no vôo; mas não passam de sepulcros vivos.

Pertenciam realmente a uma variedade que se alimenta de cadáveres. Águias burreiras lhes chamara Isilda.

A companheira voltou a contemplar a corren-

te, que perpassava, perpassava, com o seu incansável mugido. Aquele desfilar tão lá ao fundo, atraía e dava tonturas; dir-se-ia, ao cabo duns minutos, que eram os penedos que fugiam na direcção oposta à do curso. Isilda, então, desviava o olhar, continuando por frases vagas a realentar a camarada, que não tinha ar de escutá-la.

— Nunca devemos assustar-nos demasiado com os ligeiros incómodos. Espairecer é um grande remédio.

Mas sempre, sem desfitar as águas, Luciana debruçava-se, enchendo os ouvidos da plangente zoadá. Era por fim uma fascinação de que já não podia soltar-se; pendia-lhe o corpo mais e mais. A amiga puxou-a por um braço, conquanto não fôsse muito o perigo.

— Vamos embora! aconselhou, impelindo-a. Ela obedeceu automática.

Costearam o rio ao longo dêsse terraço, até encontrarem uma senda que novamente as embrenhou na mata.

— Estavas subjugada pelo abismo...

— Absolutamente. Até se me afigurava que seria agradável deixar-me cair no espaço sôbre as águas tão macias.

— Tanto desejas morrer!?

— Não é bem o que se chama um desejo...

— Ah! antes assim! exclamou Isilda, tentando derivar para a brincadeira.

Luciana não lhe levou a mal, percebendo a pura intenção. Explicou com suavidade:

— Será carácter, doença, ou não sei quê; mas tenho horas em que o viver e o morrer me parecem do mesmo modo indiferentes. Se no outro dia eu falecesse, quem te diz que não teria ganho?

— Insensatez! Cala-te aí com semelhantes pensamentos!

— Podem-me estar destinados tantos mar-tírios!... Há coisas piores do que a morte.

— Suponho que não haverá nada pior, con-testou vivamente a rapariga.

Mas porque tal discussão não a interessasse ou porque entendesse que a insistência só serviria para agravar o pesadume da companhia, prin-cipiou a falar de bagatelas.

Por entre o arvoredo desfolhado divisaram a distância uma larga toalha líquida — um lago que Constâncio mandara escavar, há muitos anos, para depósito duma grande nascente; e mais adiante, já na descida, atravessaram sôbre uma ponte vacilante um regueiro copioso, que ressal-tava num leito em declive.

Por arruinado que tudo aquilo parecesse, seria tão bom que ainda fôsse delas! meditava Luciana. Mas nem já por longo tempo teriam a posse, sequer aparente, dos destroçados requintes, que eram ao menos recordações. Não! ela não poderia mais evitar a desumana expropriação, que decerto mataria seu avô, semelhante às velhas árvores que é impossível transplantar.

Estas reflexões, em meio dum cenário inver-nal, a mata entorpecida e devastada, redobravam-lhe a amargura; caminhava atrás de Isilda sem lhe responder, como que procurando abafar mais, sôbre a folha estiolada, os passos descorajosos. Em sítios havia densidades absurdas, não efeito duma fecundidade indesbastável, mas bem paten-tes consequências duma incúria de pobreza; os troncos aí eram mais esguios, e conhecidas as ferocidades do vento, causava dó vê-los tão dé-beis, estirando-se perdidamente para a atmosfera

das alturas, sem mesmo lá acharem salvação. Noutros sítios rasgavam-se clareiras tôscas, mal a propósito, revelando violências de mãos ineptas, imprevidentes; as árvores em volta eram rotundas e massiças, mas o machado do lenhador não tardaria em agredi-las também—lembrava êsse chão assolado,—culminaria a destruição dos vendavais.

Às vezes fôra tal o desbaste, que as sendas tornavam-se estradas, labirintosas contudo e pedregulhentas.—Qualquer leve abalo do ar arrancava as últimas folhagens, que vinham cair, redopiando, aos pés de Luciana e da companheira, como outras tantas asas mortas.

—Faz uma negra saúde êste fim do ano, chegou mesmo ela a exprimir. Parece o fim de toda a vida.

E entrou em casa mais deprimida do que quando saíra; dir-se-ia que com o rosto mais afilado, e as mesmas vincadas olheiras, que há dois dias, secretamente, preocupavam Constâncio.

Assentado ao lar, à beira dum bom lume, esperava a neta, abstracto e taciturno. Logo porém que a viu reaparecer, festejou as duas camaradas com uma jovial cordialidade. Quis que Luciana se aconchegasse a seu lado «—como devia trazer frio...» A mais nova desprezou a fogueira, e foi ao pé de Catarina, que no outro extremo da cozinha, junto à candeia já acesa, lhe parecia gesticular uma chamada. Que lhe queria e porque não bradava?...

A velhota, arrumada à mesa rude que ocupava a parede ao fundo, estava enrolando uma torcida para o candieiro de azeite.

—Sabe quem aí esteve? interpelou baixo, logo que Isilda se aproximou.

— Quem? perguntou a rapariga, surpreendida do tom misterioso.

Catarina, segredou quasi:

— A *Bruxa*... a Bárbara... Já me entende...

Fingia-se muito occupada com o retorcer dos fios, para que nem o avô nem a neta reparassem na confidência. Enfastiada, Isilda retorquiou-lhe:

— Que me importa a mim que a *Bruxa* cá estivesse?

— É que perguntou pelas meninas. Disse que tinha muita pena de não vê-las — sobretudo à Lucianinha...

— Pois nós, com certeza, é que não temos pena.

— Isso, isso! aprovou a criada, convicta.

Impaciente com Catarina por fazer mistério de tão pouco, a interlocutora resmoneou ainda:

— Alguma coisa lucrámos com o passeio.

— Hum! Que eu ia-lhe mesmo dizer que as meninas estavam em casa, ainda que não tivessem saído!

— Não entrou?

— Fale baixinho que podem ouvir-nos.

A rapariga encolheu os ombros, frenética.

— Bateu só ao portão, continuou a velhota; levava pressa. Quando não, é porque tinha esperado!... E a entreter-me com as conversas do costume...

Isilda já não escutava; mas a linguaeira nem por isso desistiu.

— Não! exclamou, corrigindo. Hoje saíu-se com uma boa: que se as tivesse pilhado em casa, havia de lhes ensinar uma mezinha que serve para todos os males. Remédios de feiticeira, faça idea!

Para experimentar a torcida, Isilda havia acendido os três bicos do candieiro.

— Apague depressa um! mandou Catarina, assarapantada. Três luzes é sinal de morte.

— Mas são quatro com o teu candeio.

A serva ficou perplexa um instante. Em seguida, assoprando dois dos bicos:

— De toda a maneira, assim é melhor.

Estava já muito entenebrecida a cozinha; um crepúsculo desconsolado penetrava ainda pelas janelas, mas mal acinzentando o negrume onde as paredes se iam afundindo. Contudo, Isilda não protestou contra os motivos da criada, que redundavam em economia.— Voltava para junto da amiga, porém Catarina reteve-a.

— Devo contar à Lucianinha que essa negrada esteve cá?

A prolixa conferência tendia a um pedido de conselho.

— Conta ou não, à tua vontade.

Mas temendo que a velhota aditasse à história quaisquer comentários que assombreassem mais Luciana, tão impressionável hoje, emendou:

— Não te preocupes com a Bárbara, nem com o seu mofino remédio, que não há-de ser preciso. Fala antes de coisas alegres à tua ama, pois de coragem é que ela necessita.

III

UM dia, passando o médico, Isilda chamou-o da janela. Luciana achava-se pior. Êle subiu diligente a examiná-la.

Atarantada com o jantar, Catarina mandara a cachopa acompanhar o doutor pela escada principal do edificio, e amarrar-lhe o cavalito.

— Não foi mister ir com êle — veio a Silvéria dizer dali a pouco, entrando na cozinha. Já conhece os cantos à casa. . .

— Que grande lesma que tu és! explodiu a velhota. Corre-me já lá para cima, a ver se faz mingua alguma coisa.

A outra resmoneou.

— Pois tu não tens pena da tua ama? que pode pôr-se muito doente? morrer até? . . .

— Porque é que ela há-de morrer?

— Não, que isso é o que menos acontece!

— Ninguem aí está de cama.

— Então só se estivesse de cama, é que tinhas pena da senhora . . .

— Lá isso, cuido que sim, concedeu ela; porque os mortos metem-me medo.

E arrastadamente foi obedecendo ao mandado de Catarina, mal convencida de que devesse cansar-se a trepar uns lances de escadas.

— Nem mereces as sopas que comes.

— Queria talvez que comesse erva como os bichos!

— É para isso que estavas boa.

— Olhe que não digo . . . concordou a Silvéria. Mas não se arrenege, que eu cá vou.

Catarina ficou sôzinha na lareira, diante dos painéis de ferro, muito pesados e pretos, suportados em três pés, e onde o jantar fumegava. Enfiado num comprido espêto, do feitio dum espadim, cuja ponta estava apoiada numa espécie de ferradura colocada verticalmente, um naco de porco assava, escorrendo gordos pingos, que rechinavam nas brasas. Ela volvia lentamente o espadim, segurando-lhe pelos copos; enxugava um instante a carne sôbre uma fatia de pão; depois recommençava a virar, com modos de quem ultima.

Ouviu-se fora um relincho. O paspalho da Silvéria teria prendido bem o cavalo? A velhota desviou um dos painéis que fervia, correu ao escaparate a guardar o pedaço de lombo, retrocedendo para a porta que deitava sôbre o pátio.

Amarrado a uma argola dum celeiro, o animal sacudia o pescoço hispido, mirando com um dos seus grandes olhos um vulto franzino, alcachinado e negro, que se avizinhava quási pé ante pé. Avistando também a visitante, Catarina mastigou umas frases, em tom que não podia crer-se afável. O garrano parecia inquieto com a criatura embiocada, que fez menção de voltar-

-lhe as costas ao passar. Ao cimo dos degraus, a criada hesitava se voltaria para dentro, simulando não ver a *Bruxa*. Esta avançava trôpegamente, esteando-se no bordão, e a espreitar, com um excesso de interêsse, para o interior das pequenas construções que delimitavam o pátio. Deteve-se mesmo junto ao tanque dos patos, meio sêco, com a sua casota sem moradores, que desabava; mais adiante, igualmente parou, observando os coelhos na sua plataforma coberta de arame, a trotarem em pulos sacudidos sôbre uma cama de couves, entrando e saindo da coelheira, semelhante a um palácio de boneca, por duas aberturas no rez-do-chão. Naturalmente, a importuna não a havia ainda notado, supôs Catarina; e decidira emfim recolher-se, quando ela, muito cariciosa, lhe acenou com a ponta dos dedos.

—Pschiu! pschiu! sibilou baixinho.

—Estafermo! rosou a criada.

Mas já não podia fugir. Deu as boas tardes num repelão.

O céu estava entroviscado, com prenúncios de chuva próxima—antes, chuviscara mesmo;—contudo, a velhota formou logo tenção de não convidar a visitante para entrar.

—Como isto tudo está bonito! vinha ela comentando ainda a distância. É um regalo, sr.^a Catarininha!... Que rico tanque para os patos! Eu nunca me farto de ver. —É a raposa, diga-me cá, não vai muitas vezes ao galinheiro?

—Algumas vezes lá tem ido, redarguiu a outra por demais.

A Bárbara aprovou com a cabeça, repetidamente, numa satisfação talvez de ter acertado.

—Está estragadito, é verdade. Mas a coelheira não há outra assim.

— Já ali se ajuntou quási um cento — expriu Catarina, envaidecida, com um sublinhado bem forte, contente pelo ensejo de engrandecer o seu amo perante essa mal agoirada.

— Eu sei, eu sei... Outros tempos!...

E a face muito encarquilhada torceu-se numa ambígua careta, que deveria significar piedade.

— Mas para que há-de o sr. Constâncio querer tamanha bicharia? Aquilo rói, aquilo estraga, desbarata uma horta; é sujo e é ruim. Depois, ninhadas que não acabam — aos oito e aos dez! maldita raça!

Faiscavam-lhe os olhos negros.

— Ao menos, comem muitos, não é assim?

Levantava o bordão num gesto de apaleiar — a paulada certa e fatal, vibrada à cabeça do coelho.

— Comemos muitos e damos ainda mais; vossemecê não precisa que se lhe diga que o sr. Constâncio é um mãos-rotas.

— Pois olhe que não fazem falta nêste mundo, coitadinhos!

Estacara junto aos degraus que subiam para a cozinha, e falava cá debaixo para Catarina, espedada entre portas, como a obstruir-lhe a passagem.

— Então desejava alguma coisa? interpelou a criada, num fervor de despachá-la.

A visitante tregeitou um risinho de demente.

— Coisa pouca, por hoje; quási nada.

Mexia os dedos aduncos, nervosamente arri-mada ao bordão com ambas as mãos. Caíra num silêncio que não findava.

— Mas o que é? interrogou a velhota, impaciente.

—Que há-de ser, sr.^a Catarina? que há-de ser?... Venho às notícias.

A mulher indiciou um arremêso, que a outra não percebeu provavelmente, pois prosseguiu mais adocicada:

—Quero que me conte se o meu tesouro anda ainda doentinho?

—De quem está vossemecê a falar?

Catarina astuciava; mas a velha fitou-a bruscamente, com um olhar trespassador, e ela balbuciou desorientada:

—A menina Luciana?... Está-nos a dar alguns cuidados.

—Ah! sim!?!... exclamou a visitante, num exagerado pasmo. Ora vejam que fatalidade!

A criada rebelou-se contra aquela imoderada compaixão; pensar-se-ia que a sua ama estremecida jazia já no fundo dum esquite. Atabalhoou com simpleza:

—Não é porque ande pior...

—Antes assim! interrompeu a Bárbara.

—Mas é génio do meu patrão...

—Hum! resmungou a interlocutora. Tem-se sempre conformado...

Catarina esgazeou-se como quem não entedia.

—Quantos filhos lhe conheceu, vossemecê? continuou a *Bruxa*.

Punha a pergunta tão cruelmente, que a velhota sentiu um calafrio.

—Deixe-me com as suas conversas, implorou quási. Tenho pressa. Está aí o médico.

Todavia não ousou virar-lhe as costas. A decrepita murmurou numa intonação contrita:

—Tem toda a razão, Catarininha. Os srs. doutores são pessoas de muita monta; lá isso é que

não há dizer o contrário. Eu não passo duma pobre velha . . .

A sua voz tremelicava.

— Contudo, ninguém como eu para os respeitar.

Remascou umas falas inaudíveis, o queixo curvo subindo e descendo sob o nariz de cavalete.

— Por isso, quando êles estão, não gosto lá muito de entrar. Mas, às vezes, não há remédio . . .

Soltou um suspiro de mesquindade, a contrastar com um geito audaz que dera ao vulto, endireitando-se um instante. Além, o cavalo escarvava inquieto.

— Bem me pareceu, reatou ela mansamente, que aquele cavallinho era o do médico. Fiquei em dúvida se devia incomodar . . . Mas também não posso, já se vê, passar por aqui a todas as horas . . . É preciso que cada qual faça o que tem para fazer . . .

Uma interrogação indiscreta aflorava aos beijos da outra. Que tantas ocupações tinha ela! Sem porêem lhe deixar aso, a de preto explanava:

— Devagar se vai ao longe; mas nem sempre se podem ter vagares.

E com uma espécie de gargalhada, um garfalar surdo e grotesco:

— Dizem que no inverno os dias são curtos.

Batia pancadinhas com o bordão, esburacando lentamente o solo saibrento e húmido.

— Mas olhe como a terra agora é macia!

Teve um esgare de quási loucura.

Catharina, realmente apressada, ia a retirar-se; a *Bruxa* reteve-a com um relance, numa fascinação amedrontada.

— Pois cuidei que, se consultavam o sr. doutor, recomeçou depois dum fôlego, é porque a

D. Lucianinha estava muito mal. E quero-lhe tanto! Por isso entrei... Quando não, não me atrevia. Nem hoje tinha tenção de cá vir.

Tossicou. Em seguida, abruptamente:

— Então ela está assim tão mal?

— Tomara eu não andar pior!

— Coitada! Com que vossemecê também...

E extremamente alambicada:

— O que é que sente?... É flato?...

— O costumado, volveu Catharina sêcamente.

Houve uns instantes de hesitação. O aspecto achacoso da velhota mostrava que ela não de todo mentia. Exagerou ao de leve o abatimento das feições como há pouco tinha exagerado a frase. Continuará os queixumes? A Bárbara esperava dócilmente, com ademanos muito fagueiros. Catharina porém refreou-se.

— Não brinque com a moléstia, porque alguma vez... — insinuou por fim a de luto, com um modo que não tranqüilizava.

Mas logo sussurrou afável, pouco menos que risonha:

— Bem sabe que todos temos de ir.

— Forte dúvida! rosou a outra.

Principiava a chuveisar; a criada, como se nada visse, exclamou:

— Até melhor ocasião!

Adoçara contudo o desabrimento.

A visitante não se teve por satisfeita.

— Diga-me só uma coisa: o médico não a deu por perdida, a D. Lucianinha?

Preguntava num meio sêgrêdo.

— Safa! bramou Catarina, conjecturando antes do que entendendo. Sempre se sai com cada uma!

— Como vossemecê parece tão ralada...

E novamente em segrêdo:

—Achou-a só um pedaço doente...

—Que hei-de eu saber, aqui de conversa?

Os pingos de chuva tornavam-se mais grossos, embora infreqüentes por enquanto.

—Por ser a última—observou a *Bruxa*, sem desistir—devia custar bastante ao sr. Constâncio.

—Custar o quê?

A velha mascou um momento; e com a sua maior ternura:

—Ver muito doentinha essa jóia.

Catarina pagou-lhe com desprante.

—Foi para conversar um bocado que as meninas chamaram o sr. doutor. Estavam aborrecidas, percebe agora?

A Bárbara torcera a cabeça, pode ser que por causa da chuva, que um sôpro de vento arre-messava.

—É que se a D. Lucianinha estivesse perdida, murmurou sem ter ouvido, talvez que o seu patrão...

Aguardou que o vento caísse. Depois fitando bem a velhota, com um ar pensado e um meneio confidente:

—Talvez que o seu patrão fôsse atrás dela.

Levou os dedos aos olhos duros num vago modo de enxugar. Logo, tranqüila, ajuntou:

—Mas emfim, contanto que a menina não piore...

—Que ha-de piorar! gritou a criada enraivecida.

—Tal e qual. Tem aí o nosso médico. E os srs. doutores entendem muito; são pessoas de muita monta...

As lufadas cingiam-lhe a saia às pernas, lembrando as tíbias dum esqueleto. Sem manifestar

má vontade por Catarina não convidá-la a entrar, voltou costas e meteu-se a caminho, sob o aguaceiro que já tilintava.

— Fale-lhe ainda assim no meu remédio, que é bom para tudo, que serve para todos os males, gritou virando-se para trás.

Espetava um dedo solenemente. Restringiu

— Para o caso de pôr-se pior...

— Sim, sim, — atalhou Catarina sacudida, tornando apressada para dentro.

O *Farrapo* dormitava agachado na lareira, muito próximo do lume; conspurcavam-lhe presentemente o lombo sórdido dois extensos ralos de pêlo, que chamuscara por friorento, nas desleixadas sonecas de velho. Ouvindo alguêem aproximar-se, piscou os olhos redondos, com o seu ar felino traidor. A criada vinha furibunda demais, para que lhe desse logo atenção; tirou o têsto a um dos painéis, que roncava, e entrou a revolver o conteúdo com uma grande colher de pau. Entre dentes praguejava contra a outra e contra as suas massantes conversas, que por um triz seriam causa de que o arroz ganhasse esturro.

— Não faltava senão isto, ainda por cima!

E no seu espírito, singularmente, confundiam-se num mesmo plano e quási numa mesma aflicção os inconvenientes dum jantar estragado e a má saúde da sua ama predilecta.

— Tudo por aquela maldita! murmurava com rancor.

As frases cruéis da Bárbara tinham, a seu ver, pouco menos eficácia do que os feitiços tenebrosos de que lhe atribuía o preparo.

— Não há velhaca tão ruim!

O vapor quente, magoando-lhe a dentadura apodrecida, obrigou-a a emmudecer. Ao cheiro

apetitoso do refugado, o gato entreabrira de novo os olhos; Catarina fez-lhe um afago, e êle veio roçar-lhe pela saia, captando, esperançado talvez nalguma especial lambarice; tremelicava a cauda alçada, empinando esforçadamente as ancas. Aquela afeição consolou-a um tanto e sobretudo distraiu-a. Para mais, destapava agora outro pannelo menor onde fervia um guisado de abóbora, — e o fraco de Catarina eram os doces e coisas adocicadas.

— Não, meu rico, ia dizendo para o bichano; não há aqui nada para ti. Também precisavas do teu acepipe, isso é verdade; mas o sardinheiro não passa.

O gato rinhou ternamente.

— Estás velhinho, coitado! e foste sempre biqueiro. Aquele que aí havia antes de ti, era um gato de sala acima e teve outro passadio... Mas que queres? Esta casa, já não é o que foi. Faltam agora os vagares para cuidar dos da tua igualha.

— Miau, respondia o *Farrapo*.

Catarina calou-se, assoprando na colher, onde alguns bocados de abóbora fumegavam. Bem solícita provou; deu por devidamente temperado êsse manjar de seu gosto, que só por sua intenção cozinhou. Logo ao comê-lo, esqueceria pesares, até a doença da menina — contanto que não a cresse de morte. E de novo lhe ocorreu o diálogo de há pedaço; tinha tais lembranças o dianho da *Bruxa!*... Suspirou repetidamente com um acompanhamento de ais, enquanto o bichano, desapontado, voltava a agachar-se ao pé do fogo — alastramento de vivas brasas, ainda conservando as formas vegetais.

Mas eis aí, pensou Catarina, quem a tiraria de

penas! Acolitado por Constâncio, o médico entrava na cozinha, saudando alegremente a velhota.

— Esconda bem essa paparoça, não vá eu às vezes tentar-me.

— Ah! o sr. doutor vem aquecer-se? A frágua não está lá grande coisa; mas num pronto lhe trago uns garavetos.

— Deixe estar! atalhou Higino. O frio não é demasiado; venho para aqui à espera de que amaine.

A criada lançou olhos pela janela mais vizinha, escancarada; caía uma chuva fina mas em fios contínuos.

— Não é pancada que dure muito, reflexionou Constâncio, — ainda que o tempo está incerto...

Quando o médico chegava abaixo, ao portal, o chuveiro que começara na ocasião de a *Bruxa* abalar, havia como que redobrado; o velho convenceu Higino a esperar, — e pelas lojas do edifício encaminharam-se para a cozinha, a assentarem-se à lareira.

— Então, sr. doutor, interpelou a criada, que tal achou a menina?

— Precisa de ter cuidado, que é melindrosa — redarguiu êle, mais ponderado talvez do que quisera.

Virou-se para Constâncio e mitigou:

— Contudo, ninguém deve logo à primeira assustar-se com a doença, quanto mais com uns ameaços!

Fez com a mão um movimento de coisa que passa.

— Precisa de ter muito cuidado com o inverno, eis aí!

Catarina postara-se diante do clínico, com os

punhos nas ancas, um ar entre suspenso e resolutivo de quem pretende saber até ao fim.

— É má estação, prosseguiu Higino; e aquele abalo do outro dia, quando mandaram chamar-me, deixou-a mais combatida do que seria para desejar. Julgo que ainda são as conseqüências...

— Não haverá nela uma disposição...? atreveu-se o avô.

O interrogado, no banco fronteiro, sentindo-se encarado com inquietação, mirou a fogueira tremulante, a seus pés.

— Sim... é possível... — decidiu-se afinal. Mas se não há vencer um temperamento, ajuntou com um modo mais franco, as precauções podem submetê-lo.

Constâncio teve um acionado de meia incredulidade.

— Oxalá assim seja, meu doutor. Assim é necessário crer.

O médico não discutiu. Menos repugnante à sua lialdade seria dar esperanças quanto a Luciana.

— O tratamento que aconselhei, há-de fazer-lhe bem. Senão usaremos de maiores rigorismos.

E com um tom cada vez mais espontâneo:

— Volto àmanhã, depois de àmanhã, quantos dias fôr conveniente. Estamos longe de qualquer caso em que deva duvidar de mim, e muito menos da medicina.

— Há pequenos males que são rebeldes, formulou o velho.

— E todos admitem complicações, conveio Higino. Mas não é justo ser pessimista, me parece, só porque as coisas podem vir a ser péssimas.

Tornava-se jovial.

— A sr.^a Catarina é que tome conta em não

falsificar a sua farmácia. Quer-se alimento simples e são — salvo ainda as outras cautelas com os doentes.

— Lá nisso, fique descansado — respondeu a mulher com um modo entendido.

— É o que eu prego por essas aldeias; — e muita luz e muito ar e muita água.

A velhota não dissentiu.

— Todos dizem que sim, não ha dúvida, continuou Higino; mas é só para me serem agradáveis.

A ironia fez sorrir Constâncio.

— Gente pobre e ignorante, desculpou.

— E também valente, pelo visto. Receiam menos a morte dó que a higiene ou até a medicina.

Catarina, desinteressada, reaplicara-se aos cozinhados.

— São fatalistas, doutor, observou ainda o velho.

— Entrevejo os seus fundamentos, porque às vezes pergunto comigo se não são êles que teem razão. Há em todo o caso, na morte, debilidades, hereditariedade, e mais condições que nos escapam. É um mistério, apesar de tudo.

— Um grande mistério, acudiu o idoso.

— O supremo mistério, encareceu o outro.

Lançaram a vista pela cozinha defumada, escura nêsse dia invernal; procuravam assunto mais ligeiro. A chuva morrinhava sempre; de quando em quando caíam no lar uns borrifos.

— Não são as preocupações de além campa que comovem o doutor — exprimiu Constâncio, com um ar faceto.

— Oh! não; isso já o sabe. E contudo fica um mistério, e uma hora terrível — pelo menos, de longe.

—Terrível demais para pensar nela, confirmou o velho num murmúrio.

E com uma timidez resignada:

—Não será tão terrível de perto.

—Passa-se por vezes na inconsciência, como o nascer, como o gerar, como tudo que é essencial.

O médico falava mais desprendido; Constâncio inclinou-se para diante, como avergado pela carga da *funesta necessidade*.

—Os mortos nunca nos contaram... balbuciou sem terminar,

Ainda agachado junto às brasas, o gato ergueu o focinho e abriu os olhos bem desperto, com uma fixidez inquiridora. Constâncio ultimou sêcamente:

—Mas é melhor não conversar nisto.

Houve uma curta interrupção. Agora, o gato tinha o olhar sôbre Higino.

—Que sabes tu do que nos é oculto, *Farrapinho*? interrogou o clínico.

Ele abaixou a cabeça, encolheu-se mais cómodamente, e, com uma espécie de desdêm, como que recafu na madorna.

—Não gosta de se declarar, comentou jocosamente o interpelante.

—Olhe que nunca vi animal tão esperto, interveio efusiva a criada; parece às vezes que nos percebe.

—Por fôrça, sr.^a Catarina; quando se trate do interêsse dêle, adivinha-a só pelos gestos, e também se o magoar, não se lhe fie nas unhas.

A chuva ia abonçando; Higino variou de conversa. Lastimou haver faltado tanto tempo; hoje mesmo não tencionava entrar; é que tinha bastante que fazer nêsses ásperos comêços de inverno, e sentira-se tranqüilo a respeito de Luciana.

— Tanto ela como eu confiámos demais na cura; não acontecerá agora assim.

Estendeu um instante as mãos sôbre a fogueira. A ruma chamejava frouxamente sôbre o lajedo do lar, mas irradiava um calor suave; era uma vegetação admirável o brasido—esgalhos translúcidos, cristalinos, com a casca vermelha a deixar ver o cerne.

— Ótima coisa é o lume, exclamou o doutor, e linda como uma jóia. É-se feliz por possuir êste confôrto; e eu, às vezes, quasi abenço o frio por nos dar a conhecer o bem-estar do aquecimento.

Sorridente, pôs-se em pé.

— Mas é preciso que me meta a caminho. Que os lobos também teem frio — e são maus companheiros de viagem.

— Deve então concluir, retorquiu o velho simulando alacridade, que mesmo as melhores coisas, como o inverno, apresentam seus inconvenientes.

— Vou-o agora experimentar por mim próprio, ao ar livre.

E com gravidade anotou:

— Mas desgraçados sobretudo os pobres!

Havia na sua voz um cambiante de emoção. Retraíu-se.

— A doente que não se descuide — recomendou, a finalizar. Nada de terrores imotivados, mas não brinquemos com a doença.

Assegurando-lhe a sua vigilância, Constâncio veio até à porta. O cavalo, ao avistar o dono, relinchou de prazer; Higino desprende-o da argola e lestantemente montou.

IV

ASSENTADAS nos poiais do vão duma janela, Isilda e a amiga palestravam. Era no quarto de Luciana. Fora, a mesma paisagem árida, mais desolada sob a chuva, abundante e contínua, caindo serena.

Com um pesado chale pelas costas, a doente pousava os pés numa escalfeta; a companheira apenas esfregava as mãos, de longe a longe, um tanto rubicunda pela frialdade. Luciana estava abatida, com os olhos castanhos escuros mais destacando no seu descoramento; agarrava com os dedos, alvos e finos, as pontas do chale, e numa vaga prostração encostava às vezes para trás a cabeça, sentindo-a afogada sôbre a cabeleira exuberante, anelada ao de leve, onde algumas brancas scintilariam já.

Não se repetira a crise temível que tinha obrigado a mandarem pelo médico; mas achava-se fraca, sem apetite, não raro com um bocadito de febre, uma acentuada tendência para a insónia. Por isso, a amiga, dias antes, havia chamado

Higino, ao passar. A família exaltava os maus sintomas; receava novo paroxismo; o doutor tranquilizara pela affectuosa assiduidade, e era fora de toda a dúvida que o seu tratamento operava melhoras. Todavia Constâncio, essa manhã mesma, numa carrinhola emprestada, motivando negócios urgentes, fôra à cidade indagar do farmacêutico se os medicamentos para a neta denunciavam doença grave. Tinha sido uma ingenuidade de extremoso antes que uma infantilidade de velho. No entanto Luciana, que não suspeitava a causa real daquela ida, regosijara com o passeio, apesar da invernia. Parecia-lhe que seu avô andava meditando por vê-la tão sem saúde; essa mudança de meio animá-lo-ia talvez; operaria mais do que os esforços que ela empregava para demonstrar-lhe um reganho de vigores.

Logo que Constâncio partira, a doente subiu ao quarto, onde se encontrava mais confortável do que noutro qualquer aposento. Como todos os muito débeis e tímidos gostava de se refugiar; e tomava pronto apêgo aos objectos que usualmente a rodeavam. Cada um dos móveis que se lhe deparava, como a saudá-la todas as manhãs ao levantar-se, tornara-se-lhe uma amizade, uma predilecção mais chegada,— a vasta cama de madeira com sumptuoso espaldar, o entalhado armário de castanho, defronte a cómoda trivial com o feminino toucador, e até os cortinados de renda, coando a luz das duas janelas. Quando não tivesse a companhia da sua minguada família, quisera-se entre êsses companheiros; mas tanto o avô como Isilda, raras vezes a abandonavam. Assim que pôde delegar em Catarina o serviço daquele dia, a rapariga subiu à pressa para junto da sua camarada.

No recanto da janela estavam assentadas haveria uma hora, quando Isilda depôs a costura e pediu muito séria à amiga que lhe confessasse um por um todos os seus pensamentos.

— Estou falando contigo há tempos esquecidos, e não me respondes nada, ou talvez nem me ouves sequer.

Luciana despertou com a acusação, e sentindo-a fundamentada ficou um instante confusa.

— Tens razão em te queixares. Mas então!? Deu-me hoje para pensar em coisas antigas — mesmo muito antigas para mim...

E percebendo que Isilda ia para indagar minúcias, rematou viva:

— Não te podem interessar.

— Interessam-me tal, acudiu a rapariga. São pensamentos pouco alegres, certamente; e andando tu ainda adoentada, não tens o direito de estar triste. Quero saber de que se trata.

A interpelada vacilou uns momentos.

— Estava pensando na minha infância — esclareceu, tomando um ar de indiferença.

— A que propósito?

— A propósito de um modo de encarar-me, que tiveste há pedaço...

— Explica-te melhor. É preciso arrancar-te frase a frase. Consomes-me com as tuas reticências; fazes-me morrer de cariosidade.

Luciana redarguiu, vagamente cogitativa:

— Lembraste-me, não sei porquê, o meu pai.

— Teu pai!?...

Também Isilda ficou cogitativa um relance, e levemente perturbada.

— É esquisito — murmurou, já com menos ligeireza.

— É. Porque... não posso bem dizer como, mas

foi, me parece, o teu gesto... Enfim, trago-o agora muito na imaginação...

— A teu pai?

A doente encostou a cabeça para trás, e numa negligente franqueza, quási como consigo mesma, prosseguiu:

— É outra coisa esquisita... De noite, ultimamente, em não dormindo, aí entro a scismar nêle. É uma teima que não compreendo e que não posso evitar. Por mais que faça, volto constantemente ao mesmo ponto, sem dar por isso.

— Não é bom teimar nas mesmas ideas, com efeito; de mais a mais que não te põem risonha. Mas para que guardaste segrêdo? Hás-de sempre contar-me tudo, como prometêmos uma à outra.

— Só de ti não encubro nada. Mas isto, nem tem importância nem tu lhe podes valer.

— Andas fraca, respondeu Isilda à maneira de lenitivo; de sorte que te ocorreu numa insónia essa época, e agora voltas sempre ao mesmo, sem conseguires desviar-te.

Com frouxa convicção, Luciana replicou:

— Talvez seja assim, ou talvez saudade...

— Dêle!?

— Da infância.

— Sim, que dêle não deves ter muita idea.

— Pouca.

Recolheu-se um minuto.

— Contudo, se fecho os olhos, vejo-o ainda claramente tal qual o vi da última vez.

— Tinhas uns dez anos, não? Entretanto, confesso que admira...

— É possível que desfigure um ou outro por menor; mas recordo-me com toda a clareza do que se passou naquela noite horrorosa.

De novo se reclinou. Num sussurro apenas:

— E nos dias seguintes... até ao fim dessa desgraça...

Isilda, também empolgada, não achava forças para interromper; perguntou mesmo:

— Era ainda novo?

— Talvez a idade que eu tenho agora. Menos.

— E não saberem nunca porque foi!...

— Nunca.

Calaram-se alguns momentos.

— Vinha de jornada, não é assim?

A enfêrma negou vagarosamente com a cabeça.

— Todas as tardes saía quando aí estava. . Pelo menos, não me recordo de nos fazer nunca companhia ao serão, como o avô; e lembra-me que eram raríssimas as noites em que me despedia dêle.

— Mas para que havia de andar sózinho! comentou a rapariga. Os lóbos, quando mais não fôsse...

— Meu pai era muito destemido, — assim como tu, Isilda. Mas, imagina, ainda por cima homem... Parece-me que minha mãe não gostava de que êle voltasse tão tarde; não sei se ralhavam por isso; affigia-se porêem, estou certa. Mau génio, creio que não tinha; tudo que fazia, era chorar muita lágrima por desgostos que lhe dava meu pai; apanhei-a não poucas vezes a chorar...

— E nem dêsse modo conseguia que êle se acompanhasse dum criado! — insistiu Isilda, preocupada com achar meio de se ter evitado o drama.

Luciana surdinou a voz:

— Quem nos diz aonde êle ia! — Ouvi qual-quer coisa mais tarde...

— Mulheres?... indagou Isilda.

A amiga hesitou na resposta.

— Não acusemos os mortos, redarguiu com gravidade, que não se podem defender.

— O padrinho deve possuir o segredo, murmurou a rapariga.

— Tão velho, quantos segredos não guardará a sua alma!... Mas êste, duvido... não supinho... Enfim, alguêm se atreveria a perguntar-lhe?

— Era pelo menos uma crueldade, conveio Isilda. Ele evita falar nêsse imenso desgosto. Também a nós nos pertence evitar-lhe tal conversa.

Querendo ser mais amigavelmente franca, Luciana acrescentou:

— O que sei é que havia ao tempo, na cidade, bem mais famílias distintas. Mas tudo isto são conjecturas, e criminosas até. Meu pai quási nunca estava aqui; não lhe agradava a província...

— Contudo, tu nasceste cá em casa...

— E quási sem interrupção aqui fiquei, com meus avós e minha mãe.

— Teus avós paternos, já se entende...?

Luciana acenou que sim.

— Porque os outros...—disse, e interrompeu-se.

Explicou meio em confidência:

— O meu pai, segundo afirmam, tinha feito um mau casamento. Casou por uma grande paixão, mas um pouco fora da sua classe, comprehendes?

— São casamentos infelizes, geralmente, ousou a amiga.

— Sim. Porém minha mãezinha adorava-o, pelo que entendo. Ele, é que julgo... Talvez que não fôsse firme nas paixões.

Isilda esfregou lentamente as mãos, ainda um tanto oprimida; Luciana perdeu-se alguns minutos em pensamentos.

— Mas tinha-me afeição, reatou; não posso duvidar. Recordam-me tantas peripécias!...

E, por um ímpeto da memória, saltando ao fim:

— Até que um dia o trouxeram morto.

Seria essa parte mais trágica a obsessão da doente? interrogou consigo Isilda. No desejo de assegurar-se, deixou-a continuar.

— Tinha caído um forte nevão — desenvolveu Luciana, com a cabeça apoiada sôbre a cabeleira, o pequenino queixo erguido, os olhos fitos num afastado ponto vago. Não me recordo de assistir nunca a outro igual. A neve carregava as árvores esgalhadas, atulhara as covas, cobria a serra e os campos; era o mesmo lençol por toda a parte, muito liso, sem uma mancha, e que até à vista causava frio... Em criança metiam-me tanta pena os dias de neve!... Parecia-me que a morte devia ser uma coisa assim branca, tão quieta e fria... — A tarde, como de costume, meu pai saíu.

— A pé!?

— A cavalo. A pé era quási impossível. Toda a noite e toda a manhã tinha nevado, frocos às vezes do tamanho da minha mão. Imaginas que camada. — O certo é que por vê-lo sair com êsse tempo, por pressentimento ou fôsse o que fôsse, a minha mãe ficou mais triste do que nunca. Meu pai beijara-me muito, como sempre fazia; mas eu, entristecida com o nevão e notando-a a ela acabrunhada, lembro-me de que me pus a chorar.

Luciana deteve-se um espaço, em conversa consigo mesma ou a reúnir as recordações. A

amiga não a interrogou. Fora, a chuva escorria incessante.

— Altas horas (altas horas para mim naquele tempo) batem ao portão com toda a fôrça. Queres acreditar, Isilda, que nunca ouvi bater assim? E oxalá nunca torne a ouvir. Estava tudo silencioso; essas argoladas lúgubres, ou não sei o que lhes chame, devem ter ecoado em toda a casa... Para mim, a falar a verdade, foi como se m'as batessem em cheio no coração.

— E depois? indagou Isilda, visto que a narradora outra vez se interrompia.

— Estávamos ao serão, no primeiro andar. Minha mãe correu à janela e perguntou para baixo; ignoro o que lhe responderam; mas desceu instantâneamente, gritando a meus avós que viessem. Eu também galguei pelas escadas, agarrada à saia de quem quer que fôsse...

A enfôrma teve uma indecisão, um receio de continuar, julgou Isilda, que a fixava agora penetrantemente, quasi hipnotizadora. Contudo, Luciana venceu-se.

— Lá em baixo, continuou serena, o portão estava escancarado. Uma criada chorava em altos gritos. Eu saí para o caminho sôbre a nevada mole. Dois homens tiravam-no do carro; um outro segurava a lanterna; a luz fraca deu-lhe no rosto; — só então é que eu entendi bem.

Com as pupilas um pouco dilatadas por aquela imagem terrível, mas sem outra perturbação, Luciana encarou a amiga.

— Vejo-o ainda como o vi nessa noite, — com os olhos escuros pasmados, as faces mais brancas do que nunca, como se a neve lhas tivesse tingido, os seus cabelos negros e anelados revolvidos, e sôbre o vestuário nódoas de sangue.

Também Isilda, a essa descrição, mirando a doente, tão pálida, julgava ter na sua presença, reincarnado, o aventureiro fidalgo. Entristeceu-a tal pensamento.

— Funesta sorte! murmurou. Morto na flôr dos anos!...

Luciana baixou a vista melancólicamente.

— Era um homem de boa estatura meu pai, cheio de garbo, com uma apresentação que se impunha, maneiras que não podiam ser mais nobres; às vezes tinha para mim um olhar tão extremo, tão suave!... Nunca encontrei ninguém assim formoso e distinto.

Voltou-se para um retrato a óleo, de meio corpo, inclinado por sôbre a cabeceira do seu leito.

— É aquela a sua testa, o seu nariz um tanto aquilino, o bigode ligeiro; mas falta-lhe a vida dos olhos, a brancura da pele, a sua voz insinuante.

Fez uma breve paragem.

— Quanto eu dera por ouvi-la outra vez!

Estava novamente virada para a companheira.

— Mas os que morrem não tornam mais. Nunca jamais.

Para atalhar a uma forma de dôr, poderia ser que mais penosa, Isilda pôs uma dúvida.

— Não o matariam para o roubarem?

— Oh! não, respondeu Luciana. Encontraram-lhe nas algibeiras os poucos valores que levava. — E entretanto, ninguém lhe tinha ódio, ao que parece.

— Como nesta terra, por êsse tempo, se cometiam actos misteriosos! reflexionou a rapariga, tentando derivar a conversa.

— E talvez fôsse melhor para meu pai que o

seu viver no último período não tivesse tanto mistério. Mas, perguntou interrompendo-se, porque é que tu disseste isso?

— Únicamente por pensar em mim própria. Não foi nessa mesma época que me vieram expor à vossa porta?

A amiga cogitou uns instantes.

— Uma semana depois, quando muito.

— E teu avô fez indagações, não é verdade?

— Decerto; como àcerca do assassinato.

— E aí está! sem melhores resultados.

— O avô não é bastante persistente... Ou enfim, senti talvez que não aproveitavam as pesquisas. Se tivesse obtido uma certeza, não t'o encobria hoje. — O caso é que resolveu de pronto encarregar-se de ti.

A companheira exclamou com uma emoção mal retida:

— Sois vós toda a minha família, e não podia tê-la melhor.

— Por mim, desde que entraste aqui, replicou Luciana também comovida, estimei-te como a uma irmã. E se não te havia de estimar! Eramos ambas como duas órfãs.

Com um modo mais desprendido indagou:

— Sabes porque me recorda com tanta aproximação a data em que te abandonaram?... Porque foi nas ante-vésperas de minha mãe se aniquilar. E isso passou-se pouco mais de uma semana depois do assassinato. Quando ela acabou, corri direita ao berço onde estavas, a agarrar-te e a beijar-te. Bem compreendia o que era a morte desde que tinham matado a meu pai; e só te achava a ti para me apegar, em troca das afeições que tão de repente perdia.

— Como poderia eu substituir pai e mãe!

— Nêsse tempo, não, — e depressa o percebi; mas mais tarde substituíste uma irmã. E até êste momento.

— O teu bom coração faz-to vêr assim.

Luciana calou-se, a scismar.

— Não! recomeçou muito grave. Mesmo no princípio — melhor hoje o entendo — foste para mim uma consolação. E não é dever pouco à tua vinda. Podes calcular que fase cruel, quando me encontrei tão inesperadamente sem metade da família.

Hesitante, Isilda esfregava as mãos; resolveu-se.

— Tua mãe não pensou bastante em ti.

— Devo ter sido secundária para ela; não via outra coisa senão o marido, imagino.

— É possível; mas não haveria mais algum motivo, um facto da última hora?

— Parece-me baldado procurá-lo. Depois que ficou na viuvez, o único facto saliente que ocorreu aqui em casa, foi o teu aparecimento. Meus avós tratavam-na muito bem.

A interlocutora justificou-se.

— Como mediou um certo espaço entre a morte dêle e o suicídio . . .

— Falta de coragem, provávelmente. Podes tu conjecturar, Isilda, o que custará a pôr têrmo à vida?

— Não; nem compreendo um tal pensamento. Eu!?. . .

A doente assentiu com tristeza.

— Talvez também que se lembrasse de mim.

— Mas deixava-me bem entregue.

— Entretanto quererias tê-la ainda . . .

— Por certo.

Houve uns segundos de recolhimento.

— Como terá obtido o venceno! murmurou Isilda.

Luciana, retraída, meneou a negra cabeleira, num gesto de dúvida.

— Eis outra coisa que terá levado tempo, observou.

Passado um instante ajuntou em voz baixinha:

— Eu suspeito quem lh'o deu.

— Quem? indagou a rapariga.

— Não o vais dizer a ninguém?...

— Se é segrêdo...

— Trata-se apenas duma suspeita, e por conseguinte...

— Mas quem presumes que foi?

— A *Bruxa*, sussurrou Luciana.

— A *Bru*... articulou a confidente.

— Sim, a Bárbara.

— Pois deveras!?!...

Não voltava a si do assombro.

— Efectivamente, concordou, contam que conhece sortilégios, drogas...— Eu, se fôsse senhora aqui e tivesse a tua suspeita, há muito que a não deixava cá entrar.

— Recebem-na em toda a parte... nas melhores casas... Não sei que parentescos ela tem...

— volveu a enfêrma tímidamente.

— Queres dizer que ainda é tua parenta?...

— Suponho que ainda é minha parenta.

— Que importa! exclamou Isilda arrebatada.

A companheira comentou:

— Não é pessoa que nos honre...

— De mais a mais. Porque sendo verdadeiro o que dela referem...

Mas Luciana atalhou velozmente:

— Exageros, em todo o caso.

— Teu avô não suspeitará o mesmo que tu? Nunca lhe participaste as tuas desconfianças?

— É de tão boa fé! Dissuadiu-me. Penso mesmo que lhe desagradei tanto, que não mais tentei voltar ao assunto. Bem pode ser que saiba mais do que eu.

— Contudo se t'o não revelou então, é que nunca o revelará.

— Nós para êle somos duas crianças, reforçou Luciana.

A amiga franziu a testa, e com um impercívvel despeito:

— Mas, então, é possível que do resto conheça mais do que imaginamos.

— Hum! Não será difícil, quanto à Bárbara, acharem-me pouca razão. Por isso não insisti nem insisto; apenas desabafo contigo.

— Fazes bem em nada ocultar-me.

— Assim creio. Mas, nem eu nem tu, devemos ligar grande importância a suposições, que entrevi sómente muitos anos depois. Sou às vezes supersticiosa . . .

— E é uma superstição que te levou a julgar . . .

— Uma ou mais. — Também outros pequenos motivos.

— Dá um exemplo.

Luciana curvou-se a assoprar na escalfeta. Em seguida retomou:

— Ela rondava muito por aqui, nessa época.

— Quando teu pai perdeu a vida?

— Sim. Entrava freqüentemente. Recordo-me, porque já a sua figura me fazia impressão; tinha-lhe medo. Admirava-me de que gostassem de falar com ela; admirava-me principalmente de minha mãe.

— Falava assim tanto?

— Parece-me que sim. Em todo o caso, pode ser que a minha memória exagere... O certo é que, quando uma tarde correram a chamar médicos, porque minha pobre mãe começava a sentir-se mal, a Bárbara apareceu aí, com aquele aspecto repelente, e ofereceu uma tisana das suas. Não achas estranha a coincidência? não digo já a sua aparição, mas trazer logo ali remédio?... Ouvi mais tarde comentar o facto; e foi isso o que me ficou, — talvez injusta sugestão. Afigure-se-me contudo, hoje, que ela teria um remorso, quem sabe até se um receio de ser como que a envenenadora.

Isilda concentrou-se um relance.

— Não lhe aceitaram o oferecimento, está claro? Pode-se lá supôr o que ela daria!

— Sim, que a Bárbara é uma invejosa — observou a doente, mais atrás dos seus pensamentos do que para responder a Isilda.

Numa outra intonação reatou:

— E eis a última parte da história: Os médicos nunca perceberam qual tinha sido o veneno.

Com uma espécie de sarcasmo:

— Não há por aqui muito quem fabrique dêsses venenos obscuros. — Acusa-me de caluniadora se quizeres; mas só ela seria capaz...

Serenamente continuou:

— A agonia de minha mãe não foi longa. Perdeu a fala e depressa o conhecimento. Entretanto era demasiado sofredora para que tivesse culpado alguém.

Sentia-se que a rapariga vacilava em partilhar a suspeita. Luciana tão pouco reteimou.

— Ao contrário de meu pai — desenvolveu — tão apaixonado, tão violento, e que expirou com uma aparência tranqüila, minha mãe, tão pa-

ciente em vida, ficou na morte com o rosto contorcido, sem formosura, desfigurada,—como se fôsse ela, merecidamente, quem expiasse todas as culpas.

— A *Bruxa*, exclamou Isilda numa irreflexão sentimental, não pode ter sido causa de semelhantes horrores!

— Terás razão, tornou-lhe a amiga. O que não queria, era vê-los tantas vezes, sobretudo a meu pai, manchado de sangue, com a cara muito pálida, trazido nos braços daqueles campónios.

— Não querias vê-los... tantas vezes!?... Agora?...

— Principalmente a êle.

— Costumas vê-lo!?

— Com os olhos da memória.

Isilda, perturbada, permaneceu silenciosa. Suposera qualquer coisa de análogo; todavia a confissão assustara-a. Enquanto reagrupava as ideas, aventurou, mal simulando atenção:

— Não seriam êsses campónios os próprios assassinos?...

— Não; pobre gente! sem nenhum senso das conveniências (não nos pouparam); mas honestos.

Aquele retrato, ali, não te faz bem, reflexionou bruscamente a rapariga.

— Não é êle que tem a culpa... estou convencida...

A companheira entendeu por melhor ocultar os seus cuidados, não insistindo por agora. Com o intuito de rematar o diálogo, achegou a cara à vidraça e olhou atenta para os campos.

Proseguia sem tréguas a chuva, fazendo um sussurro sonolento na sonolenta obscuridade do ambiente. Além, as correntezas de cerros, ennevoadas num véu ténue, prolongavam-se em re-

cortes informes, com um aspecto imaginário e lóbrego; mesmo em frente, um pico esgalgado, menos encoberto, estava hirto e estúpido sob a humidade. As encostas resvalavam tristonhas, com as suas árvores esfolhadas a tremer de frio, as suas mantas negras de anãs vegetações, os seus escavamentos de solidão, tudo ensopado ou escorrendo, e tão miserável que causava dó. Assolada, sinuando lânguida, sumia-se a estrada e reaparecia. Ninguém. E por cima dessa modorra lacrimosa, encurvava-se um fundo de céu trágico, borrado de ineptas pinceladas, com indefinidos frangalhos de nuvem, tenebrosos, a esvoaçarem. A chuva descia não muito grossa, tão igual, tão sem violências de vento, que parecia não haver nunca de findar.

SÓZINHO, a passos lentos, por uma vereda do parque, Constâncio vinha recolhendo do seu passeio matutino. Dir-se-ia menos galhardo do que há tempos, com a cabeça caída, um mais frouxo arqueamento das espáduas que lhe diminuía a boa estatura, e até, indissimulável, uma tendência a arrastar os pés. Por entre os esgalhos, quasi despidos, via-se o fino azul do céu, lúcido como num dia clemente, mas parecendo irradiar um frio agudo na sua pureza semelhante à da neve. Efectivamente era muito o frio, mais trespasante do que quando chovia; e o velho traçara a capa, donde apenas, abaixo da orla, surgia a ponta duma bengala, a que êle se ia apoiando com maior pêso que de costume. Levava um chapéu de copa elevada, com um sulco ao meio e não pequenas abas; enfezava-lhe o rosto, mirrado pelos anos, tão coberto de gelhas; só ficava em sumptuoso realce, numa nobreza de velhice, a comprida barba branca.

O atalho era uma extensão recta, cortada

num massiço de troncos esguios, muito peludos de musgo. Alguma folha amarela, ainda pendia das hastes, enquanto à raiz do arvoredó, por entre o mato, se acumulava uma outoniça camada. Tinha geado intensamente, e em certos pedaços do caminho, onde quer que o sol não lourejava, estendia-se uma orvalhada sólida, como um derramamento de sal. As pègadas de Constâncio ficavam estampadas ao de leve, mais escuras, nessa pasta de vidro moído.

Èle seguia concentrado, às vezes bamboleando a cabeça, outras vezes resmoneando algumas sílabas. Não lhe havia aproveitado a ida à cidade; o farmacêutico não pudera responder-lhe fôsse o que fôsse de preciso, — não quisera, julgava èle com uma ferrenha convicção, todavia irracionada. Desde então pensava nisso freqüentemente; aquelle retraimento, enfrenesiava-o. Tornava-se rabujento fora de propósito; imaginava uma geral conspiração para lhe ocultarem a verdade; e crente nesta fantasia, era levado a supor muito mais grave o estado de Luciana. Incessantemente scismava em sua neta, bem mais do que scismaria sem os cuidados que improvisava; torturava-se dum modo arbitrário, calando entretanto dos outros, por uma espécie de revindita. Mas para que é pois, insistia consigo, que lhe haviam de encobrir o que a todo o tempo seria evidente? Tomavam-no por uma criança? Não saberia aceitar, sem nenhum exagêro, o perigo e as esperanças de bom êxito? Não; já lhe não tinham respeito.

De quando em quando raspava com a ponteira o argênteo revestimento do chão, que não desaderia fácilmente. O inverno é mau para os débeis, meditava; e que de vítimas faz entre os sadios! Quanto mais é de recear para os enfêr-

mos!... Mas, também, não fôsse crer desesperada a doença de Luciana. Com certeza, desesperada não; sómente um pouco, mesmo bastante — melindrosa. Que mal andavam em não lh'o dizer, sendo êle o parente mais próximo, o seu único parente, e ela a descendente derradeira da sua raça, dantes numerosa!

O sol passava através das profundas fiadas de troncos, listrando alguns de soslaio. Havia um silêncio melancólico nos ares. Por sôbre o folhame caído scintilava em rôtas nódoas uma miuçalha de diamantes. Constâncio mal olhava porêem, como se fôsse perdendo o seu amor à natureza.

Aquele andar de caduco não conseguia esquecer-lhe os pés, e mesmo debaixo da capa, a segurar a bengala, sentia os dedos retesados. Estava capaz só para a lareira, cogitou, ou para solhar-se a um portal. Mas também é que era grande a frialdade, como que gelados os raios do astro; o desconfôrto que o molestava, não seria apenas culpa do seu sangue envelhecido. Sempre os invernos ali, tinham sido muito frios, — recordava-se desde criança, principalmente em criança. — E dizer que vivera tantos anos, e que ainda podia viver tantos, afigurava-se-lhe, ao passo que sua neta, outro dia nascida, já entrevia a negra sepultura, embora longe, escancarada! Porque era tão injusta a sorte? Porque o fôra sempre com os seus? E porque era tão avarenta de vida? A vida um ápice, mesmo a mais duradoura!

A esquerda do atalho abria-se um lance de escadas, com degraus de terra batida, debruados rústicamente por toros de pinho não descascados. O velho começou a descer, cauteloso em não escorregar na geada, que embranquecia o piso dos degraus; em dois pontos êles faltavam, deixando

rampas mal escalonadas, que o obrigavam a agarrar-se, para maior segurança, aos húmidos troncos dos carvalhos. Nesta descida, a mata, como que virgem, tinha um ar vetusto e solene. As árvores eram mais rotundas; e a grenha verde descorada que as gasalhava, sugeria que essa raça de gigantes se tornara assim cabeluda pelos muitíssimos anos. — À direita mantinha-se mais o nível do terreno; de sorte que em baixo, ao desemboçar, já as raízes do arvoredado davam a Constâncio pelos ombros.

Estava agora numa clareira, limitada a um dos lados por êsse combro que a diferença de planos viera acentuando. Num esbarrondamento socavado em forma de gruta, escorriam uns meandros de água para dentro duma pequena cova. O passeante aproximou-se com uma suave curiosidade.

Se não passava hoje dum velho, fôra até ainda há pouco tempo um poeta à sua maneira, sobretudo um contemplativo; e momentâneamente acaso, arrastado pelas lembranças, fundido com mil saúdaes, sentiu um ressurgir vago da sua antiga afeição às coisas da natureza.

A gruta devia ser uma nascente; mas a água que se via pingar, provinha de mais acima, deslizava pelas vegetações, fininhas, tenras e abundantes, que revestiam o rebôrdos daquela espécie de paredão onde ela se achava incrustada. Escorregando pelas plantas em tórno da escavação, ou caindo de alto como uma chuva, o regueiro desaguava na pôça, que trasbordava num laivo impuro. Em muitos sítios porêem, os filetes, ao escoarem, haviam-se congelado: era isso principalmente na ponta dumas massas em longa pirâmide, conglomerados de filamentos e humo, semelhan-

tes a moncos de peru; em volta duma ou mais folhas delgadas, prolongando as compridas carúnculas, tinham-se formado pingentes de gêlo, da grossura dum polegar, transparentes como um vidro grosseiro. Também noutros sítios, amalgamada com hastes miúdas e radículas, a congelação tecera uma rêde, de malhas largas, cristalina, ou fizera uma renda vidrosa.

Constâncio arrancou um pedacito dessa filigrana ideal, que não lhe derreteu entre os dedos. Tinha sido bem fria a noite, considerou. Inclinou-se a espreitar à bôca da cavidade. Do teto, como pequenas estalactites, pendiam fios de água petrificados, lembrando os enfeites dum lustre; no fûndo, à superfície da toalha líquida, que tremulava com limpidez, aparecia aderente a um dos lados uma lâmina de gêlo, semelhando um charco em meio da corrente, menos translúcido e bem tranqüilo. Musgos e fetos a gotejarem, forravam as paredes da escavação; cá fora, junto à abertura, por entre as pedras, brotavam agrestes vaselos, estendendo o cálice côr de relva, no vértice do talo carnudo.

Com um último olhar aos enormes candeolos, aquelas congelações nas pencas de terra, o velho recomeçou a caminhar. Tinha de transpor o laivo sujo que derivava da nascente e atravessava a clareira. Era algum tanto largo mas sem espessura, coberto de caramelo frágil, um coalho com aspecto de vidraça, aqui lamacento, acolá leitoso, o qual rangeu e fracassou sob os passos do caminhante. Mais além antolhou-se ainda a Constâncio uma grossa lájea de água gelada, que completamente vedava, acompanhando em redor as mínimas saliências, uma concavidade quási circular, brocada num alto pedregulho. À custo o

velho fez oscilar essa crosta; conseguiu pô-la como suspensão, levantando uma metade enquanto a outra imergia; por debaixo da parte soerguida, mostrou-se o líquido puro, com um tom alágido, banhando graúdos calhaus.

Nessa manhã, todos os pormenores de inverno, que ia descobrindo, causavam em Constâncio recordações de outros invernos — principalmente, de alguns muitos longínquos. Era tentado a bulir nas curiosidades do congelamento, que lhe sugeriam repentinamente as brincadeiras da sua infância. Quási que desaparecia o extenso período intermediário; mas aquela época resplandecia, alegre e enternecida, irrecuperável e sem igual, como a idade de oiro nas lendas. A saúdade tão melancólica que lhe davam tais pensamentos, aliviava-o das dôres presentes, mais penosas, e que êle agravava.

Quantas vezes, em rapazote, fracturara essas chapas de gêlo, à pedrada, num resseivar de fôrça, num enlêvo de destruição! E quando chupava os candeolos frigidíssimos, como se fôssem brancos rebuçados! Que de vezes, bandeado com os irmãos, modelara colossos de neve, a que depois arremessavam grandes bolas! — Porêm agora, tão trôpego e velho, tão sem vigor e sem contentamento!...

Seguia de novo por uma vereda. Não pouco transformado estava o parque desde aqueles tempos antigos. Lembrava-lhe o arranjo de então, ao olhar para uma renque de pinheiros que ia ladecendo, bem menos idosos do que a sua neta. Eram entretanto elevados e fortes, com hastes ao longo de todo o tronco, uma côma aparatosa lá no cimo... Vivem mais do que nós as árvores, pensou com uma ténue amargura, parando um

momento diante dessas tão cheias de robustez.

Nos maciços por onde penetrava o caminho, pululavam também carvalhos jovens, com a casca rapada e lisa, parecendo um tanto a da cerejeira. Não havia por aqui geada; o sol estevava o chão transitável, em lentos zigue-zagues e não mal conservado. À direita adivinhava-se perto o limite da mata, num morro que vinha subindo; à esquerda, a desnivelada espessura do arvoredor, era cortada por mais duma vereda entreavistando-se.

Constâncio, ainda a scismar nas fantasias do gêlo, que havia encontrado, e nas scenas de quando criança, pouca atenção prestava ao que via. Parecia-lhe que os anos, agora, estavam mais frios do que dantes; contudo, menos nevosos. Fôra-se o pitoresco da quadra invernal; mas a sua severidade redobrara. — E todavia, em alguns aspectos, os anos repetiam-se dum modo fiel. Ainda como antigamente, ao abrir de madrugada a janela do seu quarto, que deitava para as trezeiras, não raro se lhe deparava o beiral do musgoso telhado dum derruído celeiro todo a escurer carambina em finas cristalizações.

Muitos e muitos aspectos, certamente, eram idênticos ao que haviam sido; mas já não tinham a graça de outrora. Quem lhe dera voltar ao passado, um só momento que fôsse! Vibrar do mesmo modo que dantes! Presentia cruelmente que tudo mudara sem esperança porque êle mudara sem regresso. Só lhe restava a recordação, êsse engano doce-amargo, a mísera consoladora da decrepitude sem futuro.

O frio, pela acção prolongada, ia pungindo mais; Constâncio forcejou por apressar-se. Mas o

ímpeto a que se obrigou, sacudiu-lhe o pensamento e pôs em fuga o pessimismo. Aceitemos a vida com os seus defeitos. Breve, porém, o atingiu a fadiga, e retomou o primeiro passo. — Se ao menos não tivesse desgostos! . . .

Não obstante a quietação dos ares, as árvores, aqui ou além, desprendiam umas últimas folhas encarquilhadas, que vinham esvoaçando molemente até ao chão, amarelento pela camada emmurchecida. Vendo-as cair, de novo o caminhante se extraviou em dúvidas desconexas ao redor da doença de Luciana. Durante um comprido espaço seguiu como um cego.

A poder de reteimar em pensamentos sem alívio, Constâncio acabou por sentir-se comprimido numa implacável soturnidade. Aquele labutar de inteligência era também um excesso para o seu cérebro, que a velhice debilitara; repercutiu-se nas forças físicas; as pernas fraquejavam-lhe mais. Se não procurasse distrair-se, percebia turvamente que ia envencilhar-se em confusões, em retalhos de ideas, fragmentos de imagens, e que terminava no desacêrto, num nevoeiro de demência ou nas sufocantes incoerências do pesadelo.

O atalho, neste lugar, formava um cotovelo brusco, desviando-se no sentido oposto ao do limite do parque; Constâncio não continuou pelo desvio. Firmando-se bem na bengala, enveredou por uma rampa estreita, que quasi mantinha a direcção em que viera; por ali, encurtaria caminho.

De quando em quando achegava a si a capa, mais preocupado com o frio, que lhe ocasionava agora um entrecortado acesso de tosse. Os troncos empedernidos estendiam uma rêde de esgalhos por cima da sua cabeça; o chão magoava-lhe os pés, muito duro, parecendo congelado. Topou

com violência contra um torrão, que nem desade-riu da gleba; a pancada, com a frialdade, provo-cou-lhe uma fina dôr, muito pertinaz. Depressa a rampa ia terminar numa extensão livre, onde ao fundo se avistava a horta. Constâncio trans-pôs as últimas árvores.

O piso tornou-se ainda mais duro; era verda-deiro códão; e o velho atravessou a custo e len-tamente. Em sítios, a terra estava gretada e às vezes coberta dum sal miúdinho; noutros sítios, — com toda a aparência de lama, porém ressecá e rija mais que um cimento, também às vezes pol-vilhada de cristais, — conservava entre as rugo-sidades, como estampados de fresco, sulcos, pè-gadas, outros vestígios, indestrutivelmente gra-vados. Constâncio procurava os pedaços menos escabrosos, já que os lisos eram raros; torciam-se-lhe os pés no pisar. A salmoira que a geada se-melhava, rangia como um pó de goma debaixo dos seus calcanhares.

Não longe do arvoredo que deixava atrás, ha-via grandes pedregulhos à flor do solo, prateados na superfície superior por um revestimento de cristaisitos apertados; os musgos chatos e devendo ser cinzentos que germinavam nalgumas dessas pedras, sumiam-se mal desenhados ou desenha-dos em branco sob a espessura da como que neve. Umás folhas de carvalho, espalhadas pelo chão, sôbre um fundo salpicado, pareciam feitas de geada; de geada eram os pequeninos calhaus à sombra mais cravados, quaisquer palhitas disper-sas. Enroladas nêsse orvalho congelado, as haste-sinhas caídas, dir-se-iam os delgados paus de es-teva, já envolvidos de cinza clara, que se queimam nos braseiros. E por toda a parte, no terreno acas-tanhado, corriam arabescos de brancura.

A direita de Constâncio, a mata prolongava-se, porém mais rala, fechando assim por dois lados aquela extensão vazia; à sua esquerda, não perto, entrevia-se o jardim assolado, por detrás duns grupos de arbustos. O velho, evitando sobretudo as pègadas insculpidas no códão, e os trilhos que uma carrada de madeiros tinha dias antes profundado, cortava quási em diagonal, para a horta, que verdejava desmaiadamente, já a curta distância.

Quando chegou, meteu por um carreirinho entre os talhões; as largas folhas das couves estavam cobertas duma alvura onde scintilavam brilhantes. Era um enorme rectângulo atulhado como de ramalhetes, um ajardinamento de plantas frágeis, um quimérico matagal duma frescura prazenteira. Bipartindo desigualmente essa zona toda scintilante e pouco menos que nevada, o intervalo por onde Constâncio caminhava, mais baixo de nível e mais baço, parecia alastrado de farinha.

A horta terminava junto às construções deterioradas, que defrontavam as traseiras do palacete. Constâncio tomou pela abertura entre a coelheira e o pombal. Achava-se na espécie de pátio para onde deitava a cozinha velha. Não tinha mais do que inclinar sôbre a direita, caminhar alguns vinte passos, e estava no primeiro degrau do pequeno lance exterior. Todavia, em lugar de prosseguir, ficou a olhar preocupado para o último andar da moradia, que se estirava maciça e solene. As duas filas irregulares de janelas, a todo o comprimento, sem uma só vidraça aberta, punham-lhe um ar misterioso, pior mesmo — mortuário, porque a faziam como abandonada.

As vezes, ao voltar do passeio, o velho deleitava-se um tanto em mirar o vasto edificio, ainda forte apesar dos estragos, com um aspecto antigo e fidalgo; mal de si! lastimava tambêm, que já quasi lhe não pertencia o solar de seus antepassados. Hoje, contudo, preponderava nêle um sentimento ainda mais doloroso. Se um dia, ao recolher a casa, a encontrasse deserta como agora lhe parecia!... Era para Luciana que ia o seu pensamento, era ela a quem buscara com os olhos ao deter-se, num movimento irreflectido sem resultados prováveis. Não obstante as indiferenças da sua velhice, experimentava pela neta uma paixão como talvez nunca tivera por ninguém. Isso crescera, subjugara-o, desde que a via adoentada. Aquele muito estremecê-la fazia-lhe vibrar a cada instante uns restos de imaginação, num sentido trágico, lúgubre. Se não a soubesse lá dentro mau grado a impressão tumular que dava o casarão fechado, sentia com atroz evidência que numa vertigem ali caíria, fulminado instantâneamente.

Não se atrevia a entrar em casa. Da sua negra fantasia distava longe à realidade; mas não teria Luciana, desde a véspera, piorado? Estava ainda no quarto quando êle saíra; naturalmente, dormia; não quisera importuná-la. Achá-la-ia hoje na mesma? Poderiam bem evitar-lhe essas torturantes incertezas se miúdamente lhe expussem a verdade. Assim, encobrimdo-lhe os sintomas ou deformando-os, como havia de prever a evolução do mal? Nem Isilda nem Catarina procediam devidamente quanto àquela doença; Luciana andaria melhor em desafogar com o avô. Não tinha razão em pensar que o seu único parente fôsse incapaz de consolá-la; e muito mais

errava em supor que êle avolumaria o perigo, ou que era um velho tão definhado, que não resistia ao menor choque. Pobre criança, que longe estava da desumana realidade! Êle ainda conservava, como uma chaga insarável, o hábito duro dos desgostos, até dos grandes infortúnios.

Como as pernas lhe vergavam de fadiga e continuava sem ousio de ir mais adiante, procurou onde assentar-se. Defronte, encostado ao edificio, entre dois portais das lojas, jazia um tronco, muito grosso, de castanheiro; Constâncio atravessou para lá. Já próximo, viu que o assento que escolhera, não era falho de desconfortos; a metade do tronco virada para cima, alvejava com um polvilhamento de geada, extremamente fina, desenhando os nós do lenho, todas as nervuras da casca. O velho esfregou com a ponta da capa os pequeninos cristais, que facilmente despegaram, e assentou-se numa extremidade.

Ao pé, uma pilha de tábuas, de madeira mais clara, estavam também empoadas às riscas; e a distância, em frente dum celeiro, a palha dum volumosa mêda tinha em sítios mudado de côr; tornara-se branca em largas malhas.

Constâncio olhava indiferente; a sua obsessão prosseguia. O médico podia ser mais franco, ou sequer, o farmacêutico devia ter-lhe indicado a gravidade e as consequências da moléstia. Com certeza que de Isilda, quem sabe mesmo se de Luciana, não faziam tanto sêgrêdo. Para que se calavam elas? repetiu mais uma vez. As gerações, deduzia, iam-se tornando menos cumpridoras; tivera outro acatamento dos filhos.

Esso lastimar de épocas antigas, levou-o a pesquisar em redor qualquer coisa bem do seu tempo. Mas se até o pátio banal onde estava,

diferia tanto do que fôra! . . . E súbitamente, reforçado pelo cansaço, veio-lhe um sentimento sinistro de solidão, de desamparo. Era um destrôço à toa no mundo, um ente sem ninguêm e sem nada, um pedinte sem um rosto vigilante a chorar-lhe a hora derradeira.

Catarina apareceu à porta.

— Ah! O senhor está aí ao frio!?! . . .

— A minha neta, já se levantou?

— Já aqui está à lareira.

— E que tal hoje? indagou êle, retemperado por aquele interêsse e podendo outra vez pôr-se a pé.

— Parece mais abatidinha.

VI

LUCIANA sentia-se melhor, certos dias, e exagerava à família essas melhoras. Queria assim tranquilizar; mas o seu optimismo iludia ao revés Constâncio; era-lhe causa de cuidados maiores do que seria a verdade franca. Quanto a Isilda, pressentia que o bom ânimo tinha um quê de curativo; não desaprovava a amiga, tentava apenas desanuviar o taciturno. À fôrça, porém, de falsear-se um pouco, a doente chegava a confiar em demasia; tinha tendência a descurar as prescrições do médico, embora não muito enfadonhas. Debalde Catarina a precatava. Luciana não se poupava ao menos; teimava em trazer a sua ajuda às obrigações caseiras. Mal acedia às persuasões de Isilda, aos conselhos de seu avô, ambos afastando-a de toda a fadiga; fôra sempre cheia de abdições, talvez funestas. Demais, a vida ali decorria triste, sem distrações; entre-tinha-a o coser, o arrumar, já que mais não podia. No entanto, falta de apetite, o menor esforço debilitava-a; acabou por não ter mais remissões no seu estado de adoentada.

Havia quasi duas semanas que Higinio recommencara a tratá-la; aquellas oscillações da doença, seguidas duma paragem que não era o restabelecimento, deram-lhe por fim inquietação. Exortou a sua enfôrma a ser mais cuidadosa; ordenou à familia muita severidade; prescreveu um tratamento de complicado rigorismo. Nêsse mesmo dia, Mateus, que já apparecera algumas vezes a informar-se, veio fazer uma visita; Luciana, em ócio forçado, acolheu o visitante como uma grande distracção.

O velho recebera-o no aposento em que estava, o gabinete onde tinha os seus livros; o recém-vindo assentou-se à braseira, que Constâncio agora tolerava ali, mais friorento que nos outros invernes; Luciana não tardou a entrar, agasalhada no chale escuro, franzina, com o seu habitual descoramento.

Seriam quatro horas da tarde. No céu, dum azul de inverno, estendiam-se algumas nuvens; perto da terra corria um forte vento, que se ouvia zunir por detrás das vidraças, entanto que as árvores da mata, muito sêcas, a assomarem acima do telhado em frente, abanavam e estalavam com um ruído de ossos que embatem. Cá dentro, a braseira lampejando, punha um certo confôrto alegre no aposento pouco guarnecido.

Enroscado debaixo do bufete, junto à cadeira do dono, o velho cão dormitava, sonhando acaso com brigas da mocidade. De tempos a tempos estremecia, sem acordar, e soltava um grunhido abafado.

Que tinha dito o doutor? perguntou Mateus.

—Achou-me desmazelada, ao que entendo.

—Faz mal em não ter cautela—ousou o interlocutor. balbuciante.

A convalescente prometeu, olhando para o avô, como se a êle destinasse o prometimento. Mostrava-se corajosa, sorria de quando em quando, atribuía a excesso de afeição a rigidez com que a queriam medicar. Constâncio não respondia palavra. Ainda o melhor, pensou Luciana, seria desviar a conversa. Desligadamente interrogou:

— E o senhor, como vai passando?

— Assim, assim. Não de todo bem.

— É que, a falar a verdade, chegam quâsi a convencer-me de que sou a única doente no mundo; e, afinal, nem sou aqui a única pessoa doente.

— Sim, não faltam elas, resmungou Constâncio; mas cá para mim, não há outra.

Cedera a um acesso de rabugem frenética, sem atender a que melindrava Mateus.

— Bem deve compreender-me — adoçou, depois dum silêncio.

A neta ficara perturbada no entretanto, quâsi vexada; mas o visitante conveio sem despeito:

— É natural que sinta dêsse modo.

A fim de apagar toda a má impressão, Luciana saltou de assunto.

— Apesar dêste ano que perde, observou para Mateus, acabará o seu curso bastante cedo, para se fartar de rapazes.

O interlocutor teve um murmúrio indecifrável.

— Aborrecida profissão a que escolheu! reite-rou Luciana.

— Não gosta então de crianças? indagou êle a mêdo.

— Não é pouca a minha pena por ter enviü- vado, sem um filho ao menos.

Mateus como que se inibiu de profundar a contradição; querendo porêr obrigá-lo a conversar, a convalescente esclareceu:

—Mas julgo que me seria insuportável aturar os filhos alheios.

—É fazer de conta que são nossos, resolveu êle.

—Não duvido de que os meus sentimentos sejam condenáveis, egoístas; contudo acho difícil ter outros.

—Não; creia que lhe não é difícil. Se já os tem! atalhou Mateus, com um tom sincero. Assim eu me conforme sempre à equidade e à benevolência como se havia de conformar!

Assaz indiferente ao diálogo, o velho remexia lentamente o brasido. Luciana, para evitar o silêncio—seria uma tristonha recepção,—insistia em atribuir-se as ideas de toda a gente e os sentimentos mais triviais.

—Nunca pensei nestas questões, concedeu por fim; bem pode ser que m'as fizessem ver melhor; mas o sr. Mateus não quer elucidar-me...

Sendo tão directamente convidado, êle renunciou aos monossílabos. Na sua opinião, o professorado era mais que uma profissão, era uma nobre investidura de poderes morais, que havia a exercer honestamente, tenazmente e desinteressadamente. Era um modo de vida, por certo; mas acima de tudo um encargo—sacrosanto, sublinhava—onde qualquer desfalecimento equivalia a um crime, onde o êrro não tinha expiação, onde o lucro, tão pequeno, nunca devia importar, porém sim a responsabilidade, tão grande.

—O professor, prosseguiu, tem de ser um pai instruído. Mas sempre um pai e um educador. Quanto a mim, trata-se menos da memória da criança, ou até da intelligência, que do seu coração e carácter.

As frases saíam-lhe claras e sem esforço, como versando uma tese de há muito tempo meditada. Pouco a pouco abandonara a timidez, e todo compenetrado das suas teorias fôra mais longe do que o tinham incitado. A modo de conclusão, ajuntou:

—Por tudo isto, convenho, não é um mister chão e vulgar; deve ser uma vocação a sério e uma abnegação incansável. Os pais nunca se fariam dos filhos; assim será o professor. Se um só instante me sentir enfasiado, muito deveras lhe digo que desisto.

A interlocutora escutara silenciosa, captada com a exposição, senão com o fundo de ideas; à última afirmativa, exclamou surpreendida:

—Desistiria mais uma vez!?

—Seria um mal enorme para os interesses do meu corpo, mas um bem para a minha consciência.

—Para a tua alma? regougou Constâncio.

—Sim, talvez para ela, murmurou o interpelado.

Reservadamente, o velho bamboleou a cabeça.

—Tens certezas que eu não tenho; mas há uma de que te não lembras—é que se morre de fome.

Mateus não se mostrou confundido, como quem houvesse arriscado uma promessa no ar; todavia não retrucou.

—Eu estou com os pés para a cova...

—Não fale assim! interpôs a doente, num rôgo.

—É a verdade, teimou Constâncio egoísta-mente.

E voltando-se de novo para o visitante:

—Acho contudo que é duro morrer, seja por que forma fôr.

Expressiva-se com um pouco represso azedume.

— Emfim, os teus escrúpulos são generosos, admitiu. Mas não te esqueças de que vivemos uma só vez. — Nem tu tão pouco, Luciana.

Ambos desejavam assegurar que não desprezariam a vida; mas pressentiram que qualquer justificação, agravaria em Constâncio o mau humor, e nêles, dois melancólicos, o desalento em que tinham descaído, ao ouvirem afirmações tão entristecedoras. Por um longo espaço imperou o silêncio; fora, o vento gemia, abanando o arvoredo. Os pensamentos do velho tinham deixado um tal ressaibo, que parecia, por fim, como se pairasse sôbre o grupo a ameaça duma catástrofe. Era urgente terminar aquela pausa, cuidou Luciana.

— A Isilda não passa sem vir cumprimentá-lo, declarou para o visitante; mas está hoje tão atarefada! Não lhe bastava a sua parte de serviço, ainda é preciso que ajude agora a Catarina.

Para comprazer, Mateus procurou inteirar-se.

— É que a nossa velhota anda adoentada, explicou Luciana. O doutor também lhe receitou; mas trata-se de achaques provenientes dum temperamento, e que devem aumentar com a idade, supõe êle. Será bem triste vê-la para aí, amarrada numa cadeira, e sem lhe podermos valer.

— Coitada! lamentou Mateus. Contudo o mal não irá tão longe.

— Se a deitar abaixo pelo caminho, interveio Constâncio. Há complicações ao que parece.

O seu modo e a sua voz eram mais amenos. Tinha algum tanto desabafado os desvelos que o martirizavam.

— Está então inutilizada a sr.^a Catarina?

— Por ora são rebates passageiros, replicou o velho.

E com menos compaixão:

—Que há-de ela fazer senão ir mourejando? Todos nós temos tormentos; e nem por isso, enquanto podemos, desistimos inteiramente das nossas ocupações.

Pegou novamente na mão do braseiro, e começou a afastar, para as bordas do vaso de cobre, a cinza fina, pontuada de ignições; ao centro, sob uma capa em combustão, muito rala, entremostrou-se a camada preta das hastes delgadas de esteva, semelhantes aos carvões para desenho. Carbonizadas é que as punham no braseiro, e ardiam gradualmente; para apressar a incandescência, Constâncio agarrou num livro, que tinha sôbre o bufete, e principiou a abanar.

—Realmente faz hoje frio, anotou o visitante.

—Também sinto — concordou Luciana, encolhendo as espáduas, como com um arrepio.

Distraída, olhou para os dois retratos que na parede a defrontavam. Pela sugestão dos movimentos, Mateus voltou-se, a examinar com minúcia a biblioteca do velho, nas duas formidáveis estantes que ladeavam a porta.

—Encontras aí alguma coisa que te convenha?

O rapaz teve um rubor embaraçado, como se lhe houvessem penetrado a inconsciente cubiça de possuir toda aquela livraria.

—Não são menos antigos do que eu os mais modernos dêsses alfarrábios. Entretanto, se entenderes que algum te pode servir para consulta, tem-lo à tua disposição.

—Há obras que são sempre novas — comentou Mateus, numa espécie de agradecimento.

—Também passam, mesmo as melhores. Contudo, assim envelhecêssemos nós, tão devagar! Já rutilava o brasido, todo aos relampejos

vermelhos. Atraída pelo calor, Luciana estendeu mais os pés sobre o estrado, sem desfitar os dois retratos.

— Queres acreditar, exclamou Constâncio para o visitante, que estou impossibilitado de ler? Ultimamente, se teimo, dão-me perturbações na vista.

O interlocutor buliu os beiços, mas calou-se, com um ar muito grave. Qualquer consolação seria frívola.

— Em todo o caso, prosseguiu o nonagenário, tenho ainda amor aos meus volumes. Empresto-te; não t'os oferto.

— Considero bastante favor, tartamudeou Mateus.

— Ficar-te-ão uns tantos quando morrer.

Silenciou com um gesto breve.

— Já agora tens pouco que esperar.

— Sempre essa idea, meu avô! acudiu Luciana.

Ele sorriu tristemente. Imaginava a neta iludido?... Irrompeu com um meio agastamento:

— Não vês estas mãos como tremem?

Tremiam mais que de costume; quebrara-lhe os braços o peso do livro com que estivera abanando.

— Nisto é que não podem enganar-me nem fazer mistério, porque o sinto eu.

Luciana não percebeu a alusão, mas o modo rude abalou-a.

— Vão-se-me as fôrças acabando, concluiu o velho.

A neta virou a cabeça para ocultar os olhos marejados. Supliciavam-na aquelas considerações — pensou Mateus, desejoso de interpor-se, mas receando. Felizmente para a sua indecisão, ouviram-se passos pelo corredor.

Catarina abriu a porta e participou com um tom inerte:

— Está aí o dianho da *Bruxa*.

— Onde? indagou o amo com desagrado.

— Lá em baixo na cozinha.

— Que se vá! Que se vá embora! bradou Luciana, ainda com os nervos magoados.

— Não descansava a endemoninhada para que eu viesse avisar...

— Dize-lhe que saí, que não posso falar-lhe, que estou incomodada.

— Que temos visitas, aconselhou Constâncio.

— Não se contentava com as minhas desculpas... — desenvolveu ainda a criada.

Com maneiras sacudidas, o velho treplicou:

— Pois que se contente com as nossas.

— O que o senhor manda, é o que se faz, observou Catarina sonsamente.

Mas em lugar de obedecer, ficava especada entre as estantes, ageitando mais para a testa o lenço taful da cabeça, que lhe encobria o cabelo grisalho. Remascava, entreabria a bôca; fitava com o iris deslavado a sua menina e o avô, alternadamente, numa ambígua preocupação. Finalmente gaguejou:

— Se pudesse, não subia cá acima. Fingia só. Mas tive medo.

Exprimia um inquieto embaraço nas bochechas adiposas.

— Já nos explicaste as tuas razões — advertiu Luciana, enervada. — Essa criatura, que não nos deixa agora!... lastimou para Mateus.

— Por isso mesmo é que eu cuidei que seria bom a menina falar-lhe — para ver se ela nos desampara.

Constâncio resmungou quási consigo:

— Seja como fôr, há-de vir.

De novo interveio a convalescente.

— Se não tens mais que nos dizer, vai entre-tê-la, não nos apareça aqui.

No estado combalido dos seus nervos sentia um asco, um pavor, só com a idea de avistá-la.

— Obedece! ordenou o velho, reparando no desassossêgo da neta.

Passou a mão trémula pela testa, e procurando uma intonação firme, sentenciou para a serva :

— Não tenhas medo de coisa alguma.

Ela afastou-se arrastadamente, a gemelhar.

Lá fóra, o nordeste não sossegava; na alta vertente defronte das janelas, algumas filas de carvalhos e castanheiros oscilavam como mastros de navios sôbre um mar tempestuoso. O tôpo dos troncos, em magotes mais e mais sobrepujantes, acenava gestos terríveis; e às vezes, súbitamente, toda a extensão de arvoredos, ainda larga, que cá de dentro se abrangia, estorcia-se num emmaranhamento frenético, revolteava num ímpeto supremo, como abalada até às raízes por um imenso terramoto.

Apenas mais perto das janelas se podia avistar bem o céu; os três interlocutores, assentados em volta da braseira, ao centro do aposento, quási só tinham por espectáculo a barbaridade da ventania a querer demolir as árvores, que se debatiam atormentadas. Havia agora, em todos, um mal-estar, desde que cessara o diálogo. Apesar do aquecimento, êsse porêem tão defeituoso, o escritório já não parecia confortável, e muito menos alegre, com as suas estantes austeras, a sua banca de estilo antigo, as suas cadeiras duma gravidade pomposa, o seu contadorzinho deteriorado, de

outras eras, os dois vultos arcaicos nos retratos, a nudez do soalho e das paredes, e o teto, não tão familiar quanto luxuoso e fidalgo. A vinda de Catarina, sobretudo, contaminara duns aos outros uma incerta perturbação e não se sabe que absurdos receios.

Na cercadura de azulejo que revestia até alto as paredes, buliçavam no entretanto, a azul pálido sôbre um fundo branco, frescas divindades da fábula, leves, airosas e felizes. Viam-se nos intervalos dos móveis alguns tritões assoprando em grossos búzios, golfinhos a nadarem, requebrados, um grande rochedo onde as sereias penteavam as esplêndidas tranças, as naus — acaso de Ulisses — fugindo ao longe, no céu Júpiter troante, em baixo o oceânico Neptuno, de longas barbas, tridente em punho, navegando numa vasta concha.

O vento zoava sempre, acompanhado pelo entrechocar da ramalhada.

A saída de Catarina, o cão tinha despertado, e viera postar-se entre o dono e a dona, em pé, a abanar vagamente a cauda. Com os seus olhos embaciados, de velho, fitara primeiro Constâncio, depois a doente, a quem era muito afeiçoado; acabou por acercar-se mais, farejando-lhe as mãos com o focinho húmido. Luciana, meio consciente, afagou-lhe o lombo claro, malhado a preto, de pêlo riço; e o *Terror* tentava lambê-la, entreabrindo a bocarra de lobo, já sem dentes, a baba senil a escorrer, menos festivo do que bajoujo. Ela, por fim, para o aquietar, agarrou-lhe na coleira e levou-o brandamente a estirar-se no chão; o animal teve um pequeno ganido como se o houvessem magoado. Bem estendidas as patas dianteiras, a cabeça levantada, ficou-se a mirar

Luciana com os olhos vítreos, que já pouco alcançavam. Ainda exprimiam contudo, embora mal, um sentimento de saúde, comiseração, ou o que quer que fôsse. Era a repulsa que assim o penalizava, ou apenas melancolia da velhice? scismou Mateus, observando-o.

— Não lhes estarei a tomar muito tempo? inquiriu de repente.

Quási imputava à sua presença aquele enleio, aquela pausa; os interlocutores, porém, acudiram depressa que a sua visita era o maior favor.

— Eu sou um velho para aqui, ajuntou Constâncio, de quem toda a gente se esquece.

— Menos os seus, emendou o visitante.

— Sim, — afirmou êle, com apatia. — Se não fosses tu, prosseguiu, e o doutor, ninguém vinha a esta antiga casa. Até mesmo os camponeses, é só quando há em que os empregar, que querem alguma coisa connosco. Já temos pouco para dar, comprehendes? E do que ainda damos talvez, esquecem-se rápidamentee.

Mateus esboçou na fisionomia uma censura; o idoso reatou:

— Dantes, os homens eram mais gratos; também esta casa era rica. Bem deves imaginar que não nos deixavam ao abandono os que precisavam de nós. E havia outros, muitos outros, os que acorriam às festas, e os que prezavam a intimidade. Mas acabou-se a geração da gente alegre; para mais emigraram ou extinguiram-se não sei quantas famílias notáveis, aqui das circunvizinhanças; e os meus amigos morreram um a um, minha mulher, os meus filhos...

Para evitar que as reflexões de Constâncio se ennegrecessem ainda mais, a neta obrigou-o a retroceder.